



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO**

JONY ALASON DA SILVA PESSOA

**MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS DO BAIXO
AMAZONAS**

MANAUS

2023

JONY ALASON DA SILVA PESSOA

**MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS DO BAIXO
AMAZONAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), como requisito à obtenção do título de mestre em Ensino Tecnológico, sob a orientação do Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

Área de concentração: Processos e Recursos para o Ensino Tecnológico.

Linha de pesquisa 1: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga

MANAUS

2023

P475m Pessoa, Jony Alason da Silva.
Memórias pedagógicas de professores ribeirinhos do baixo Amazonas /
Jony Alason da Silva Pessoa – Manaus: IFAM, 2023.
156 f.; il; color.

Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ensino
Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

1. Docência - memória. 2. Educação ribeirinha. 3. Amazonas. I.
Gonzaga, Amarildo Menezes. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 371.008

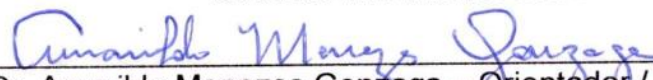
JONY ALASON DA SILVA PESSOA

“MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS DO BAIXO AMAZONAS”

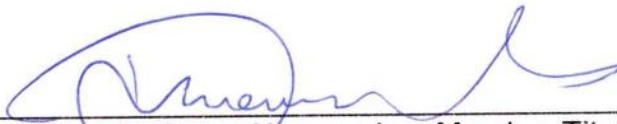
Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa Profissional de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico. Linha de Pesquisa: Processos para a eficácia na formação de professores e no trabalho pedagógico em contextos de ensino tecnológico.

Aprovada em 05 de dezembro de 2023.

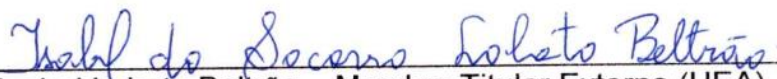
BANCA EXAMINADORA



Dr. Amarildo Menezes Gonzaga – Orientador / Presidente
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Dr. Tarcisio Cerpa Normando – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Drª Isabel Lobato Beltrão – Membro Titular Externo (UEA)

Dedico esse trabalho:

In memória

A minha avó Maria Horácia Alfaia da Silva e ao anjinho David Clara Viana Pessoa que Deus levou com apenas seis semanas no ventre da sua mãe.

Em vida

A meu Pai/Avó Raimundo Machado da Silva; aos meus Pais Suely Regina Alfaia da Silva & Marconi Luiz de Araújo Bahia; a minha esposa Cleomara Pereira Viana, aos meus filhos Tiago V. Pessoa, Chiara Mirian V. Pessoa e Maira Luzia Alfaia da Silva, aos meus irmãos Jonison Alfaia da Silva, Joelson Alfaia da Silva e Millena Regina da Silva Bahia e aos Padres: Marco Bennati e Ireneu Neubaner.

AGRADECIMENTOS

Totus Tuus Mariae (Todo Teu Maria)

Começo agradecendo a Deus por ter escolhida a cheia de Graça Maria, para ser a Mãe de Jesus. Foi o sim de Maria que me fez acreditar que nessa vida Deus tem um projeto para cada um, e nesse projeto Jesus me deu a honra de Chamar sua Mãe de Mãe, e ter me dado a missão de propagar o Coração Imaculado de sua mãe na contemporaneidade. Mas qual a ligação disso tudo com o mestrado? Todos esses acontecimentos em minha vida tem uma ligação direto no ingresso ao mestrado, foi no momento doloroso da minha vida que Maria apareceu, e com ela trouxe de volta a minha família e estando eu na graça, a aprovação do mestrado veio em dezembro de 2020.

E nesta caminhada de quase três anos, Maria sempre esteve comigo. O mestrado não foi uma caminhada fácil, foram noites acordadas, renúncia de trabalho, renúncia de lazer entres tantas outras coisas que tive que deixar de lado para seguir o foco. Foi resiliência, pois as adversidades foram imensas principalmente nos casos de enfermidades familiar que ao longo dos anos foram constantes.

Agradeço a minha família: esposa, filhos, mãe, pai, irmãos, avô e sogros. Agradeço ainda as minhas cunhadas: Celiane Souza, Diene Garcia, Claumira e Clemilda Viana; e ao cunhado Gilmar Santos, que me ajudaram até aqui nesta longa e árdua caminhada.

Agradeço também a professora Celiane Pacheco, Angelita Valente e Katrine Apurinã por toda torcida até aqui, ao meu gestor Tarcisio do Rosario e ao Pedagogo Adriano Ronaldo.

Agradeço a Professora Eliana Jordão e Jane Pontes que sempre com suas palavras me motivou a seguir desde os tempos em que eram minha professora de Língua Portuguesa desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio, hoje colegas de Profissão.

Quero Agradecer também aos professores que fizeram parte da oficina de memória pedagógicas de professores ribeirinhos, em especial Professores Mestre Pedro Seixas, Pablina Seixas e Jonailson Jordão Seixas.

Agradeço a todo o corpo docente do PPGET, que foram crucial na minha formação durante a caminhada neste período formativo.

Agradeço também a professora Eline Costa de Oliveira, parceira do curso de pré-vestibular HORA CERTA.

Agradeço o meu designer Junior Sumar por toda dedicação e paciência comigo.

Quero agradecer aquelas pessoas que me ajudaram lá no início da seleção que se importaram com a minha causa, Gilmar Santos Cinegrafista, Millena Bahia equipe de apoio, Junior Silva designer, e equipe do setor Indígena, em especial Lucia Marinho e o técnico Nilcinho Lima.

Quero agradecer a equipe de Apoio da live, o professor Heliton Beltrão, Negão do Som. Akio Kimura, Celiane Souza, Sueli Alfaia, Chiara Mirian, Junior Sumar, a equipe Científica: Ronielison Matos, Jaiane Vitória, Andrey Jhonata, Guilherme Cabral e Lorian Michaela.

Quero agradecer também a Professora Dra. Isabel Lobato Beltrão, pois foi com ela que iniciei a minha formação científica pautada na investigação da formação de professores, com ela dei meus primeiros passos para sair da caverna em que me encontrava, quando cheguei na formação inicial.

Por fim agradecer ao meu Orientador Amarildo Menezes Gonzaga, por não soltar da minha mão até aqui, por acreditar em mim, por toda a dedicação comigo enquanto orientador, para mim é uma honra ter sido o seu último orientando de mestrado, gratidão sempre.

RESUMO

O presente trabalho, destacamos a grande importância de se analisar as práticas pedagógicas vivenciadas pelos professores ribeirinhos que ministraram/ministram as aulas nas comunidades de Barreirinha região do baixo Amazonas, considerando principalmente o processo de construção dos saberes, as possibilidades da autoformação e da ressignificação do conhecimento na contemporaneidade no contexto do ensino profissional e tecnológico. Esta pesquisa foca-se nas memórias em narrativas, contando-se em episódios de vidas de um ponto de vista ontológico, destacando momentos de resiliência, autoformação, formação docente e prática pedagógica. Partindo da problemática de investigação “Como professores ribeirinhos podem contribuir com as experiências, adquiridas durante suas formações e execuções das práticas pedagógicas docentes em escolas ribeirinhas a partir das suas narrativas?” Traçamos um fio condutor, com o objetivo principal “Compreender registros de memórias de professores ribeirinhos que contam episódios de sua vida no sentido ontológico, destacando momentos de resiliência, autoformação, formação docente e prática pedagógica ao longo do seu trabalho docente em escolas ribeirinhas no baixo Amazonas”. Quanto ao método o trabalho aqui é apresentado é de natureza qualitativa sustentada em fundamentos de Creswell (2014), por considerar proposições de um método/metodologia de pesquisa. Quanto ao tipo de pesquisa, esta por sua vez está pautado em uma pesquisa narrativa com foco/abordagem na autobiografia. Há sempre uma história envolvida, que está sempre mudando. “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (Clandinin e Connelly, 2011, p.49). O trabalho está dividido em três capítulos todos alinhados as questões norteadoras paralelas aos objetivos específicos. O primeiro capítulo é apresentando o memorial formativo do pesquisador, no segundo capítulo a proposta/escopo da pesquisa que gerou o produto educacional apresentado em cinco etapas e mesmo cada uma tendo suas especificidades, complementam-se entre si e no terceiro capítulo o produto educacional que tem como proposta uma oficina onde foram colhidas as narrativas docentes. O estudo buscou percepções valiosas sobre as experiências, aprendizados e estratégias desenvolvidas por esses educadores, proporcionando uma compreensão mais profunda do contexto educacional único dessas comunidades ribeirinhas na região amazônica. As narrativas também sinalizam uma reflexão a respeito da democratização da educação na atualidade, pois a maioria das escolas ribeirinha emergem por tecnologias digitais para proporcionar para os professores novas vivências pedagógicas atreladas as práticas docentes, sabendo que nos tempos atuais as tecnologias digitais não são democratizadas em nosso estado, ou seja, novas políticas se fazem necessário. Em suma a tessitura da temática, trouxe grandes reflexões e contribuições significativas e impactou muito na construção do Produto Educacional aqui proposto como “Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos”, cuja contribuição incidiu na autoformação, tomando como recurso facilitador os aplicativos digitais WhatsApp e Facebook/Instagram, que poderá servir de inspiração para os professores em suas práticas pedagógicas na atualidade, e para os formadores fazerem uso desse produto, pautados na autoformação, formação docente, prática pedagógica e resiliência de professores ribeirinhos.

Palavras-chaves: Oficina de memórias pedagógicas; Narrativas de Professores Ribeirinhos; Autoformação docente; Prática Pedagógica; Resiliência.

ABSTRACT

In this work, we highlight the great importance of analyzing the pedagogical practices experienced by riverside teachers who taught/teach classes in the communities of Barreirinha, in the lower Amazon region, considering mainly the process of knowledge construction, the possibilities of self-education and the resignification of contemporary knowledge in the context of professional and technological education. This research focuses on memories in narratives, telling episodes of lives from an ontological point of view, highlighting moments of resilience, self-education, teacher training and pedagogical practice. Starting from the research problem “How can riverside teachers contribute with the experiences acquired during their training and execution of teaching pedagogical practices in riverside schools based on their narratives?” we traced a guiding thread, with the main objective “To understand records of memories of riverside teachers who tell episodes of their lives in an ontological sense, highlighting moments of resilience, self-education, teacher training and pedagogical practice throughout their teaching work in riverside schools in the lower reaches Amazon.” As for the method, the work presented here is of a qualitative nature based on the foundations of Creswell (2014), as it considers propositions of a research method/methodology. As for the type of research, this in turn is based on narrative research with a focus/approach on autobiography. There is always a story involved, which is always changing. “Experience happens narratively. Narrative research is a form of narrative experience” (Clandinin and Connelly, 2011, p.49). The work is divided into three chapters, all aligned with guiding questions parallel to the specific objectives. The first chapter presents the researcher's formative memorial, in the second chapter the proposal/scope of the research that generated the educational product presented in five stages and even though each one has its specificities, they complement each other and in the third chapter the educational product that The proposal is a workshop where teaching narratives were collected. The study sought valuable insights into the experiences, learnings and strategies developed by these educators, providing a deeper understanding of the unique educational context of these riverside communities in the Amazon region. The narratives also signal a reflection on the democratization of education today, as most riverside schools emerge using digital technologies to provide teachers with new pedagogical experiences linked to teaching practices, knowing that in current times digital technologies are not democratized in our state, that is, new policies are necessary. In short, the theme's texture brought great reflections and significant contributions and greatly impacted the construction of the Educational Product proposed here as “Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos”, whose contribution focused on self-education, using the digital applications WhatsApp and Facebook as a facilitating resource. /Instagram, which can serve as inspiration for teachers in their current pedagogical practices, and for trainers to make use of this product, based on self-education, teacher training, pedagogical practice and resilience of riverside teachers.

Key-words: Pedagogical memories workshop; Narratives of Riverside Teachers; Teacher self-training; Pedagogical Practice; Resilience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Avô materno

Figura 2 - Avó materno

Figura 3 – Minha Mãe Suely Alfaia

Figura 4 – Minha Família, Irmãos, pai e mãe

Figura 5 – Família, Esposa e Filhos

Figura 6 – Diplomação Formação Inicial

Figura 7 – Início do ano letivo 2015

Figura 8 – Sentir-se professor

Figura 9 – Práticas pedagógicas ribeirinho

Figura 10 – Caminho para escola ribeirinha

Figura 11 – Turma do PPGET 2021

Figura 12 – Aula História da Ciência e Ensino Tecnológico

Figura 13 – Aula dimensões paradigmática da pesquisa e tendencia investigativa no ensino

Figura 14 – Estratégias e Metodologias Mediadoras da Aprendizagem no Ensino

Figura 15 – Imagem do Texto trabalhado na regência

Figura 16 – Alunos que participaram da regência do estágio 26/09/2022

Figura 17 – Culminância da regência 02/06/2022

Figura 18 – Comissão de comunicação e Divulgação SETA 2022

Figura 19 – Foto panorâmica da frente da Cidade de Barreirinha

Figura 20 – Escola Estadual Professora Maria Belém

Figura 21 – Escola Estadual Antônio Belchior Cabral

Figura 22 – Escola Municipal Nossa Senhora do Livramento

Figura 23 – Aplicação da oficina via grupo *WhatsApp*

Figura 24 – Aplicação da segunda etapa da Oficina via grupo *WhatsApp*

Figura 25 – Apresentação do Seminário Tema 1 via grupo *WhatsApp*

Figura 26 – Contribuição da Professora (K.S.D) no seminário tema 1 via grupo *WhatsApp*

- Figura 27 – Contribuição da Professora (K.S.D) no seminário tema 1 via grupo *WhatsApp*
- Figura 28 – Apresentação do seminário tema 2 via grupo *WhatsApp*
- Figura 29 – Apresentação 3ª etapa “roda de conversa” da oficina via grupo *WhatsApp*
- Figura 30 – Prints da introdução da 3ª etapa “roda de conversa” da oficina via grupo *WhatsApp*
- Figura 31 – Prints do Grupo de *WhatsApp* onde aconteceu a oficina
- Figura 32 – Flyer de Divulgação de Capa da live
- Figura 33 – Publicação de convite para live compartilhada via *Facebook*
- Figura 34 – Equipe de apoio montando o cenário para live
- Figura 35 – Apresentação da live
- Figura 36 – Professores participando da live
- Figura 37 – Momentos da live
- Figura 38 – Professora compartilhando suas narrativas
- Figura 39 – Professor compartilhando suas narrativas
- Figura 40 – Professor compartilhando suas narrativas
- Figura 41 – Comentário das participações dos internautas
- Figura 42 – Professor fazendo sua avaliação sobre a oficina
- Figura 43 – Professor fazendo sua avaliação sobre a oficina
- Figura 44 – Professora fazendo sua avaliação sobre a oficina
- Figura 45 – Avaliação das duas professoras que participaram online
- Figura 46 – Professores e colaboradores da live

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EDUCANORTE – Instituto de Apoio Superior do Norte

FACIBRA – Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBIDEM - Na mesma obra

IFAM - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

PAIC - Programa de Apoio à Iniciação Científica

PIME - Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PROETI - Projeto Escola de Tempo Integral

PPGET - Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico

PROFMAT - Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional

SETA - Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 MEMORIAL FORMATIVO AUTOBIOGRÁFICO.....	23
1.1 Momento ontológico da minha Educação.....	24
1.1.1 Eu no mundo	24
1.1.2 Meus Avós Maternos.....	26
1.1.3 Meu exemplo de resiliência, minha Flor Sílica.....	27
1.2 Trajetória escolar: o início da formação	28
1.3 Formação Inicial Docente	31
1.4 Trajetórias profissionais e reflexões	35
1.4.1 O início de tudo, o ofício de ser Professor Ribeirinho.....	35
1.4.2 Saberes docentes enquanto ribeirinho	39
1.5 Formação continuada.....	42
1.5.1 O Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico em minha vida	44
1.5.3 Um momento ontológico dentro do processo formativo	48
1.5.4 Estratégias e Metodologias Mediadoras da Aprendizagem no Ensino	51
1.5.6 Diversidade e Prática Docente.....	54
1.5.7 - O Estágio Docência Dentro Da Formação Continuada.....	56
1.5.8 A Regência na Formação Continuada	57
1.5.9 O SETA e a Formação Continuada	61
1.6 Resiliência.....	63
1.6.1 1º episódio: um menino resiliente em meio as adversidades da infância	65
1.6.2 2º episódio: A formação inicial.....	66
1.6.3 3º Episódio: os desafios ribeirinhos na prática docente	68
1.6.4 4º Episódio de resiliência: O mestrado Profissional em Ensino Tecnológico	71
2 OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS	73
2.1 Dados de Identificação	73

2.2 Carga Horária	73
2.3 Público Alvo.....	73
2.4 Caracterização	73
2.5 Justificativa.....	74
2.6 Fundamentos Norteadores	75
2.6.1 Bases conceituais.....	75
2.6.2 Bases metodológicas	80
2.7 Objetivos Norteadores	81
2.7.1 Objetivo Geral	81
2.7.2 Objetivos Procedimentais.....	81
2.8 Descrição Metodológica.....	82
2.8.1 Primeira Etapa: Tempestade de ideias	82
2.8.2 Segunda Etapa: Seminário	84
2.8.3 Terceira Etapa: Roda de conversa	87
2.8.4 Quarta Etapa: Reunião de Produção Textual.....	89
2.8.5 Quinta etapa: Live de socialização.....	92
3 PRODUTO EDUCACIONAL: OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS	95
3.1 Cenário da Pesquisa	95
3.1.1 Barreirinha-Am e o Contexto Histórico.....	95
3.2 Cenários Escolar	97
3.2.1 Escola Estadual Professora Maria Belém	97
3.2.2 Escola Estadual Belchior Cabral	98
3.3 Sujeito da pesquisa: docentes ribeirinhos	100
3.4 Aplicação da oficina.....	101
3.4.1 Primeira etapa: Tempestade de Ideias	102
3.4.2 Segunda Etapa: Seminário	112
3.4.3 Terceira Etapa: Roda de Conversa	120

3.4.4 Quarta Etapa: Reunião de Produção Textual.....	125
3.4.5 Quinta etapa: live de Socialização das narrativas coletiva.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	148
APÊNDICE A - CONVITE PARA PARTICIPAR DA OFICINA DE MEMÓRIAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS.	155
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	156
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	156

INTRODUÇÃO

Vivemos na Amazônia chão de riquezas, uma região que abriga uma imensa biodiversidade, com inúmeras espécies de plantas e animais, para alguns é o pulmão do mundo, para outros o coração do planeta, outros ainda o coração do Brasil. Entre mitos e verdade eu como pesquisador arrisco-me definir como tesouro do mundo por suas inúmeras reservas de florestas que guardam em seu interior grandes tesouros que desperta aos olhos do mundo grande cobiças por esse imenso laboratório natural.

É neste laboratório céu aberto que se localiza o Estado do Amazonas com sua grande extensão territorial de 1.559.255, 881 km² ¹. Um estado com suas limitações de acesso as demais regiões brasileiras, devido ser coberto por uma imensa bacia de rios de água doce, e esses rios se tornam nossas estradas de locomoções em meio a essa rica floresta. É neste grande cenário de povos humildes e trabalhadores, que buscam em meio a natureza o seu sustento, que se encontram os ribeirinhos pertencentes a região do baixo amazonas, que usam os rios como via de transportes por meio de suas canoas, embarcação típica da região amazônica. As canoas menores movidas a remo são chamadas de cascos e maiores movida a motor de bajasas. As canoas são comparadas com os carros que trafegam pelas ruas das cidades pelas imensas estradas do mundo.

É na região do baixo amazonas, nos banzeiros da vazantes e cheias dos imensos rios, lagos e igarapés no calor do verão, nas fortes chuvas e temporais dos invernos amazônicos, que se encontram trafegando em suas canoas os professores ribeirinhos, sujeitos da nossa pesquisa, a qual eu enquanto professor ribeirinho busquei dialogar, ouvir e compartilhar as vivências no sentido ontológico em narrativas de memórias pedagógicas com os professores ribeirinhos , que contam suas experiências advindas desde suas formações até as práticas pedagógicas , seus momentos de resiliências e autoformações, que refletem as tecnologias educacionais criadas e recriadas e ressignificadas, que serviram como pretexto para contornarem os banzeiros e temporais dos desafios da vida, na arte de ensinar na vida ribeirinha.

Narrar as histórias dos professores ribeirinhos se fez necessário primeiro narrar no sentido singular, advindo das vivências, experiências em meio as diversidades, no contexto amazônico, nos remetendo a uma viagem em nossos imaginários, lembrando acontecimentos ontológicos que nos levam a refletir a ressignificação do sentir-se professor

¹ <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html>

nesta odisseia do professorado nestes imensos rios amazônicos, levando em consideração a peculiaridade de cada local.

Esta pesquisa sobre formação de professores, destacamos a grande importância de se analisar as práticas pedagógicas vivenciadas pelos professores ribeirinhos que ministraram/ministram as aulas em meio a esse cenário amazônico, considerando principalmente o processo de construção dos saberes, as possibilidades da autoformação e da ressignificação do conhecimento. Assim defendemos dada a singularidade de vivermos em uma região rica em culturas e saberes, oriundos das diversidades dos povos descendentes de várias regiões do Brasil e até mesmo de outros países.

Considerando o cenário a ser explorado nessa pesquisa, onde o professor cria e recria tecnologias voltados para o ensino, visando sempre a flexibilização no percurso autoformativo, vindo das vivências do dia-a-dia não só em sala de aula, mas também no trajeto que interligam as escolas e os professores. A pensar, nossas hidrovias singradas por nós, ao contornarmos os banzeiros sejam de canoas, lanchas e barcos. Em nossos relatos, sempre nos posicionamos a respeito dessas especificidades que vivenciamos e o quanto elas contribuem no processo de ressignificação dos conhecimentos que ensinamos.

Esta investigação sobre formação de professores pautados na autoformação atrelado ao ensino tecnológico, originou-se das minhas preocupações pessoais, acadêmicas e profissionais enquanto professor ribeirinho do baixo Amazonas. Acredito que ao nos dedicarmos a examinar uma questão advinda de uma inquietação, estamos trazendo à luz todo o conhecimento que possuímos, tudo o que lemos, estudamos, ouvimos e discutimos, ou seja, todas as experiências que acumulamos ao longo do tempo desde o processo formativo que vai desde a escola primária até se chegar à prática docente. Segundo Corazza, “uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida (2002, p. 124)”, uma vez que na pesquisa, atrevemo-nos a questionar verdades estabelecidas e a nos aventurar diante do desconhecido.

Não posso deixar de contar o quanto minha trajetória ao longo do mestrado foi fundamental para o levantamento da minha problemática, que aos poucos ia delimitando e reorganizando os itinerários da pesquisa. Enquanto professor ribeirinho e mestrando do Programa de Pós Graduação em Ensino Tecnológico - PPGET, experimentei uma profunda inquietação e uma ruptura nas certezas em relação a tudo o que observei, ouvi e vivenciei ao longo dos anos. Inicialmente, foi um desafio considerável; senti um impulso de escapar. No entanto, a determinação de confrontar o desconhecido e superar meus próprios medos foi mais forte.

Quando nos entregamos ao ato da dissertar, buscamos todos os aspectos das nossas experiências, vivências, desejos e até mesmo das nossas discordâncias. Em última análise, escrever se revela como um momento de profundo encontro conosco mesmos. Tomando como referência inicial essa motivação, e relacionando ela com nossas perspectivas investigativas, decidimos no início de tudo pela temática: “Saberes de Professores de Matemática Ribeirinhos do baixo Amazonas frente aos sentimentos, as possibilidades e aos avanços”. E tínhamos a princípio como problema a ser investigado: O que professores de Matemática contam sobre seus saberes, adquiridos das experiências durante a sua formação, e como os ressignificam frente aos desafios na execução do trabalho docente em escolas ribeirinhas do Amazonas? Alinhados a essa problemática mencionado, elaboramos o seguinte Objetivo Geral que era: Compreender registros de um professor de Matemática que conta sobre os seus saberes, adquiridos das experiências durante a sua formação e a execução do seu trabalho docente em escolas ribeirinhas do Amazonas.

Para buscar com mais afinco respostas quando iniciamos , traçamos as seguintes questões norteadoras e para cada uma delas, um objetivo específico, a saber: 1. O que o pesquisador conta dos saberes matemáticos adquiridos durante os processos formativos que experienciou e como os ressignifica no seu trabalho docente, como professor ribeirinho?, e como Objetivo Específico: Contar a respeito das vivências e experiências que contribuíram para a aquisição dos saberes matemáticos, ressignificados no trabalho docente, como professor ribeirinho; a outra questão norteadora. 2. O que é possível de ser contado sobre os saberes matemáticos adquiridos durante os processos formativos e na execução do trabalho docente, por professores de matemática, em escolas ribeirinhas do Amazonas, considerando a realidade e as singularidades experienciadas? e como objetivo específico: Narrar experiências de saberes matemáticos adquiridos durante os processos formativos e na execução do trabalho docente, por professores de matemática, em escolas ribeirinhas do Amazonas. 3. Que produto educacional é possível de ser elaborado, a partir do dito dos demais professores de matemática, quando estabeleceram um contraponto das vivências e demais experiências do pesquisador com as suas? e como objetivo específico: Elaborar um produto educacional a partir a partir do dito dos demais professores de matemática, quando estabeleceram um contraponto das suas vivências e suas demais experiências com as do pesquisador.

A temática visava trabalhar na perspectiva dos saberes docente, especial o saber matemático atrelado a prática docente ribeirinho, pois como professor ribeirinho queria investigar a fundo os saberes. A problemática que tínhamos embarcava em nossa canoa e

seguíamos as remadas sobre o braço do rio, era consistente para irmos com afinco a buscar respostas significativas e paralelos a essa problemática. Os objetivos alinhados com as questões norteadoras tangenciavam para essa problemática de investigação. Porém, ao longo das remadas em meio a um grande rio com vários braços em seu leito eu em minha canoa, dentro do processo de construção do escopo da dissertação, da pesquisa, na elaboração do produto educacional, se fez necessário, escolhermos um outro braço do rio com remadas diferentes, que tangenciava para uma outra margem do rio, para isso usei da flexibilidade no percurso para tais mudanças ao longo dessa viagem.

Na barca onde me encontrava em navegação, movida as remadas levava comigo as orientações do meu orientador, Professor Amarildo Menezes Gonzaga, e em cada remada refletia as contribuições do grupo de professores em formação continuada formados por mestrandos e doutorandos, ambos orientandos do meu orientador, a respeito daquilo que eu pensava ser definitivo, principalmente, em relação à metodologia escolhida, as organizações dos capítulos presente no escopo do projeto em execução e os personagens eram na ocasião do momento somente professores de matemática, pois tínhamos como foco trabalhar somente com os saberes matemático. No decorrer desse processo de escrita, a cada remada que dava com o objetivo de seguir o percurso traçado por mim, dediquei-me a ler, sublinhar, fazer anotações, esboçar ideias com o orientador e estabelecer diálogos com outros autores, explorando diversas perspectivas sobre a formação docente no contexto ribeirinho. Porém nesse processo de escrita, percebia as dificuldades em escrever e avançar para águas mais profundas em buscas das ideias que me ajudassem a trabalhar com os saberes matemático ribeirinhos.

Assim, diante das dificuldades em dissertar sobre os saberes matemático, percebi que não tinha avançado, e em minha canoa até o presente momento os peixes que tinha apanhado no lançar das redes no imenso rio nesta viagem enquanto pescador/pesquisador de ideias, emergiam para uma outra margem do rio. Porém era necessário pegar alguns atalhos que me ajudassem a chegar mais rápido e não deixassem perder os peixes que já tinha dentro da minha canoa, era então necessário ressignificar o percurso, tinha naquele momento de ser flexível comigo mesmo enquanto pesquisador. Foi na ressignificação do escopo da escrita dessa dissertação que, percebi que a pesquisa é um desafio complexo e minucioso, porém, é exatamente essa complexidade que a torna recompensador, e que cada detalhes, desde o diálogo com o grupo de orientados, as anotações feitas nos corredores da academia, os flashes

de memórias das conversas com o orientador e com os professores ao longo do mestrado, que recebi que fez toda diferença na mudança de rota.

Assim sendo ao longo das remadas e na reflexão percebi que não é somente os professores de matemática que atuam nas escolas ribeirinhas, e sim uma diversidade de professores oriundos das diversas áreas de formação e que também trazem em suas histórias de vida, memórias de saberes oriundos das vivências advinda da formação e prática pedagógica e quando contada nos ajudam a refletir a formação e autoformação, nos ajudando a compreender o processo de se tornar professor, revelando os conhecimentos essenciais para desempenhar o papel de educador. Josso (2010, p. 71) salienta que “formamo-nos quando integramos na nossa consciência, e nas nossas atividades, aprendizagens, descobertas e significados efetuados de maneira fortuita ou organizada, em qualquer espaço social, na intimidade com nós próprios ou com a natureza”. Ou seja, dominar a habilidade de aprender, utilizando uma variedade de conteúdos relevantes, é um dos principais objetivos tanto da autoformação quanto da formação de professores.

Como professor e pesquisador, busquei na pesquisa uma oportunidade de repensar a formação docente, autoformação e a prática docente, de uma maneira que anteriormente não era clara para mim enquanto professor. Para Corazza (2002, p. 124), uma prática de pesquisa está engendrada em nossa própria vida e sua escolha está implicada ao “modo como fomos e estamos subjetivados”. Corroborando com o autor Fischer (2005, p. 122) comenta que devemos nos deixar pesquisar sobre aquilo que “nos seduz, que nos faz vibrar, que nos encoraja a uma certa audácia de pensamento sobre o presente que vivemos”.

Assim sendo as reflexões advinda das minhas vivências, me levaram a trabalhar não somente com os saberes de professores de matemática, e sim com todos os profissionais das diversificadas áreas. As mudanças não foram intencionais, e sim necessárias advindo das minhas necessidades enquanto pesquisador, para que quando convidados para se tornarem sujeito dessa pesquisa pudessem contar sua história para ser (re)contada e problematizada, contribuindo para os novos rumos desta pesquisa. Profissionais que assim como eu singram os rios com suas canoas, criam e recriam tecnologias voltadas para educação, que trazem em suas bagagens saberes que adquiriram na formação e ao longo da prática docente que, no decorrer de sua formação, serviram de modelo para sua constituição como Professor. Para Tardif (2002, p. 68) destaca que boa parte dos professores sabe muito sobre “o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar”; sabem também que essas referências “provêm de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos”. Tudo

isso fez repensar e ressignificar a nossa problemática de investigação que culminou para a seguinte problemática a saber: *Como professores ribeirinhos podem contribuir com as experiências, adquiridas durante suas formações e execuções das práticas pedagógicas docentes em escolas ribeirinhas a partir das suas narrativas?* Assim, a presente dissertação tem como tema final: *Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos do Baixo Amazonas.*

Com as mudanças significativas no escopo deste trabalho, foi necessário reorganizar objetivo Central que ficou: *Compreender registros de memórias de professores ribeirinhos que contam episódios de sua vida no sentido ontológico, destacando momentos de resiliência, autoformação, formação docente e prática pedagógica ao longo do seu trabalho docente em escolas ribeirinhas no baixo Amazonas.*

Alinhados a nova problemática e ao novo objetivo central foi basilar traçamos três questões norteadoras e cada questão um objetivo específico que nos ajudassem a nortear a direção do ponto de saída e chegada da nova temática, que respondessem a nossa nova problemática a saber:

O que é possível de ser contado em narrativas, a história de vida de um professor ribeirinho, que conta suas vivências advindas desde sua infância, formação inicial, prática pedagógica até formação continuada, considerando as singularidades decorrentes da realidade em que viveu, destacando os momentos de resiliência em sua vida? Como primeiro objetivo alinhado a primeira questão temos: *Narrar a história de vida de um professor ribeirinho, que conta suas vivências advindas desde sua infância, formação inicial, prática pedagógica até formação continuada, considerando as singularidades decorrentes da realidade em que viveu, destacando os momentos de resiliência em sua vida.*

Como segunda questão norteadora: Que produto educacional é possível de ser elaborado, que incida na autoformação, oportunizando possibilidades dialógicas para professores ribeirinhos contarem de si, os momentos de resiliência e prática pedagógica ribeirinho, pautando-se em flashes de memória? Para a segunda questão norteadora traçamos o seguinte objetivo: *Elaborar um produto educacional que incide na autoformação, oportunizando possibilidades dialógicas para professores ribeirinhos contarem de si, os momentos de resiliência e prática pedagógica ribeirinho, pautando-se em flashes de memória.*

A terceira questão norteadora era como sistematizar os registros narrativos obtidos a partir da aplicação do produto educacional, para efeito de socialização com outros professores

de escolas ribeirinhas do Amazonas, a fim de que estabeleçam contrapontos com as suas vivências e demais experiências a partir de suas práticas pedagógicas? Paralelo a terceira questão traçamos o seguinte objetivo específico: *Sistematizar os registros narrativos obtidos a partir da aplicação do produto educacional, para efeito de socialização com outros professores de escolas ribeirinhas do Amazonas, a fim de que estabeleçam contrapontos com as suas vivências e demais experiências a partir de suas práticas pedagógicas.*

Toda essa explosão de acontecimento, se fez necessário ser contado para vocês caros leitores, para entender que ao longo de qualquer processo investigativo se faz necessário sempre ressignificar as jornadas, mudando o percurso sempre que necessário, tirando aquela ideia cartesiana de pronta e acabada.

O trabalho aqui é apresentando é de natureza qualitativa sustentada em fundamentos de Creswell (2014), por considerar proposições de um método/metodologia de pesquisa. Quanto ao tipo de pesquisa, esta por sua vez está pautado em uma pesquisa narrativas com foco/abordagem na autobiografia. Clandinin e Connely (2000, p. 20) definem pesquisa narrativa como "uma forma de entender a experiência" em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. O pesquisador, além de narrar a própria existência história de vida, tem a responsabilidade de desenvolver a narrativa da experiência de seus participantes; às vezes, explorando suas percepções passadas, às vezes vivenciando experiências compartilhadas no presente e às vezes fazendo projeções para o futuro, ou seja, o pesquisador deve estabelecer uma relação próxima com o participante. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois "uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores" (Clandinin e Connelly, 2011, p.18).

A presente obra descrita apresento em três capítulos conforme o novo escopo construído ao longo dos avanços do processo de pesquisa. Cada capítulo é fruto das questões norteadoras atrelados aos objetivos específicos. O primeiro capítulo se refere ao memorial formativo autobiográfico, onde falo de mim desde a minha concepção até a chegada ao mestrado profissional, destacando episódios que elejo como significativos em minha vida, que foram fatores indispensável para eu chegar até aqui. Nóvoa (2000) afirma que "não se pode isolar as experiências pessoais das profissionais". Assim, o que vivemos ao longo de nossas vidas influencia em nosso trabalho e vice-versa.

O segundo capítulo disserto sobre a pesquisa que originou o meu produto educacional que é uma "Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos". A Oficina que foi

direcionada para professores ribeirinhos das diversas áreas de formação, cuja contribuição incide na autoformação, tomando como recurso facilitador os aplicativos digitais. Detalho neste capítulo as cinco etapas que foram utilizadas na aplicação da oficina, explicando como se procedeu cada momento, com o pretexto de subsidiarem a intencionalidade que norteia o sentido investigativo do processo.

E no terceiro capítulo apresento meu produto educacional, fruto da aplicação da oficina, apresentando as narrativas dos professores ribeirinhos, advindos das cinco etapas que eram a saber: Explosões de ideias, seminário, roda de conversa, produção textual coletiva e live de socialização. Por fim apresento as considerações finais onde apresento as reflexões pertinentes, fruto deste trabalho.

Quanto ao material empírico, ele consiste em narrativas de professores ribeirinhos que trabalham em escola ribeirinhas estadual e municipal no interior do município de Barreirinha, região do Baixo Amazonas. É importante salientar as narrativas frutos da aplicação da oficina, não representam uma experiência docente no contexto universal, mas sim as práticas educacionais de um grupo específico aqui pautada na educação ribeirinha. Ou seja, as narrativas nos ajudam a refletir as vivências, experiências e perspectivas dos professores, considerando também o contexto e a posição social que ocupam e a singularidade do local onde vivem.

1 MEMORIAL FORMATIVO AUTOBIOGRÁFICO

Falar de nós mesmos na conjuntura da autobiografia, a biografia escrita pela pessoa de quem a narrativa se fala levando em consideração a veracidade dos fatos predominando a subjetividade, nos remete a uma odisseia no imaginário pessoal de quem viveu, que para Souza (2006) denomina da arte de lembrar, um processo de recuperação do eu, que envolve a própria memória, o tempo e o esquecimento, pois a memória está inscrita em um tempo que permite as ligações que produzem as lembranças, atrelado a uma dimensão utópica, sendo está uma característica própria a todas a subjetividades humana.

Subjetividade essa a ser revelada alegoricamente no contexto da história de vida de um professor ribeirinho, que foi criado em meio as dificuldades da vida na Amazônia, e que passou por um processo de transformações de um tempo vivido onde a resiliência enquanto ser humano foi se fazendo necessária, para que se chegasse aqui e contar-se sua história, que quando lembrada nos ajuda a reviver e ressignificar o acontecido passando a ser o escritor, narrador e o próprio personagem, segundo Rutter (1991 apud Marques 2008) explica que a resiliência se forma através de processos sociais e psíquicos que ajudam a ter uma qualidade de vida saudável apesar das dificuldades. São acontecimentos que ora são lembranças ontológicas felizes, ora lembranças tristes, mas que fizeram parte da nossa biografia enquanto ser existente nesta vida terrena. A escrita do memorial formativo, relatando a nossa história autobiográfica nos possibilita o conhecer-se a si mesmo, perceber a nossa resiliência enquanto seres humanos atrelados a um ser subjetivo, passando a reviver no hoje o que vivi no ontem, vivenciando novas experiências que serão lembradas e contadas no amanhã vindouro.

Na contemporaneidade, ao vivenciar novas experiências profissionais docentes, se faz necessário que o professor esteja sempre em constante formação em busca de novos saberes, pois são muitas as mudanças pertinentes nos espaços educativos. Em consonância com Martins (2010, p.14), compreendemos a formação profissional, no caso específico, a formação de professores “como uma trajetória de formação de indivíduos, intencionalmente planejada, para a efetivação de determinada prática social”. Nessa trajetória de formação vai-se construindo o retrato do professor, aquele retrato que passa a se revelar na medida que eu, como professor, passo a experienciar o novo, e este nos remete sempre a novos desafios, os quais superados com resiliência e metas que apontamos como necessárias a serem almejadas.

Partindo de um aparato que viesse trazer para mim tais reflexões procuro, neste memorial formativo, apresentar aos leitores minha autobiografia de professor ribeirinho enquanto pesquisador dos saberes docentes, profissional em autoformação, este que é o

mobilizador do conhecimento, que cria e recria métodos, sempre buscando inventar e se reinventar para acompanhar as mudanças pertinentes à globalização, mudanças essas que chegam no espaço educativo e que interferem direto na prática de ensino profissional. Procuro, na minha autobiografia, trazer a minha história no contexto ontológico formativo até o presente momento que estou vivenciando, por considerar pertinente para aqueles que irão lê-lo compreender meu processo formativo pela busca dos saberes significativos para a prática docente no ensino profissional tecnológico e para a minha formação profissional.

1.1 Momento ontológico da minha Educação

Caro leitores as seções a seguir procuro minuciosamente descrever meu trajeto escolar ontologicamente atrelado a minha história de vida.

1.1.1 Eu no mundo

Nasci, em 2 de setembro de 1987 na cidade de Parintins-AM, e me criei no município de Barreirinha-AM, ambos pertencentes ao Estado do Amazonas, Brasil. Sou o primeiro dos quatro filhos de minha mãe ambos com paternidades diferentes. O meu pai sempre trabalhou como professor, ofício que exerce desde quando terminou o magistério no município de Barreirinha-Am, não tenho muito o que falar dele pois acabei me tornando órfão de pai vivo, pois o mesmo nunca assumiu a paternidade, fato este que fez minha mãe se tornar mãe/pai para mim. Minha mãe nasceu e se criou no município de Barreirinha-AM, já o meu pai morava no interior e veio para a mesma cidade de minha mãe, morar na casa de meus avós maternos com o objetivo de completar o segundo grau, que na época era o magistério.

Foi neste ciclo de vida que o meu pai conheceu e se envolveu com a minha mãe, que na época tinha 14 anos, deixando-a grávida, fato este que a fez mudar totalmente sua história de vida, interrompendo um ciclo em sua vida que eram os estudos, para assumir a maternidade contando com a ajuda de meus avós maternos. Somente depois dos meus 10 anos de idade foi que, ela conseguiu terminar o segundo grau e passar no concurso público para serviços gerais, se tornando assim servidora pública municipal.

Minha infância não foi fácil, cresci e me criei em uma casa mista construída de madeira e palha, nela moravam meus avós, minha mãe e meus 7 tios. Por sermos muitos recordo que 2 pães no café da manhã eram divididos para 11 pessoas, quando não tínhamos pão comíamos bananas cozidas, pupunhas, beijus feitos de tapioca e farinha de mandioca,

vida típica até hoje dos povos amazônicos ribeirinhos. A dinâmica era a seguinte, o café era sagrado ainda que com apenas 2 pães, quando não tínhamos almoço esperávamos meu avô, que era pescador, chegar do lago para assim fazermos nossa refeição.

Minha avó *in memoriam* era costureira e fazia suas costuras para ajudar nas despesas, também fazia parte da nossa vida cotidiana o plantio da roça. O fogão era a lenha, a água era do pote e todas nossas roupas eram feitas pela minha avó. A minha mãe batalhou muito para ajudar na minha criação, nos anos 90 varreu rua, quebrou pedras nas construções das poucas ruas de Barreirinha existente na época, num período em que a cada lata de 20 litro cheia quebrada pagavam 10 centavos, sacrifícios estes feitos com um único objetivo que era ajudar na minha criação e formação.

A minha infância não foi das melhores possíveis. Recordo que dos meus 9 a 14 anos de idade, pela manhã estudava e quando saía da escola aproveitava para vender nas embarcações que vinham das comunidades rurais do município de Barreirinha-Am aperitivos congelados que dependendo da região recebe um nome como, flal, din-din, geladinho, sacolé dentre tantas outras variações de nomes presente pelo Brasil. Já pelo horário da tarde ajudava na venda de peixes na rua, sempre que meu avô precisava, vendia com uma tia minha que era quase da minha idade, tudo isso para ajudar no sustento diário da família. Não cheguei a viver uma infância que hoje muitos vivem, mas não olho isso como algo negativo e sim como uma superação na minha história de vida. Nunca brinquei de papagaio, nem bolinha de gude, o meu único divertimento neste período era, de vez enquanto, jogar bola com meu único tio que é 5 anos mais velho do que eu. Neste período foi um momento vivenciado por mim de muita aprendizagem e resiliência enquanto estudante de escola primária.

O desejo de vencer na vida crescia em mim a cada dia, e refletia muito quando ia pescar com as histórias contada pelo meu avô e por um tio, *in memoriam*, irmão da minha avó materna. Um outro marco na minha vida era o caminho para roça, que acabava sendo um momento de diversão, ainda que fôssemos carregar mandioca e lenha, pois não tínhamos na época fogão a gás. Uma lembrança que guardo até hoje dos tempos difíceis e que me ajudou chegar até aqui, foi tendo como lema em minha vida a passagem bíblica tirada do primeiro livro de Samuel, capítulo 7, versículo 12 “até aqui o senhor me ajudou.”

1.1.2 Meus Avós Maternos

Eles são os grandes responsáveis por tudo que sou, além de minha mãe. Me educaram na fé, me ensinaram os valores da vida, eram analfabetos, porém me incentivaram nos estudos me indicaram o caminho do bem. Trago em minha memória boas recordações deles. Recordo que em 1996 em Barreirinha faltou farinha de mandioca. Nesse período, era raro comermos arroz devido a nossa situação social, então parecia uma epidemia, uma febre geral a falta da farinha de mandioca na cidade devido à grande cheia. Então meu avô Raimundo, vulgo cinzo, saiu em seu casco (transporte de pescador típico da região ribeirinha e indígena), para pescar numa manhã de terça-feira e não retornou no mesmo dia, nem no dia seguinte.

Figura 1: Meu Avô materno



Fonte: Acervo pessoal 2022.

Típico de todas as cidades ribeirinhas, a voz da igreja avisava do desaparecimento do Cinzo. Chorávamos todos, já tínhamos ele como morto. Então, às três horas da madrugada da quinta-feira para a sexta-feira, quando tínhamos acabado de dormir, alguém bate à porta, ao abirmos era meu avô chegando com um saco de farinha. Ele foi a remo como um canoieiro, enfrentando os perigos noturnos, as ondas do rio até a cidade vizinha Parintins-AM. Em seu relato disse que pescou no caminho e comercializou o peixe e comprou a farinha, para se ter uma ideia que no barco no motor 114 HP leva cerca de 4 horas para se chegar lá, agora imaginem ele a remo, isso marcou muito a minha vida e trago isso para a minha vida como um ato de amor, e sua resiliência se tornou para mim um exemplo de vida. Ele, com seus 80 anos de idade, ainda tem o hábito de pescar, e já presenciou o único membro da família, até o momento, a ter uma graduação e se tornar professor de matemática.

Figura 2- Avó materna



Fonte: Acervo pessoal 2005.

Minha avó, Maria Horácia, devido tomar muito café puro pois costurava muito à noite e os excessos de remédios tendo em vista seu problema de saúde, pegou cirrose hepática e morreu com seus 60 anos, no ano de 2005. A perda foi muito dolorosa, pois ela era o porto seguro da família. Ela, em vida, só chegou a presenciar a minha colação do 1º grau do Ensino Fundamental. Tudo dedico a ela *in memória*.

1.1.3 Meu exemplo de resiliência, minha Flor Sílica

Até em 2005, era assim que eu chamava para minha mãe *Sílica*, foi difícil chamar mamãe pois fomos criados como irmãos. Com a morte da minha avó passei a morar unicamente com ela e a chama-la de mãe. Essa mulher é o meu maior exemplo de vida, minha rainha, a Dona Suely Alfaia. Até hoje não existe tempo difícil para ela, sempre resiliente e luta todos os dias por melhorias de vida, sempre mostrando o seu melhor.

Figura 3- Minha Mãe Suely Alfaia



Fonte: Acervo pessoal 2023.

Minha mãe tem 4 filhos, todos de paternidades diferentes, sendo três homens e uma mulher filha do seu esposo Marconi Bahia, que hoje chamo de pai. Tenho também boas lembranças vivenciadas com ele: os afazeres domésticos e culinários, tudo aprendi com ele, sou grato por sua existência em minha vida.

Figura 4- Minha família, irmãos, pai e mãe



Fonte: Acervo pessoal 2022.

1.2 Trajetória escolar: o início da formação

Sempre gostei de estudar e depois de tudo que passei, não restava para mim outro caminho para mudar a minha situação social. A esperança era única coisa que tinha desde criança, e tudo que tinha que fazer era agir para mudar de vida, pois o verbo esperar, para Freire, não remete a esperar, mas lutar com esperança. “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (Freire, 1987, p. 47). Foi nesta perspectiva que fui à luta com a certeza que era preciso semear naquele momento para hoje estar colhendo.

Então fiz a pré-escola no Jardim de infância Primavera em Barreirinha-Am, escola essa construída pelos Missionários Italianos pertencentes ao Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras-PIME, pertencentes a Igreja Católica Apostólica Romana, ainda viva em minha memória essa escola que existe até os dias atuais, proporcionando a mesma modalidade de ensino. Lembro o nome da minha Primeira Professora a Terezinha, era uns dos alunos destaque desse período escolar. Ingressei com oito anos na 1ª série na Escola Estadual

Padre Seixas, hoje 1º ano do fundamental e nessa mesma escola fiquei até a 8ª série, hoje 9º ano do fundamental, algumas lembranças me fazem refletir e ressignificar a minha vida.

A situação financeira da minha família nos anos 90 era bem difícil e, embora tivéssemos que nos privar de algumas coisas, a escola sempre foi algo intocável. Em nossa casa não tínhamos televisão apenas um rádio toca-fitas, a nossa primeira televisão foi em cores preto e branco comprada de “segunda mão” no ano 1998. Devido a situação social da minha família, passei a vida toda estudando com caderno feito de papel almaço costurado com linha de costura e encapado com folhas de jornais e revistas. Levava meus cadernos para a escola na sacola de açúcar. Recordo que esperava muito pela farda que o governo do Amazonas distribuía para as escolas públicas, sou do tempo da conga, calça com elástico azul e a camisa branca, traje típico da década de 90 das escolas estaduais do Amazonas. Essa narrativa é saudosa, mas é rememorando situações desse tipo que eu me dou conta do quanto significou para mim, o que me ajudou a buscar na educação mudanças de vida significativa.

A primeira série foi a única que repeti ao longo da minha trajetória formativa. Lembro que foi um ano difícil para mim, pois sair da pré-escola como aluno destaque, porém encontrei uma docente que sempre dava prioridade para alunos de famílias de poder aquisitivo melhor, então aos que eram da classe pobre a atenção era mínima, o que contribuiu para eu reprovar de ano. Porém no ano seguinte encontrei a professora Ediane Beltrão, com ela aprendi as quatro operações e principalmente a lê. Ela foi muito importante para que eu pudesse avançar nos estudos, hoje somos colegas de profissão e trabalhamos na mesma escola, são momentos ontológicos que se tornam gratificante em minha vida. Até a quarta série do antigo primário foi um momento de descoberta e gosto pelos estudos, ali comecei a me apaixonar pela matemática e nascia ali o desejo de ser um profissional docente.

O Ensino Fundamental da 5ª à 8ª serie foi marcado pela chegada da adolescência como uma rajada de vento pela janela. Desde a minha infância até a chegada adolescência só saía para dois lugares, escola e Igreja. Na Igreja Católica fazia a catequese e ia aos domingos ia nas missas. A puberdade começara a aflorar e junto com ela o interesse por assuntos, pessoas, lugares e situações antes não percebidas por mim. Ao cursar a oitava série comecei a ter contato com novas leituras, comecei a fazer parte de grupo de Jovem da Igreja, e a maturidade o gosto pela busca dos saberes que viessem me ajudar na minha formação em busca de uma profissão iam cada vez mais sendo frequente em minha vida. Neste período escolar tive a oportunidade de participar de seminários, trabalhos de pesquisas, vale ressaltar que esse período nem se sonhava com internet, o único lugar de pesquisas eram as fontes orais das

peessoas mais velhas e a única biblioteca municipal que hoje não existe mais, ali já buscava a autoformação, e assim se encerrava um ciclo escolar, o que me esperava pela frente, não saberia.

Entrei no Ensino Médio em 2004, na Escola Estadual Professora Maria Belém, essa na qual atualmente sou docente. Esse período foi marcado pela passagem da adolescência à juventude, minha avó tinha uma criação rígida, quase não tinha a liberdade de sair. Sou católico e somente dos 16 para os 17 anos comecei a sair mais com frequências durante a semana para ir as missas e aos encontros do grupo de jovens, “Jovens Unidos para uma Nova Evangelização” -JUNE, que eu acabara de fundar junto com outros seis jovens.

Em 2003 na igreja gostava de cantar e lá conheci a jovem Cleomara P. Viana no grupo de canto, e em 2004 numa bela noite saímos para passear, erámos nessa época bons amigos, e mais tarde a amizade se transformou em namoro e em seguida, ela veio a ser a minha esposa e mãe dos meus 2 filhos, uma linda história de amor que teve alguns capítulos de tristezas. Em 2005 ela engravidou do nosso primeiro filho Tiago Viana Pessoa, eu com 17 anos e ela com 21 anos, tudo mudou na minha vida e na vida dela, as coisas se tornaram difíceis, por termos queimado uma etapa em nossas vidas, fruto disso casamos em 2007. Porém por ironia do destino, em 2008 nos separamos, ficando ela grávida da nossa segunda filha Chiara Mirian Viana Pessoa. Foram 12 anos separados, uma linda história de amor que superou o tempo e hoje estamos perto um do outro cuidando dos nossos filhos e procurando como família sermos resilientes perante as adversidades da vida, foi por eles e pela minha história de vida que sempre busquei crescer profissionalmente.

Figura 5: Minha família, da esquerda para direita, Padre, Filho, Esposa, eu e Filha



Fonte: Acervo pessoal 2022.

O Ensino Médio não foi o dos melhores, recorro que no primeiro ano quando iniciou a escola estava numa reforma o que custou começar o ano letivo, fator estes que prejudicou a formação dos alunos daquele período e para completar o ano começou sem professor de física e apenas faltando um mês para terminar o ano letivo chegou um professor para fazer avaliações para a turma, saberes zero nessa disciplina. No segundo ano, professor de química não dominava os assuntos, e as maiorias dos professores que lecionavam tinham apenas o Normal Superior, porém foram estas necessidades que me faziam cada vez mais buscar pela autoformação e amadurecer a ideia de ser um professor e ir em busca de saberes que viessem contribuir para a minha aprovação no Ensino Médio. Esse período de Ensino Médio foi marcado pela chegada em minha cidade da rede móvel de celular e sinal de internet, porém ter esse acesso à internet era algo difícil.

1.3 Formação Inicial Docente

Com todo esse temporal de acontecimentos na minha vida, terminei o ensino médio em 2006 e neste mesmo ano fui aprovado no Vestibular para cursar a tão sonhada Matemática, porém não foi possível ir, meu filho acabara de ter nascido e a minha esposa por uma complicação no parto, teve que lidar com depressão pós parto e ficou muito doente. Foi uma escolha difícil, mas tive que ser sensato naquele momento, pois era desempregado e não tinha condições nem saúde mental para ir estudar e nem os manter longe de mim.

Em 2009, lembro de uma cena que fez eu acordar para vida e buscar a formação inicial e me profissionalizar o quanto antes. Fui para Manaus-AM, Capital do Estado do Amazonas, em busca de trabalho, pois a minha segunda filha acabara de ter nascido e precisava dar o melhor para ela com seu irmão que tinha 3 anos de idade. Na capital trabalhei no posto de gasolina, trabalho este que durou apenas 3 meses devido a epidemia da H1N1 que chegara na Capital, levando a empresa a reduzir o quadro de funcionários. Assim fui demitido pois era o único que estava em contrato de experiência, fiquei desesperado pois pensava nos meus filhos que estavam pequenos.

Como caminhava em uma comunidade católica como músico e cantor, a coordenadora *in memoria* da Comunidade tinha uma fábrica de roupa e me ofereceu um trabalho onde ganharia um salário mínimo apenas, muito inferior do que ganhava no posto de gasolina, então disse para ela que o salário oferecido para mim não supria as minhas necessidades na Capital e que estava disposto a voltar para Barreirinha-AM, cidade onde me criei. Então o

marido dela fez para mim uma pergunta ousada que me fez refletir muito, “você tem alguma profissão?” Tal pergunta dele tinha uma intencionalidade bem grande e em mim suscitou um questionamento no meu interior. Meio acanhado respondi: “tenho o ensino médio”. Então ele disse: “aqui na Capital e em qualquer lugar, quem não tem profissão não tem direito de escolher trabalho”, tais palavras dele em minha vida foram uma injeção para eu não aceitar o trabalho e voltar para minha cidade e buscar uma formação profissional urgente.

Ao voltar para o município de Barreirinha, em outubro de 2009 prestei a um processo seletivo de um curso técnico em agropecuária pelo Instituto Federal do Amazonas-IFAM, Campus Zona Leste, que funcionaria na modalidade EAD semi-presencial no próprio município. No primeiro semestre do ano de 2010 comecei o curso que teve uma duração de 2 anos. Ainda em 2010 no segundo semestre, prestei o vestibular da Universidade do Estado do Amazonas-UEA para concorrer a uma Vaga de Licenciatura em Matemática novamente, também fiz a prova do Enem de 2010. Em 2011 após várias tentativas chegou a tão sonhada aprovação no vestibular. Veio em dobro: para matemática novamente em Parintins e Pedagogia pelo Enem em Coari. Era a hora de eu decidir que carreira queria seguir, ser um professor ou ser um pedagogo.

Por Parintins-AM estar mais próximo de Barreirinha e da minha família, optei em cursar matemática. Entrei na universidade em 11 de abril de 2011, lembro bem do primeiro dia de aula, cheguei em um triciclo, transporte típico da cidade, debaixo de uma forte chuva que caía na cidade de Parintins-AM, município este que nasci. Éramos 50 acadêmicos e apenas 8 incluindo eu, formaram no dia 12 de março de 2015. Foram 4 anos de muito aprendizado e de muita resiliência, pois paradigmas eram quebrados constantemente, inquietações nasciam em cada experiência vivenciada por mim na universidade.

Na cara e na coragem fui estudar, não tinha onde morar passei três noites dormindo no barco que faziam recreio de Barreirinha/Parintins/Barreirinha até que consegui a vaga na casa do estudante, que é custeada pelo governo do estado, onde se oferece até os tempos atuais, o café da manhã para os moradores. Recordo que passei uma semana me alimentando de pão, pois não tinha dinheiro para comer, o que eu tinha deixei para meus filhos que estavam pequenos. As coisas não foram fáceis na graduação também, porém encontrei várias pessoas que me ajudaram muito. Duas professoras marcaram a minha vida e estas me ajudaram muito e sempre que eu precisava contribuía comigo com R\$ 1,10 para almoçar. A elas gratidão sempre Isabel Lobato e Marcia Sarraf.

Ainda na graduação, através dos Estágios Supervisionados, no Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica- PAIC e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, o sentir-se professor era algo que na graduação já me deixava feliz, cada segundo que passara na universidade contava com muito carinho e os saberes profissionais docentes iam se ressignificando na medida que os anos passavam na academia, pois tudo que eu queria era formar e começar a minha trajetória profissional docente. Foi nesse processo Formativo que comecei a me interessar pela formação de professores e buscar cada vez mais entender sobre os saberes docentes e esmiuçar a formação continuada que me ajudasse ainda mais a estar ligado com os acontecimentos e mudanças que ocorrem na educação do nosso País na contemporaneidade.

No período formativo da graduação os primeiros paradigmas foram se quebrando, fui começando a ser esculpido como professor, as frustrações foram muitas, pois na minha cabeça a ideia de Faculdade para formar professor era uma, quando na realidade o processo formativo é bem diferente, do que o aluno do Ensino Médio pensa, autoformação nesse processo de formação se fez necessário. Dessa forma, então os paradigmas foram se quebrando e eu me tornava numa pessoa autêntica e crítica, como Paulo Freire idealizou como cidadão crítico de si mesmo e da sociedade para provocar as mudanças necessárias e na busca do rompimento dos paradigmas negativos (Freire, 1996). No contexto formativo docente adentrei na universidade imaginando que a faculdade ia ensinar o ser professor a ministrar aulas, a pesquisar, a planejar, a preencher diários, a ensinar todas as técnicas de um professor, a ser um professor modernizado na informatização, ensinar o passo a passo da matemática, explicar etc., mas a realidade foi bem diferente, e para sanar todas essas lacunas não preenchidas, foi necessário recorrer a autoformação, buscando criar em mim um ser pesquisador em formação.

Então nasceu aí a autonomia de mim como estudante, tinha que praticar a resiliência dentro de mim, pela busca do conhecimento vai se nascendo a subjetividade. Nesse sentido, podemos afirmar que a busca pelo conhecimento é uma atividade que envolve não apenas aquisição de informações, mas também a construção de nossa subjetividade. Conforme afirmam Bock, Furtado e Teixeira (2011), "a subjetividade é construída a partir da relação que o sujeito estabelece com o mundo, e essa relação é mediada pela linguagem, pela cultura e pelo conhecimento adquirido ao longo da vida" (p. 34). Neste sentido, percebe que a busca pelo conhecimento é essencial para o desenvolvimento da subjetividade, pois possibilita uma melhor compreensão do mundo em que vivemos, aprimora nossas habilidades cognitivas e críticas e forma nossa própria visão de mundo, a partir de nossa experiência e pensamento.

Então o ser professor pesquisador vai nascendo já na graduação nos primeiros dias de academia, e assim eu o fiz, caso contrário ficaria estagnado no tempo e voltaria para minha cidade sem nenhuma perspectiva de vida, me sentindo um fracassado, e nunca foi o meu perfil como ser humano desistir fácil.

Fui contornando os desafios, fui me moldando, mas só as aulas em sala de aula para mim não supriam minhas expectativas na busca dos saberes necessários para a docência. Assim me tornei voluntário no curso de nivelamento de matemática, começava a dar aulas particulares para me ajudar no processo formativo e principalmente a me manter na universidade, mas me faltava ainda algo, queria mais, então consegui a bolsa do PIBID, ia para escola observava as vivências dos professores, refletia cada cena que presenciava na prática docente, ficava notório o quanto a educação estava presa ao passado, a uma educação bancária. O cenário que via eram professores presos ao livro didático, profissionais cansados que não buscavam, mas a criar e recriar tecnologias que contribuíssem para metodologias inovadoras que viesse a melhorar o ensino. Ou seja, a educação permanecia a mesma, a educação bancária presente na maioria das vezes, o que não mais podia ser pois para Freire (1987) as amarras da educação bancária e conteudista precisava e ainda precisa mudar para a educação problematizadora e libertadora da consciência humana. Então aí nasceu dentro de mim uma inquietação um questionamento que até hoje busco resposta para tal: Por que a educação na década de 80 e 90 no processo de ensino e aprendizagem, no qual os professores a maioria não tinham formação específica na área de atuação, não tinham tantos recursos digitais, o ensino parecia ser eficaz? Os alunos aprendiam principalmente nas vertentes de matemática e português, e hoje, na contemporaneidade, com tantos recursos digitais e tecnológicos se percebe uma deficiência no ensino. O cenário tangencia para uma postura de mudança enquanto professor, e uma reflexão para as academias refletirem o que estão sendo formados.

Tal resposta a esse questionamento não consegui encontrar enquanto bolsista do PIBID, então ingressei no PAIC como bolsista, com a professora que hoje é Doutora em Educação Isabel Lobato. Com ela comecei a entender o que era ser um pesquisador, ali começou meu namoro com a formação docente voltado para os estudos dos saberes docentes, linha a qual até hoje procuro pois sei que um estudo mais detalhado poderá trazer contribuições reflexivas para os professores em formação e para mim como sujeito da pesquisa. Ao longo da minha formação inicial sempre busquei participar das atividades do meu curso, assim fui voluntário no curso de nivelamento de matemática oferecido pela

coordenação de matemática do CESP/UEA, para os alunos ingressantes no curso de exatas, assim como fui monitor voluntário da disciplina de geometria I e II. Particpei também do projeto novos talentos a qual fizemos várias viagens de intervenção na cidade de Barreirinha. Ainda na Graduação tive o privilégio de participar de vários encontros de cunho científico, tais como: Simpósio de educação de ciência na Amazonia-SECAM, em Manaus, encontro anual do PIBID e na SBPC nacional no Rio Branco-AC.

Em 2015 me formei, a minha família fretou um barco e foram de caravana para festejar comigo, foi um momento feliz para mim e para todos. Voltei para Barreirinha-AM, pois tudo que queria era descansar um pouco, pois foram 4 anos de muitos estudos e trabalho.

Figura 6: Diplomação formação Inicial



Fonte: Acervo pessoal 2015.

1.4 Trajetórias profissionais e reflexões

Passo agora descrever um pouco da minha trajetória enquanto professor, descrevendo com afinco os momentos que para mim são significantes.

1.4.1 O início de tudo, o ofício de ser Professor Ribeirinho

Ao concluir o Ensino Superior em 2015, retornei para o município de Barreirinha em busca de meu primeiro trabalho como Professor de Matemática. No mesmo ano comecei a trabalhar como docente contratado pela Prefeitura do Município de Barreirinha num regime de permuta, um momento que esperei muito para que acontecesse, onde teria que aplicar na sala de aula a teoria adquirida na formação inicial que acabara de acontecer em minha vida.

Essa páscoa da formação para a prática pedagógica requereu, de mim enquanto profissional docente, uma mudança de postura e ressignificação do conhecimento, pois o ambiente escolar encontrado era bem diferente do vivenciado na graduação, era preciso me libertar de sonhos utópicos e vivenciar a realidade. Para Freire (1987) aprender e se libertar é preciso ressignificar, deslocar o olhar do que está posto para o que pode vir a ser, o inédito viável. Tal realidade se chega a uma reflexão da formação inicial docente que está ligada a uma série de conhecimento que se encontra em um processo contínuo, onde surgem como características iniciais a capacidade reflexiva em grupos, “ [...] a formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica didática e se transforma na possibilidade de criar espaço de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza” (Imbernón 2000, p. 15).

Um dos aspectos que nos chama a atenção é que, a formação inicial docente não se constitui apenas de conhecimentos adquiridos na graduação, mas de um conjunto de conhecimentos que estão interligados em seu convívio com a sociedade, comunidade escolar e com experiências na trajetória de sua educação básica, onde reunidos compõe a identidade profissional do ser professor.

Figura 7: Início do ano letivo 2015



Fonte: Acervo pessoal 2015.

Ao vivenciar a profissão mais linda da face da terra, a única profissão que forma as demais profissões, a qual me arrisco afirmar e chamar a profissão docente como “A mãe de todas as Ciências”. Iniciei atuando numa Escola Estadual do Ensino Médio, no Município de Barreirinha, no Estado do Amazonas, e já quebrando paradigmas, resiliências fortalecidas, pois era naqueles momentos um mero professor em construção, recém-formado querendo fazer a diferença em meio a um sistema implantados nas escolas públicas.

No contato com a realidade escolar, o que eu via eram meros docentes bloqueados, indignados e outros conformados com o sistema. Era hora de eu fazer a diferença, era hora de não seguir o sistema, mas buscar em meio deste trabalhar com um profissional convicto de que estava exercendo o cargo que busquei me qualificar e não deixar me abalar em nada, pois sabia que o novo incomoda sempre os enraizados, aqueles que não iriam concordar e falariam que não daria certo.

Os primeiros impactos foram doloridos, mas prazerosos, pois meu sonho estava sendo realizado, estava convicto da minha profissão. A realidade dos alunos do Ensino Médio que encontrei não era mais a mesma quando me formei em 2006, tinha um público totalmente dominado pelos recursos digitais, e dentre eles o celular, então novos desafios nasciam, novas inquietações, novos paradigmas pois muitos se falava de um ensino fragilizado, alunos e docentes desmotivados, era a realidade da escola onde me formei no 2º grau e que estava naquele momento sendo a minha primeira casa como docente e até o presente momento continua sendo. a leitura de mundo daquele ambiente se fazia necessário.

Então usei a sensibilidade, para perceber as mudanças que ocorreram no ensino. Fiz uma reflexão com urgência, pois já estava na sala de aula e a tomada de decisão emergia por mudanças de postura. Para Tardif '(2002) o professor, quando entra em sala de aula, penetra em um ambiente de trabalho composto de interações que constituem não um aspecto secundário ou periférico do trabalho dos professores: elas constituem o núcleo e, por essa razão, determinam, a nosso ver, a própria natureza dos procedimentos (IBIDEM, p. 118). Como o objeto de trabalho dos professores são seres humanos, boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos (IBIDEM, p. 130). Infelizmente, enfatiza Tardif (2002), ainda há professores universitários que acreditam que entrar em sala de aula e abrir a boca é o bastante para saber ensinar.

Com o objetivo de mudar a realidade escolar, o primeiro passo foi dialogar com meus alunos, passar segurança para eles, ganhar a amizade deles, conhecer a realidade de cada um, compartilhar a minha história de resiliência com eles, pois vinha e sou de família pobre, falei das dificuldades enfrentadas na vida e na faculdade, fiz muitos deles a se espelharem na minha história assim como me vi nas histórias deles. Naquele momento nascia ali um professor reflexivo, que procurava mudar nos alunos a visão que eles tinham do professor de matemática chato, o bicho papão, e eles aos poucos iam aprendendo a matemática com a

prática, com as histórias da vida contadas por mim e por eles, e o professor reflexivo tinha que se reinventar constantemente, pois os alunos queriam sempre o novo, tão grande era o desafio, mas segui com firmezas. Então o sentir-me professor neste processo de vivência foi uma das melhores experiências já vivenciadas por mim. São vivências que marcam na vida docente em busca das pluralidades dos saberes na prática profissional.

Figura 8- Sentir-me Professor



Fonte: Acervo pessoal 2022.

A prática docente pode ser considerada como um dos ofícios mais nobres do trabalho humano, embora, contraditoriamente tenha pouco reconhecimento em nossa sociedade. Mas é nesta vivência que tangenciam-se os saberes. Para Tardif (2002) existem quatro saberes indispensáveis para a profissão docente: saberes profissionais, disciplinares, curriculares e experiências que segundo o autor “os saberes dos professores são um conjunto de saberes provenientes de fontes variadas (dos livros didáticos, dos programas escolares, dos conteúdos a serem ensinados, da experiência)” o autor ainda faz uma distinção entre os saberes que são adquiridos na prática docente (saberes experienciais) daqueles saberes adquiridos nos cursos de formação (saberes profissionais).

Ao falar de prática, Freire (1983) baseia como a relação à subjetividade-objetividade ampliando para o conceito de práxis onde ele relata que “[...] a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (p.40). Faz-se necessária que o homem não só conheça o mundo é preciso que o mesmo o transforme, visto que, conhecer não é um ato passivo do homem frente ao mundo, é antes de tudo conscientização,

intercomunicação, intersubjetividade, que pressupõe a educação dos homens entre si mediatizados pelo mundo, tanto da natureza como da cultura. Portanto a prática vincula o ser-humano nessa procura consciente de ser, estar e agir, ou seja, apropriar à prática dando sentido a teoria. Assim, se a prática pedagógica é algo indispensável na formação do professor não podemos formar professor sem a prática, pois a teoria não é o suficiente para formação, afinal os saberes nascem também das práticas pedagógicas.

1.4.2 Saberes docentes enquanto ribeirinho

A profissão docente nos remete sempre a uma autoavaliação de nossas práticas pedagógicas, o processo formativo é de suma importância, pois as mudanças no âmbito escolar são constantes e isso nos remete a criar, recriar metodologias para acompanhar tais acontecimentos no âmbito escolar, numa perspectiva reflexiva de mudança ou de resignação do retrato docente construído até aqui, nos remetendo a um encontro pessoal no cenário em que hoje se vive fazendo uma analogia epistemológica na autobiografia construída até aqui.

Figura 9- Práticas pedagógicas ribeirinho



Fonte: Compilação do autor a partir do seu acervo pessoal.

Em 2020, pelo processo seletivo da Seduc, aceitei o desafio de ir trabalhar numa escola ribeirinha pertencente ao município de Barreirinha-AM, cerca de 4 horas de rabetá da cidade até essa comunidade chamada Barreira do Andirá. Nessa comunidade pude vivenciar uma experiência única vivida até aqui como professor, pois os saberes utilizados na sala de aula na cidade não supriam a demanda daquele local, tendo em vista suas peculiaridades, a busca pela autoformação se fez necessária, a ressignificação do conhecimento foi preciso, saberes recriados e aprendidos com aquela localidade.

As experiências e vivências com os demais professores ribeirinhos e principalmente com os alunos são marcantes. Muitos discentes, para chegar à escola, vão singrando o rio de

canoa movida a remo ou a um motor rabeta, vida típica dos ribeirinhos. Esta realidade narrada de forma sucinta, leva os leitores a pensar, a imaginar tal realidade, conhecendo de fato, pois é esse contexto diferenciado que se constitui em um lócus de desenvolvimento para o aluno, que muitas vezes nos é desconhecido. Se as escolas na sede da cidade já têm suas peculiaridades, quando se chega nas escolas ribeirinhas, começamos a entender as urgências de políticas públicas voltadas para a educação. Mota Neto (2004, p.82) apresenta algumas peculiaridades típicas desses ambientes, que exercem influência direta nas escolas, entre as

Figura 10- Caminho para a escola ribeirinhas



Fonte: Compilação do autor, a partir do acervo pessoal 2021.

quais destaca: as escolas apresentam condições precárias tanto físicas quanto pedagógicas; dificuldades no acesso e continuidade nos estudos, provocados pela distância, acesso e deslocamento até os lugares das aulas, muitas vezes se locomovendo de canoas, barcos, enfrentando os perigos que os rios promovem aqueles que os singram; perigos também enfrentados constantemente pelos dos docentes; sem falar na falta de professores e organização pedagógica em classes multisseriadas que abrangem a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao me reinventar perante todas essas peculiaridades, cheguei à conclusão que era preciso estar em constante formação tendo como ponto de partida a realidade em que eu trabalhava. Era preciso ir in loco e depois sair em busca de formação que conseguisse suprir tal realidade moldado num processo formativo voltada à aprendizagem profissional ao longo de minha vida de professor, conseguindo unir a teoria/prática formação/professorado, como bem diz André (2010 p. 274), os conhecimentos teóricos aprendidos nos cursos de formação por si só não se constituem em elementos fundamentais para a efetivação da atividade docente, se não, aliados aos conhecimentos práticos, que são viabilizados através das

atividades práticas. Essa indissociabilidade entre teoria e prática é fundamental para a execução do trabalho do professor.

Corroborando com o autor Imbernón (2009) que vai falar da formação permanente do professorado na análise da complexidade dessas situações problemáticas requer necessariamente dar a palavra ao protagonismo da ação, responsabilizá-los por sua própria formação e desenvolvimento na instituição educativa na realização de projetos de mudanças, fazendo o professor refletir o que ocorre em minha/nossa ação educativa no contexto do pensar a formação permanente do professorado. Ao mergulhar nesta reflexão a formação, a mudança a ressignificação dos conhecimentos, dos saberes tende começar na cognição de cada professor. Então neste processo a figura do professor pesquisador é de suma importância para a formação do professorado.

Os saberes que os professores repassam em sala de aula ao longo do tempo não é algo pronto e acabado, e sim construído. Os saberes profissionais adquiridos nas academias definido por Tardif como o conjunto de tudo o que o professor precisa ter de conhecimento para exercer sua profissão, nos remete a uma reflexão da subjetividade docente, constituída na relação com a objetividade; sua história de vida, seu retrato docente construído ao longo dos anos em seu processo formativo. Tudo isto provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto aluno em formação.

O saber profissional dos professores, para Cunha (2007) é constituído não por um saber específico, mas por vários saberes de diferentes matizes, de diferentes origens, aí incluídos, também, o ‘saber-fazer’ e o saber da experiência.

Esses saberes, aqueles oriundos das formações iniciais e continuadas, saberes que são baseados nas ciências e na erudição, pautando aqui na profissão docente, profissão que está sujeita a mudanças por se tratar de uma construção social, nascido da trajetória das vivências ao longo da formação, e no processo da prática docente no contexto ribeirinho não é diferente. Saberes que são criados, recriados diante das inúmeras transformações que ocorrem na sociedade contemporânea, pois os saberes adquiridos nas formações de hoje podem não satisfazer os anseios do amanhã. São saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos pelos docentes no âmbito de suas tarefas cotidianas. A ressignificação do saber é de fundamental importância na prática pedagógica, pois devemos sempre superar os desafios que surgem e romper com paradigmas ultrapassados e sem resultados positivos.

É possível construir-se professor na formação inicial nas academias para a práticas futuras a partir das vivências do cotidiano Tardif (2002), sendo o professor mobilizador do

conhecimento , nos remete a entender a importância da formação continuada , pois as vivências docentes exigem um preparo profissional constante para a prática em sala de aula e só a formação inicial não supri os saberes necessários para a prática docente principalmente quando se chega numa comunidade ribeirinha e se torna professor em meio a tanta precariedade e público com uma alta defasagem de ensino. Segundo Silva & Bastos (2012), é importante salientar que, no processo formativo dos professores, a formação inicial é uma das fases do desenvolvimento profissional e que, por isso, possui algumas limitações cujos impactos têm imposto a necessidade da criação de oportunidades de formação continuada, Tardif (2010, p. 21) ressalta que, “[...] Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho” ou seja, para se ter uma educação de qualidade é necessário ter um profissionais bem formados, e estar em constante formação continuada e neste processo vai se guiando o retrato do professor pesquisador.

1.5 Formação continuada

Em 2015, após a colação de grau da universidade, comecei uma especialização no Ensino de Física e Matemática pela Faculdade de Ciência de Wenceslau Braz-FACIBRA, em parceria com a Educanorte com sede no Município de Parintins-Am, pois o desejo de aprofundar mais os saberes adquiridos na formação inicial definido por Tardif (2010) como Saberes Profissional que para o autor é um conjunto de saberes que, baseados nas ciências e na erudição, são transmitidos aos professores durante o processo de formação inicial e/ou continuada e que também se constituem o conjunto dos saberes da formação profissional os conhecimentos pedagógicos relacionados às técnicas e métodos de ensino (saber-fazer), legitimados cientificamente e igualmente transmitidos aos professores ao longo do seu processo de formação profissional, tema este tão emergente que me ajudasse na minha prática profissional e na minha formação.

Em 2015, iniciou-se também o processo de vida docente, e o conhecimento adquiridos na universidade foi unificado com o conhecimento da prática docente. Percebeu-se neste período que eu, enquanto professor, fazia-se necessário ser pesquisador para não estagnar, pois o processo formativo vivenciado na graduação já não conseguia acompanhar as práticas vivenciadas na contemporaneidade. Neste caminho passei a me deparar com a fenomenologia o mundo está em constante mudanças, onde devo criar, recriar, mudar e reinventar como professor para poder acompanhar as mudanças e me colocar dentro do processo escolar.

Nesse sentido, podemos afirmar que a fenomenologia é uma abordagem que valoriza a subjetividade e a experiência individual na busca pelo conhecimento. Conforme afirma Merleau-Ponty (1999, p.15), "o mundo não é uma coisa dada, mas um objeto construído a partir de nossa relação com ele".

No exercício da docência, a trajetória possibilita grandes reflexões pautadas na formação, na busca do saberes, Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 227) afirmam que “para os professores, os saberes adquiridos através da experiência profissional constituem os fundamentos de sua competência, (pois) é através deles que os professores julgam sua formação anterior ou sua formação ao longo da carreira”, pois todos os dias as mudanças no processo educacional são constantes, e os saberes adquiridos hoje podem se confrontar com os saberes adquiridos amanhã, pois vivemos no campo educacional, assim se foi vivenciando a pós graduação no Ensino de Física e Matemática, e com o avançar das disciplinas paralelas a prática surgiam novas indagações e inquietações que tangenciavam para uma problematização na prática docente.

A importância da formação continuada no campo da formação docente cada dia mais se fazia necessário nesse processo de prática docente, desde a conclusão da graduação. Sempre tentei as seleções de mestrados neste campo de investigação, porém não obtinha sucesso. Então em 2017 fiz mais uma especialização, dessa vez no Ensino EAD voltado para a Metodologia do Ensino da Matemática pela Faculdade Batista de Minas Gerais, pois os resultados encontrados até o presente momento cada vez me instigavam e não achava a resposta para os meus questionamentos enquanto acadêmico na universidade, motivos esses que me aguçavam a ir com afinco na pesquisa no campo da formação de professores, para compreender e conhecer mais os saberes docentes.

Essa definição resume singelamente a visão defendida por Tardif (2002, p. 118): o professor é um “trabalhador interativo”, que realiza uma atividade manifestada “no âmbito das interações humanas e traz consigo, inevitavelmente, a marca das relações humanas que a constituem”. Então para se nascer um professor pesquisador é preciso se indagar, se questionar, se desafiar perante tantos problemas que a educação vive nos tempos atuais, pois tais resultados que encontramos das nossas inquietações não se tornam uma solução para nossos problemas, mas apontam um caminho para se buscar caminhos às possíveis soluções a nossas investigações *in loco*.

O curso de especialização me ajudou naquele momento a ampliar mais a minha visão docente e a continuar buscar uma formação continuada dentro de um programa de mestrado

que me ajudasse a aprofundar mais a formação docente na busca dos saberes. Em 2018 passei no Mestrado de matemática pelo PROFMAT para a cidade de Santarém, município pertencente ao Estado do Pará, porém devido a localidade e a minha situação financeira que no momento ainda não era estabilizada, tive que desistir.

1.5.1 O Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico em minha vida

Em 2020, prestei a seletiva de Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico no Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico- PPGET, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, campus Manaus/Centro pela linha 1 Processos para a eficácia na formação de professores e no trabalho pedagógico em contextos de ensino tecnológico turma 2021 e fui aprovado tendo como Orientador do Programa o Dr Amarildo Menezes Gonzaga.

Um dos motivos que me levou a buscar o mestrado , é por perceber que a formação inicial, o docente não se detém de todos os saberes necessários para a prática docente que atenda todas as necessidades da contemporaneidade em sala de aula , pois esta muda de acordo com cada realidade, e com isso, é necessário que eu enquanto ser subjetivo no meu professorado permaneça estudando, realizando uma formação continuada a fim de (re)aprender, ou (re)significar as minhas práticas diárias em sala de aula , buscando aprimorar lapidar meus conhecimentos e práticas para proporcionar aos educandos uma qualidade no ensino como salienta Delors (2003, p. 160) ao afirmar que “A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial”.

Ao Ingressar no Mestrado, estou convicto que a formação é um processo contínuo de aprendizagem a ser descoberto no decorrer do vivido, sendo sempre subjetivo, quebrando sempre paradigmas. Ao longo da prática docente e da formação continuada, mergulhando cada vez mais no universo da minha autonomia enquanto educador, sempre me reinventado de acordo com a realidade ribeirinha encontrada ao longo desses imensos rios amazônicos em busca dos saberes necessários para a minha prática docente.

1.5.2 As disciplinas do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico em minha formação

Em março de 2021 se iniciou uma nova jornada formativa em minha vida, era a realização de um sonho e um desejo profissional dentro de mim enquanto professor em constante formação, cursar o Mestrado, e este por ser um profissional estava convicto que teria que superar desafios e conhecer o novo.

O primeiro semestre foi marcado por três momentos marcantes, cada momento voltado para uma disciplina, a saber: “Contribuições da História, da Ciência e da Tecnologia para o

Figura 11- Turma do PPGET 2021



Fonte: Acervo pessoal 2021.

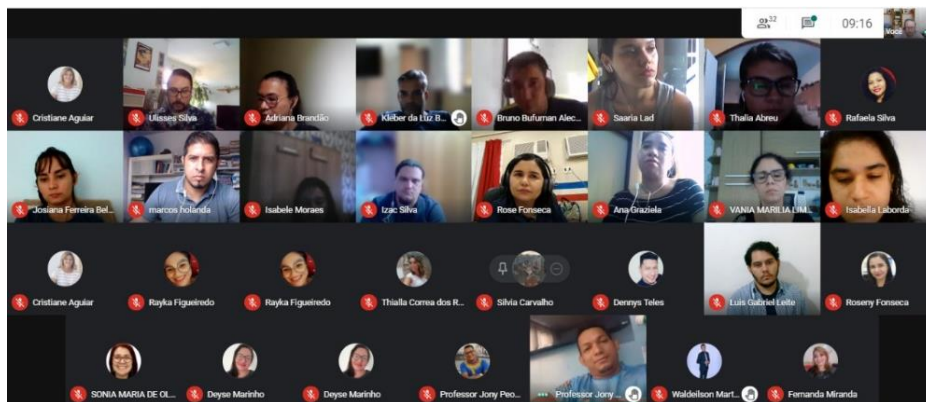
Ensino Tecnológico”, “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa Tendências Investigativas no Ensino e Estratégias” e “Metodologias Mediadoras da Aprendizagem no Ensino Tecnológico”.

O primeiro momento foi marcado pela primeira disciplina “Contribuições da História, da Ciência e da Tecnologia para o Ensino Tecnológico” que trouxe um impacto significativo para a minha vida, foi um quebra gelo naquele momento, cheguei com algumas ideias de conceito de tecnologias que pensava ser as únicas, porém com o decorrer da disciplina as dúvidas foram clareando e tangenciando para uma nova descoberta, as leituras das obras direcionadas foram primordiais para tal vivência de aprendizagem. É importante salientar que todas as disciplinas aconteceram via *Google met* por motivo da Covid 19. Destaco alguns pontos importantes como os desdobramentos da disciplina que foram divididas em três unidades, cada um desdobramento com um professor diferente com temas e metodologias diferentes dentro da temática.

O primeiro desdobramento foi marcado pela unidade I “O conceito de tecnologia e sua relação com o ensino”, que tinha com eixo temático “Tecnologia como dimensão da vida humana”, foi um momento de aprendizagem e ressignificação do conhecimento, as acepções

de técnica “*techné*” e tecnologia fez eu mergulhar profundamente no meu imaginário ribeirinho em um imenso rio amazônico do conhecimento, era verbete que parecia conhecer, que na verdade foi preciso quebrar alguns paradigmas para entender e extrair um novo saber em uma linguagem científica. Conhecer as diferentes concepções de tecnologias foi um momento importante e enriquecedor para mim enquanto mestrando e professor em formação continuada, pois tais concepções me ajudaram a entender o processo e aplicação da tecnologia dentro do ensino, dando um novo sentido a minha prática docente. A problematização da tecnologia como dimensão da vida humana favoreceu em mim uma aprendizagem para a intervenção no mundo em que vivo como mais autonomia, intencionalidade e criticidade, visando o bem coletivo e a relação com o ensino, pois como docente estou sempre disposto a criar, modificar, recriar tecnologias voltadas a educação ao longo da minha prática e percurso formativo sempre que necessário. Um dos pontos marcantes nesse primeiro momento foram as primeiras escritas direcionadas pela docente baseado nas leituras que visavam avaliar como estava nossa capacidade de redigir texto, confessor que as dificuldades da minha parte foram muitas, neste primeiro momento, talvez por ser professor de matemática.

Figura 12- Aula História da Ciência e Ensino Tecnológico



Fonte: Acervo pessoal 2021.

O segundo desdobramento foi a unidade 2 da disciplina que era “História e Tecnologia” com o eixo temático, “Tecnização como processo de longa duração não planejado, mas que se forja nas relações de atividades planejadas”. Fora um momento para mim que chamo de aprendizagem formativa continuada, que me ajudou no processo de ressignificação do conhecimento, pois foi na vivência da disciplina que fui aprendendo e amadurecendo os conceitos tais como o de historiografia, a civilização na sociologia do grande teórico Noverth Elias e o conceito de tecnização perspectiva nas relações de dependência e interdependência do desenvolvimento tecnológico. A temática direcionada e muito bem conduzida pelo docente possibilitou em minha vida enquanto mestrando

momentos reflexivos sobre o desenvolvimento tecnológico como um processo de longa duração, que se constitui na contingência histórica, o que leva os indivíduos a viverem um processo de aprendizagem coletivo inacabado.

O terceiro momento culminou com a unidade 3 “História da Ciência e Ensino Tecnológico” que tinha como eixo temático, “Articulação entre os conceitos de História da Ciências e Ensino Tecnológico”. Conhecer com afinco a história da Ciência e seus aspectos gerais, os clássicos na História da Ciência e Tecnologia no Ensino Tecnológico exigiu de mim enquanto ser em formação dedicação e noites em claros de profundas leituras. O vivenciar deste desdobramento me fez ir além e a refletir a história da Ciência no processo de formação e prática docente.

A mestra foi bem sucinta no aprofundamento conceitual da História da Ciência, de diversas áreas, da antiguidade até a atualidade, mostrando, através de exemplos, as principais etapas da constituição do pensamento científico. Foi um momento de aprendizagem e compartilhamento de conhecimento através da roda de conversa mediada pela professora.

Este foi o primeiro momento meu dentro do Mestrado, um momento singular em minha vida de aprendizado e amadurecimento profissional, ao me permitir vivenciar, pude navegar em uma odisseia e me situar dentro do processo formativo que começara naquele momento. Entendo que a tecnologia assumiu, ao longo da história humana, significados distintos, concebidos, também, através de diferentes formas de interpretação. Apoiado sobre os variados modos de compreensão da tecnologia, o ser humano atribuiu um caráter simbólico a este signo. Nesse contexto, surgem questionamentos acerca do estudo da tecnologia a partir da ótica da semântica ou, por vezes, numa perspectiva semiótica. Haveria, então, uma abordagem correta?

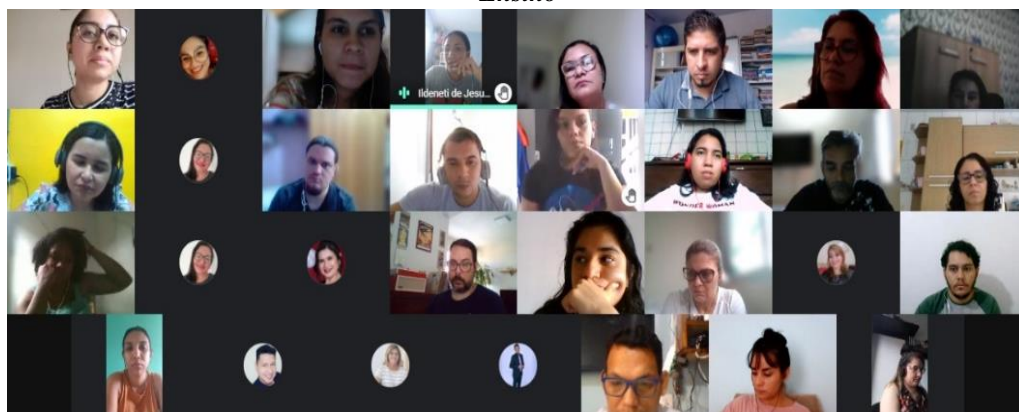
Na ordem semântica, ou seja, quando pretendemos compreender o sentido da palavra “tecnologia”, verifica-se que ainda há debates na definição de um sentido único ao termo. Pereira e Bazzo (2010), ao analisarem a tecnologia como uma construção humana, caracterizam a expressão de diferentes modos: é algo concreto, uma novidade de complexidade não compreendida, “algo que remeta a científico”. (p.2). Citam também a interpretação da tecnologia como ciência aplicada e, por fim, emprega o termo tecnologia como um sinônimo de artefato técnico, uma construção humana, nos levando ao entendimento da tecnologia - ou as tecnologias - como “coisas que expandem a humanidade no mundo” (p.2).

Ao analisarmos a temática através do olhar da semiótica, isto é, compreendendo as tecnologias como signos, que assumem a forma de ícones, símbolos e índices, percebemos que a tecnologia adquire um caráter experimental, expressando identidade e personalidade. Num sentido prático, percebemos que um carro esportivo de luxo transmite uma mensagem diferente daquela veiculada por um carro popular. E essa mensagem varia com o tempo. A tecnologia passa, então, a ser empregada como a linguagem “com a qual expressamos um pouco de nossa identidade, e principalmente da imagem que queremos transmitir de nós próprios” (Pereira; Bazzo, 2010, p. 8). Assim, percebi que é possível chegar à compreensão parcial da tecnologia quando escolhemos um dos pontos de vistas adotados, seja ele a ótica semântica ou a perspectiva semiótica. Entretanto, a compreensão holística acerca da tecnologia é melhor percebida quando enxergamos através de duas lentes: o aspecto semântico que é atribuído ao termo “tecnologia”, assim como a perspectiva semiótica, repleta de símbolos e significados que são atribuídos a esta temática pelo ser humano. Esses dois aspectos intrínsecos da tecnologia nos permitem perceber, criar e recriar significados, influenciados pelo pensamento característico de um período no tempo.

1.5.3 Um momento ontológico dentro do processo formativo

A segunda disciplina vivenciada por mim no mestrado profissional foi a disciplina “Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino” que foi ofertada no primeiro semestre de 2021.

Figura 13: Aula Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino



Fonte: Acervo pessoal 2021.

Quatro desdobramentos foram adotados pelo titular da disciplina, sendo elaborados digressivamente, assumiram um caráter de interdependência, atendendo tanto ao seu propósito, quanto ao propósito da Questão Central, em que cada desdobramentos fomos

viajando no contexto ontológico de tudo que já vivenciamos, a partir do reconhecimento das vivências como experiências formadoras adquiridas desde a escola primária até a conjectura atual que é o mestrado acadêmico, apresentando de forma sucinta a resiliência, a subjetividade, através de carta autobiográfica no contexto etnográfico. A disciplina contou com a participação de 29 mestrandos ingressantes da turma 2021 do programa, onde foi possível compartilhar as experiências de vida e suas histórias de resiliências.

Portanto tais experiências se tornaram uma produção individual, como avaliação principal, constituída de quatro partes, conforme os desdobramentos dos objetivos específicos propostos. Uma vez sistematizadas as produções individuais, foram organizadas em seções, conforme os temas, ganhando um formato de e-books, que foram publicados posteriormente. Partindo do objetivo central da disciplina que era sistematizar os registros que emergiram de narrativas de professores em formação continuada, decorrentes de suas vivências e experiências sobre o sentir-se professor pesquisador. Considerando a tríade dimensional paradigmática (ontológica, epistemológica e metodológica), assim como o debate quanti/quali nas tendências de pesquisa em Ensino e suas possibilidades e implicações integradoras quanto aos métodos investigativos adotados, foi que eu vivenciei uma das mais bonitas odisseias ao tempo através do contar-se em cartas sobre o sentir-se professor a partir da subjetividade e da resiliência; reconhecendo-se um professor pesquisador, identificando as tendências de pesquisa do ensino da atualidade.

O caminho investigativo percorrido acompanhou a temática Central, elaborada de acordo com o propósito apresentado na ementa da disciplina do docente a nós alunos. Ao dar a voz aos nobres colegas, vivenciei relatos através de cartas em quatro desdobramentos. Para que as mesmas fossem efetivadas houve um conjunto de procedimentos, explicitados no desenrolar do planejamento, com suas respectivas datas e prazos. Foi nestes direcionamentos que tive a oportunidade de compartilhar minha história de vida no sentido ontológico. Ao me permitir lembrar e compartilhar a minha autobiografia, em primeiro instante falei de uma Odisseia na autobiografia de um professor desde meu nascimento até o está no mestrado acadêmico; no segundo momento apresentei a minha Epistemologia do meu retrato de um professor pesquisador, e o terceiro esbocei um novo olhar na construção do meu retrato docente e no quarto momento fiz uma analogia das tendências da minha pesquisa, com as tendências das dissertações e dos produtos do PPGET aprovados na construção de um novo retrato docente. A partir desta perspectiva utilizei o método autobiográfico como ferramenta pedagógica para transformação da práxis.

Devido a Pandemia da Covid-19 a disciplina aconteceu de forma remota via *Google meet*, as rodas de conversa, ainda que de forma virtual, proporcionaram um diálogo interativo entre os discentes e o docente, um momento ímpar na vida de cada um que compartilhou suas histórias. As interações foram um exercício de escuta e fala, em que se ouviram vários personagens, “o diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos” (Freire; Shor 1987), ou seja os momentos de escuta foram mais numerosos que os de fala. As narrativas de vida traduzem a percepção do discente, mas ele não narra sozinho: reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização. O discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva.

Ao contarmos a nossa história, não abordamos somente a nossa vida, formação escolar na condição de estudante ou de professores, e sim uma narrativa que está atravessada por outras -família, comunidade, amigos, condições sociais, políticas e culturais. Tantas histórias de vida, de resiliências puderam ser compartilhadas ao longo da disciplina.

Destaco a fenomenologia, pois as vivências, as percepções advindo das práticas, a subjetividade são fatores pertinentes presentes no contexto ontológico docente, a fenomenologia eidética, que aponta para a intuição reflexiva da consciência partindo do vivenciar-se (da experiência vivida), trazendo tantas vivências, tantas experiências conscientes de uma emancipação no processo formativo, segundo Husserl (1982), a fenomenologia eidética é uma abordagem que visa superar as limitações do conhecimento empírico, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade. A fenomenologia eidética busca capturar as estruturas essenciais da experiência consciente através de uma "redução eidética", que permite a investigação das essências universais da experiência, independentemente das particularidades das experiências individuais. Ainda para ele a fenomenologia eidética é uma abordagem que visa superar as limitações do conhecimento empírico, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade. Destaca-se também, a fenomenologia hermenêutica, trazendo presente a ontologia, o existir/ser/estar na minha autobiografia. Que para Gadamer (1997), a fenomenologia hermenêutica parte da premissa de que todo conhecimento humano é construído através da linguagem e da interpretação dos significados das coisas. Nesse sentido, a compreensão do mundo e da experiência humana não se dá de forma objetiva, mas é sempre mediada pela linguagem e pelas tradições culturais e históricas nas quais estamos inseridos.

Neste contexto, a fenomenologia é de suma importância na trajetória docente, pois o trajeto docente onde se vai começando a moldar o retrato do professor, começa com o processo formativo, o ensino básico até a graduação, ou seja, a relação entre a teoria e prática vai se emergindo para uma compreensão significativa, pois ao falar dessa relação, dos fenômenos estudados enquanto professor em formação o que significou, o que foi se experienciado (Bicudo, 2011), vai se percebendo o método fenomenológico presente nesta relação. Ao falar sobre teoria e prática é essencial conhecermos primeiramente o conceito de teoria e o conceito de prática e assim fazermos a relação entre elas. No trajeto docente destacam-se também as narrativas; com a narrativa de nossas experiências, aprendemos que os acontecimentos passados assumem vários matizes – refletimos, nos dobramos sobre a própria vida e apreendemos conceitos que são “as senhas com que se desenha a realidade” (Nicol, 1997, p.352). A narrativa da própria vida, nas palavras de Bosi (1983), é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória compreendida não como sonho, e sim como trabalho. Lembrar não é reviver; lembrar é refazer o percurso, repensar e reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. E assim foi-se lembrando e vivenciando, mergulhando na imaginação de carta que era lida na socialização dos desdobramentos.

Em síntese, foi vivenciando a disciplina Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino, que em mim proporcionou uma possibilidade de reflexão sobre os processos formativos. As produções foram apresentadas de maneira particular, revelando singularidades e relatos múltiplos e diferenciados. Diferem também sobre como foi tecido os trabalhos finais, colocando vivas suas lembranças. Todo conhecimento adquirido foi contingente e relativos, foi preciso mergulhar numa reflexão ontológica mais profunda para olhar o retrato do professor pesquisador que foi sendo construído no processo formativo, dando ênfase a autonomia, as subjetividades e ao modernismo contemporâneo.

1.5.4 Estratégias e Metodologias Mediadoras da Aprendizagem no Ensino

A presente disciplina foi a terceira e última do primeiro semestre de 2021 do mestrado, foi um momento de aprendizado e reconhecimentos de metodologias e estratégias que para mim passavam longe do meu banco de dados de conhecimento. Para a condução das aulas e interação da professora com a turma no contexto remoto, foram adotadas diferentes tecnologias tais como, *Google Classroom*, *Google Meet* e *e-mail*.

Figura 14- Estratégias e Metodologias Mediadoras da Aprendizagem no Ensino



Fonte: Acervo pessoal 2021.

Ao longo da vivência da disciplina, tive bastante dificuldade para assimilar algumas coisas por serem novas, talvez por ser trabalhado via *Google Met*, assim como foram as outras disciplinas. O objetivo central da disciplina era formar profissional da educação que pesquisa sobre conhecimentos sistematizados sobre ensino tecnológico, centrando-se em processos formativos de professores e em processos e recursos de ensino e aprendizagem referentes à formação do cidadão e do profissional e sua respectiva inserção no mundo do trabalho, assim a docente da disciplina conduziu este momento de aprendizagem e troca de saberes.

As aulas teóricas foram realizadas de forma dialogada conosco, alunos da disciplina, mediada por tecnologias como o *Google Met* e *Classroom*, com proposição de situações e questionamentos para reflexão crítica sobre o conteúdo, tendo suporte de roteiros de aprendizagem, slides, textos e vídeos. Um momento muito importante foram as aulas práticas, que ocorreram por meio da resolução de roteiros de aprendizagem e da realização do trabalho final da disciplina, nos quais tanto eu como meus colegas de turma empregamos os conteúdos aprendidos na disciplina e aqueles estudados de forma autônoma. Dado a pandemia do Coronavírus e ao período de isolamento social, o planejamento da disciplina foi adaptado para incluir mais tempo para o estudo autônomo.

Diferentes instrumentos foram adotados pela docente com o objetivo de dinamizar as aulas e levar cada um de nós a um mergulho profundo no saber, tais como roteiros de aprendizagem, slides, vídeos, artigos e capítulos de livros que contribuíram com meus estudos. A docente nos avaliou por meio da entrega de um trabalho final, construído ao longo da disciplina cujos critérios foram devidamente esclarecidos para nós alunos por meio de um roteiro específico, que nos norteou neste processo de aprendizagem.

1.5.5 O Estudo Das Diversidades Dentro Do PPGET

O motivo pelo qual se escolheu junto com o Orientador a cursar a presente disciplina optativa do PPGET, “A diversidade no Contexto Educacional: Discursos, imaginários e desafios”, se deu pelo fato da minha linha de pesquisa ser voltado para a formação docente, e eu enquanto estudante do mestrado que mais tarde serei formador de professores, não poderia jamais deixar o meu currículo sem essa disciplina tão importante para a formação docente, pois nas escolas nos tempos atuais entender e compreender o tema diversidade se faz necessário.

A disciplina foi ofertada no segundo semestre de 2021. A disciplina contou com a participação de mestrandos ingressantes da turma 2021 e alunos pertencente a turma especial ofertada pelo PPGET. Ao deixar-me navegar nas leituras e discussões vivenciados na disciplina, que pude conhecer as narrativas dos impactos e desafios presente na contemporaneidade no contexto cultural, no processo formativo, da prática docente, e que indicaram a necessidade de investimentos cada vez mais de políticas públicas que promovam a melhoria da educação em especial a inclusão. Na minha formação enquanto professor em formação continuada, um novo olhar foi configurando nas primeiras horas até o fechamento da disciplina, pois os conceitos e o conhecimento de diversidade no contexto educacional advindo da disciplina eram conceitos prematuros de um mero leigo, que passa a refletir a sua formação e prática profissional na atualidade.

Ao discorrer sobre diversidades no contexto educacional e no imaginário dentro da disciplina do mestrado profissional em Ensino Tecnológico, nada melhor do que se iniciar com a leitura que desse um direcionamento para a temática em discussão. A leitura introdutória seguida da oralidade da professora da disciplina com os alunos em sala de aula, ficou pautada na obra “Estudos Culturais: de Análises subalternas e alternativas teóricas produtivas para a explicação de fenômenos sociais brasileiros” do autor professor Emerson Urizzi Cervi.

Percebeu-se logo de imediato a estranheza nas primeiras leituras da obra, pois se tratava de uma leitura com interpretação de um tema de uma complexidade grande. Neste primeiro momento, foi-se quebrando paradigmas e ia-se conhecendo o contexto histórico da temática a ser trabalhada na disciplina. Pautada nos estudos sociais, foi possível conhecer no sentido ontológico os primeiros estudos no processo histórico no Brasil, bem como sua resignificação na contemporaneidade. Foram saberes adquiridos e compartilhados no diálogo com a professora baseados na obra do autor que foi tangenciando a resignificação da

diversidade mais sucinta e objetiva o tema, gerando assim uma mudança de postura na minha prática docente no contexto da pluralidade cultural.

1.5.6 Diversidade e Prática Docente

Falar sobre diversidade segundo Gurgel (2011) é tentar entender a pluralidade de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. A ideia de diversidade está ligada aos conceitos de pluralidade multiplicidade. Partindo do ponto de vista da Antropologia ainda para o autor, entender a diversidade contemplaria entender diferentes hábitos, costumes, comportamentos, crenças e valores, e a aceitação da diferença na outra chamada de alteridade, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro, está aberto a diálogo.

Trazendo tais conceitos para a prática docente, arrisco-me a dizer que para entendermos as pluralidades de ideias presente no espaço educativo é preciso de fato estamos prontos para dialogarmos com as diferenças, estarmos abertos a quebrar paradigmas que já estão enraizados nas escolas como afirma Borges et al (2013, p.150) “o paradigma da segregação é intenso e, ainda, enraizado em muitas escolas”, e precisam ser arrancados para de fato acolher e viver a diferença.

É importante destacarmos a importância da formação continuada neste processo de discussões sobre o tema diversidade, Borges et al (2013) dão um direcionamento neste sentido, fazendo apontamentos a diferentes estudiosos do campo educacional (Sacristán, 2002; Barreto, 2008; Henriques, 2012; Briant; Oliver, 2012), ambos autores tem chamado a atenção para um olhar e/ou melhor atenção a formação do/a professor/a para atuar em diferentes situações e/ou contextos educacionais. O que de fato precisamos entender é que para acompanharmos tais mudanças necessitamos tanto na prática docente como no processo de formação inicial ou continuada sermos professores pesquisadores, neste sentido Santiago (2002, p. 22) ressalta que:

É nesse sentido que a superação da lógica da hierarquização entre os que pesquisam, pensa, planejam, prescrevem e os que apenas propõem e executam a educação escolar, somente será superada na medida em que os educadores que realizam o trabalho pedagógico no cotidiano da escola, abandonando a consciência ingênua e a visão restrita a questões intra-escolares, assumam, coletivamente, a atitude de intelectuais curiosos e comprometidos com o estudo de sua realidade.

De fato, é necessário deixarmos nossas lagoas e irmos a fundo a novos rios e mares, mergulhar na diversidade, na diferença, deixando de realizar o processo para construir o

processo e se inserir nele no contexto social neste processo formativo. Assim, é necessário que que façamos ajustes em nossa atuação, em tempo hábil, para que possamos aprimorar a nossa prática pedagógica na contemporaneidade.

Ao falar sobre prática docente, abre-se um amplo campo de ideias que estão relacionadas ao conhecimento constituído no decorrer de uma trajetória escolar, unidos com conhecimentos adquiridos no seu processo de formação, no qual esses conhecimentos são essenciais para que o educador possa se encontrar em um vasto campo de conhecimentos, pois o conhecimento de alguma coisa é contingente à práticas humanas, constrói-se a partir da interação entre os seres humanos e o mundo. Se desenvolve e é transmitido em contextos essencialmente sociais. O conhecimento se constrói por seres humanos quando interagem com o mundo que interpretam (Sandín, 2010).

Ao discorrer sobre a prática, Freire baseia como a relação à subjetividade-objetividade ampliando para o conceito de práxis. Esse mesmo autor (1983, p.40) relata que “[...] a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Faz-se necessário que o homem não só conheça o mundo é preciso que o mesmo o transforme, visto que, conhecer não é um ato passivo do homem frente ao mundo, é antes de tudo conscientização, intercomunicação, intersubjetividade, que pressupõe a educação dos homens entre si mediatizados pelo mundo, tanto da natureza como da cultura. (Freire,1983). Portanto. a prática vincula o ser humano nessa procura consciente de ser, estar e agir, ou seja, apropriar à prática dando sentido a teoria, e é no processo formativo que se vai construindo, vivenciando e preparando o educador para saber lidar com as diferenças presente na trajetória docente.

A formação docente é constituída de elementos que visam alcançar um dos principais objetivos da educação, que é formar o cidadão até que ele esteja apto para a sua vida profissional a saber conviver com diferença neste mundo globalizado por mudanças. Essa formação docente está ligada a vários aspectos, como nos orienta Imbernón (2011, p. 17) afirmando que:

A formação do professor deve estar ligada a tarefas de desenvolvimentos curricular, planejamento de programas e, em geral, melhoria da instituição educativa, e nelas implicar-se, tratando de resolver situações problemáticas gerais ou específicas relacionadas ao ensino em seu contexto.

Foi o Programa de Pós Graduação em Ensino Tecnológicos-PPGET, através da disciplina “A diversidade no Contexto Educacional: Discursos, imaginários e desafios”, que pude conhecer e me aprofundar mais na temática, deixando de ser um mero leigo a ser um professor pesquisador instigando a buscar novos enfoques paradigmáticos com intuito de

fazer uma nova ressignificação na minha prática docente, aberto aos diálogos das diferenças, a deixar de ser meros executores do sistema enraizados nas escolas, fechado ao diálogo da inclusão das mais diversas diferenças do contexto social a me tornar professor ativo às realidades do educandário, levando em consideração todos os aspectos culturais presentes.

Para tanto, a tessitura das leituras dos textos da disciplina, narram os impactos e desafios presente na contemporaneidade, no contexto cultural, dentro do processo formativo, da prática docentes, apontam a necessidade de investimentos cada vez mais em políticas públicas que promovam a melhoria da educação, em especial a inclusão, para que tenhamos uma educação de qualidade que possa contribuir na formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade, fazendo valer as conquistas frutos dos derramamento de sangue de inocentes que lutaram para que hoje tais reflexões pudessem ser discutidas e debatidas no contexto escolar e no processo formativo.

Em suma, não basta apenas debater as diferenças sociais presentes nos espaços educativos, é preciso fazer valer tudo o que foi conquistado até aqui, e pressionarmos nossos representantes políticos para os interesses aos debates presentes, nas escolas e universidades, congressos, entre outros, os quais clamam por uma nova política pautada na inclusão social, afinal não somos iguais, mas precisamos ter perante a constituição os mesmos direitos, sem nos importar com a raça, a cor, a sexualidade ou seguimento religioso, entre outras diversidades presentes na humanidade.

1.5.7 - O Estágio Docência Dentro Da Formação Continuada

Por sua vez, não poderia deixar de registrar no meu memorial formativo o estágio que vivenciei dentro do PPGET, pois foi um momento de aprendizagem e compartilhamento de saberes em minha vida. Para o Programa de Pós-Graduação de Ensino Tecnológico-PPGET, no regimento interno aprovado pela RESOLUÇÃO Nº 48-CONSUP/IFAM, 16 DE JULHO DE 2021, o Estágio Docência é:

uma atividade curricular para discentes de Pós-Graduação Stricto Sensu, sendo definida como participação em atividades de ensino em cursos de graduação, prioritariamente em disciplinas que tenham uma relação ou afinidade com a pesquisa em desenvolvimento, com o acompanhamento do professor da disciplina, com a aquiescência do orientador (Art. 72 do Regimento, p. 27).

O estágio ocorreu no primeiro semestre do ano letivo de 2022 no Instituto Federal do Amazonas, Campus Manaus-Centro, na turma do 7º período de Licenciatura de Física no turno vespertino na Disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I, sob a orientação do Professor

Doutor Amarildo Menezes Gonzaga, responsável pela disciplina supracitada e orientador do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico.

Para que se cumprissem os requisitos do Estágio Docência, foi necessário que eu elaborasse um Plano de Atividades que foi submetido e aprovado pelo Colegiado do Programa. A escolha da disciplina justificou-se por ser pesquisador da linha 1 “Processos para a eficácia na formação de professores e no trabalho pedagógico em contextos de Ensino Tecnológico”, de modo que a disciplina em questão foi uma excelente oportunidade para ampliação dos saberes que tenho desenvolvido ao longo da produção da dissertação.

A dinamicidade que envolve o processo formativo de professores construído para a execução do plano de ensino da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I foi de suma importância para o desenvolvimento de ações que contribuíssem significativamente no processo de formação docente enquanto estagiário e para a turma do sétimo período de Licenciatura em Física, pois tinha como bases matrizes de autonomia e autenticidade, para efeito de contribuições e efetivação na elaboração dos referenciais identitários dos participantes.

As atividades teóricas e práticas com seus respectivos objetivos citados no plano de ensino buscaram proporcionar possibilidades narrativas aos professorandos em formação inicial, sobre os episódios que experienciaram durante o processo de formação inicial, bem como a apropriação de abordagens referentes à pesquisa e seus desdobramentos, possibilitando contribuições para suas futuras práticas pedagógicas, professorandos estes sujeitos de sua formação e prática didático científica, aptos a atuar no Ensino de Ciências, em especial voltado para a formação do professor de física, referenciados por critérios éticos e legais, comprometidos com a qualidade da Educação Básica.

1.5.8 A Regência na Formação Continuada

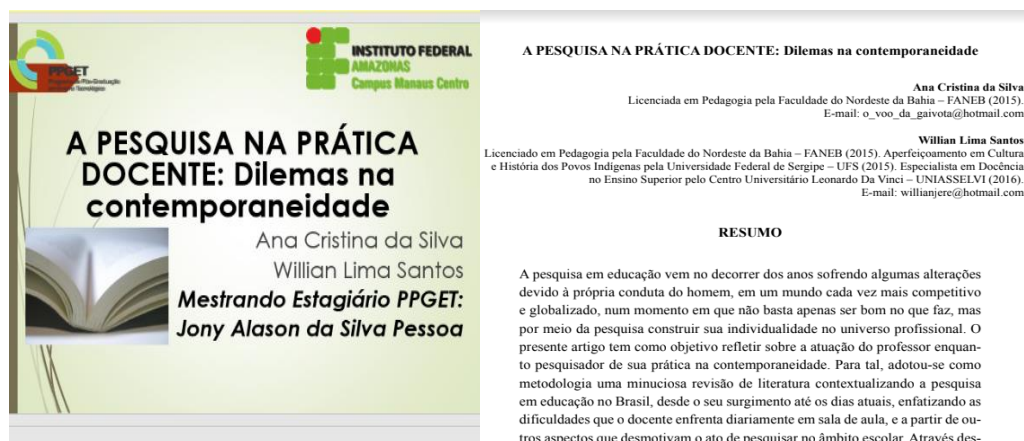
Na minha trajetória formativa uns dos momentos que ficaram marcados na minha formação continuada foi o estágio, pois possibilitou para mim enquanto mestrando um contato direto com o Ensino Superior ao me permitir vivenciar os detalhes da regência. A propositura da regência foi pensada e elaborada para que eu pudesse alinhar as ações aos objetivos do plano de ensino proposto pelo professor da disciplina. Sendo assim, aconteceram em três momentos reflexivos atrelados aos desdobramentos do plano de ensino apontado pelo

docente da disciplina, alguns ajustes se fizeram necessários ao plano para que houvesse uma participação mais significativa minha enquanto estagiário.

No decorrer da regência, para que eu pudesse ter um retorno dessas trocas de saberes, como atividade avaliativa, solicitei uma carta de acordo com o desdobramento diretamente relacionado com o conteúdo das aulas. Para ser respondido, o professor disponibilizou três momentos para realizar a regência de forma sucinta e avaliativa, ou seja, três aulas, ficando à disposição dos alunos para tirar dúvidas, além de compartilhar os conteúdos das aulas para facilitar o processo.

No dia 31/03/2022, mergulhei no imenso rio Amazônico ribeirinho, pois começara a minha regência numa imensa viagem com a temática “**A PESQUISA NA PRÁTICA DOCENTE: Dilemas na contemporaneidade**”, este que era referente aos processos formativos trabalhados no primeiro desdobramento do plano que trazia o seguinte questionamento: Durante a sua formação inicial, o que os professorandos contam do que experienciaram referente a abordagens sobre pesquisa e pesquisa sobre o Ensino? Para isso preparei um slide para que eu pudesse apresentar de forma dinâmica a temática que era embasada no artigo de autoria de Ana Cristina da Silva e Willian Lima Santos. Selecionei o conteúdo a ser explorado tendo em conta os objetivos e o tempo disponível para a aula que seria de 2 horas.

Figura 15: Imagem do texto trabalhado na regencia



Fonte: Compilação do autor, acervo pessoal 2022

A aula aconteceu em forma de rodas de conversas mergulhando no teor do texto, para que os alunos produzissem seu primeiro texto em forma de cartas narrativas contando sobre os episódios que experienciaram durante o processo de apropriação de abordagens sobre pesquisa e seus respectivos desdobramentos, como contribuições para suas futuras práticas

pedagógicas. Tais produções dos textos narrativos, tiveram como pretexto o teor do que foi apresentado na problematização, onde cada participante teve a liberdade para “mergulhar” na sua história e buscar subsídios necessários para incrementar as suas narrativas, com o intuito de contar, como pretexto para ver se no itinerário formativo que percorreu, reconhecendo suas limitações, seus avanços e suas potencialidades.

No dia 26/05/2022, foi o dia que apliquei a segunda aula que aconteceu no 3ª desdobramento do plano de Ensino da disciplina, também ajustes foram feitos, pois se fizeram necessários. O conteúdo foi sobre saberes docentes com o objetivo de levá-los a navegar em seu mundo alegórico imaginário, na perspectiva do sentir-se professor pesquisador atrelado a sua identidade, de quem eu sou e que professor quero ser. Pautada na formação docente, ministrei uma aula voltada aos saberes docentes, para isso também utilizei como ferramenta o slide para que a aula pudesse ser expositiva e atraente, instigando os alunos a se questionarem e se verem dentro do processo formativo.

A ser definido pelo tema foi necessário fazer uma pesquisa para se fazer uma revisão bibliográfica pautada nos saberes docentes, neste primeiro momento, adotou-se uma pesquisa bibliográfica, que segundo Fonseca (2002, p.13) “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir do levantamento de produções já existentes sobre o tema, de posse das variadas obras pesquisadas foi possível discorrer e fazer nossas análises dos quatro saberes apontado por Tardif (2010), ainda Fonseca (2002) afirma que “Qualquer trabalho científico se inicia com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Figura 16: Alunos que participaram da regência 26/05/2022



Fonte: Acervo pessoal 2022

Assim como as experiências narradas e contadas através das cartas no primeiro e no segundo desdobramento, e baseado na aula ministrada sobre saberes docentes, que os narradores/professorandos de física contaram para o estagiário do PPGET, em uma rodada de oralidade de leituras de cartas entre eles sobre os saberes docentes, a sua definição, os tipos, quanto ao tipo de tratamento que se propõem a dar à pesquisa, em suas futuras práticas pedagógicas. Propus aos alunos que elaborassem uma carta dirigida a mim, para que na próxima aula pudesse ser compartilhada em forma de roda de conversa. Para ajudar neste processo deixei 3 questões reflexivas para eles, a saber: Quais as perspectivas teóricas-metodológicas que embasam minha prática? Quais os objetivos do ensino? Que pessoa/profissional quero formar?

No 02 de junho de 2023, realizou a culminância da regência com algumas reflexões através da roda de conversa proposta na aula anterior, tendo como foco a socialização das cartas enviadas para compor a prática realizada em sala de aula, tomando como referência o teor da problematização proposto. Para este momento, cada participante leu sua carta, e assim construiu-se uma roda de conversa, abordando aquilo que mais significou e como poderíamos ressignificar cada vivências e histórias contada através das cartas, sem fugir da problematização que emergia os saberes docentes. E assim foram feitas as apresentações tendo o estagiário como mediador da turma, tendo a possibilidade de ressignificar o conhecimentos a respeito dos saberes docentes ao dar a voz aos acadêmicos que participaram desta roda de conversa com o objetivo de socialização das cartas propostas que refletem as experiências e vivências de cada um.

Figura 17: Culminância da regencia 02/06/2022



Fonte: Compilação do autor acervo pessoal 2022

Ao dar a voz aos participantes, os alunos do 7º período de Licenciatura em física os mesmos deram seus depoimentos de quanto foi importante e significativo a participação de um estagiário nos três momentos das ações realizadas em sala de aula, compartilho aqui um desses relatos:

O momento com você foi bastante proveitoso, pois vi que a turma conseguiu interagir significativamente junto com você. Embora a turma fosse pequena, sua postura e didática foram bem sucintas, e os relatos das suas experiências contribuíram muito conosco” (relato de um aluno da turma de física do 7º período)

É relato como esse que nos dão a certeza que o estágio é de grande importância para qualquer formação, pois as trocas de experiências nos ajudam a ressignificar sempre nossa postura enquanto estudante, docente.

A participação no estágio fez com que percebesse os diversos afazeres da prática docente, que incluem desde o planejamento de aulas, ao observar e mediar o desenvolvimento do conhecimento dos alunos até, trazendo para o meu currículo uma experiência sem igual na docência no ensino superior. Não apenas a experiência profissional, mas também a experiência de lidar com as pessoas adultas, de interagir na forma presencial, de buscar conhecimento aprofundado, compreender o conhecimento prévio, além de levantar várias discussões sobre o contexto atual de ensino. Tal experiência se fazia necessária para que eu enquanto professor da rede pública estadual do Ensino Médio, pudesse compreender a importância do professor nesse processo formativo de futuros professores, compreender as habilidades que precisam ser desenvolvidas, pensar em estratégias de ensino e aprendizagem, e definir uma metodologia na qual se possibilite uma aprendizagem significativa e a ressignificação do conhecimento.

Em suma o estágio docência deixou rastro na minha caminhada no mestrado, rastro de um ser subjetivo que a cada dia busca o novo, busca atualizar-se para conseguir acompanhar as mudanças que ocorrem diariamente na educação brasileira, rastro que me instiga a buscar futuramente uma vaga no doutorado e ingressar na rede pública do Ensino Superior pautada na formação docente, formação essa que é a mãe de todas as formações.

1.5.9 O SETA e a Formação Continuada

O Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas – SETA é um evento promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico – PPGET do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, com o intuito de disseminar o conhecimento em ensino, pesquisas e experiências por meio de relatos, palestras, mesas-redondas, artigos científicos e oficinas a partir de temas com foco no ensino tecnológico e na pesquisa acadêmica.

A VII Edição do SETA que ocorreu em 2021, ano este que adentrei dentro do Programa de Mestrado PPGET, tive o primeiro contato com este evento de grande magnitude, ainda que apenas como um docente pesquisador em formação. Nesta VII edição fui contemplado com aprovação de um Trabalho completo em formato de Artigo com a Temática “Formação Inicial: Relação entre a Teoria e Prática de Professores Recém-Formados em Matemática”, que foi publicado nos anais do SETA/2021. Foi um momento de aprendizado e ressignificação dos saberes dentro do meu processo formativo.

Em sua VIII edição que aconteceu 100% online, nos dias 23, 24 e 25 de novembro 2022, com o tema **Rede de Ensino Tecnológico: diálogos e ações**. Esta edição teve um momento de suma importância dentro da minha formação continuada, pois a VIII edição era de Responsabilidade dos mestrandos da turma/2021 juntamente com a primeira turma dos doutorandos da turma/2021. Para que o evento acontecesse foram necessárias várias reuniões para que se chegasse na temática, na formação da equipe até a realização deste grande simpósio. Tive o privilégio de participar na comissão Comunicação de divulgação deste grandioso Evento, na nossa trajetória também foram necessárias usar as estratégias de divulgações, como *Facebook, Instagram, Whatsapp e YouTube*.

Figura 18- Comissão de Comunicação e Divulgação SETA2022



Fonte: Site do PPGET 2023

Em minha trajetória enquanto mestrando, em cada momento vivenciado procurei com afinco viver, aprender, compartilhar saberes que viessem de encontro com a minha temática investigativa, procurando sempre interiorizar e refletir os acontecimentos dentro deste programa de formação continuada que faço parte como mestrando. Portanto, os relatos

dissertados até aqui neste memorial têm um teor de veracidade, não está escrito tudo que vivi, porém os momentos mais marcantes em minha vida, procurei deixar registrado aqui, momentos que me ajudam a compreender o quanto ao longo da caminhada procurei ser resiliente perante as adversidades em minha vida, que começou desde a minha concepção até nos dias atuais.

Ao longo desta jornada narrativa ontológica contada por mim sobre mim desde o início de tudo até a chegada no mestrado, se faz necessário voltar na escrita e mergulhar dentro da minha própria história contada por mim, e fazer uma reflexão de tudo que já vivenciei, e selecionar alguns episódios que me levem a compreender o sentido de um ser subjetivo resiliente num processo autoformativo. Começo por primeiro entender o que é resiliência, tema que tem sido objeto de estudo em muitas linhas de pesquisa, como por exemplo: na psicologia, na medicina, na enfermagem, na física, na engenharia entre outras ciências presente no mundo, e para então mapear os episódios dentro da minha história de vida aqui contada.

1.6 Resiliência

Ao discorrer sobre o tema se fez necessário fazer uma pesquisa bibliográfica para ajudar-me a entender e aprofundar um pouco mais sobre a temática e sustentar a minha os episódios de resiliência. Para isso se fazia necessário conhecer um pouco a sua origem, no contexto histórico para depois conhecer as variadas acepções do tema. No Sentido de origem o termo resiliência surgiu nas ciências exatas, onde era necessário entender como alguns materiais voltaram ao seu estado original, após passar por correntes de energia e permanecerem em seu estado original (Pinto, 2002). Ainda no sentido do contexto histórico Angst (2009, p. 254), o termo resiliência surgiu no âmbito da física e engenharia, e somente há pouco tempo foi reconhecido na área de Ciências Sociais e Humanas. Na ciência da física originariamente é utilizado para descrever a habilidade que um material possui de armazenar energia ao sofrer uma pressão e de se flexionar elasticamente sem quebrar ou se deformar (Gordon, 1978 apud Norris et al, 2008). No sentido ainda da física o tema resiliência descreve ainda a velocidade com a qual um sistema retorna ao seu equilíbrio após deslocamento, sem considerar quantas oscilações sejam necessárias para isso. Ou seja, diz respeito à velocidade com que a homeostase é atingida novamente (Bodin & Wiman, 2004). A partir dos conceitos da física o termo resiliência vem sendo utilizado na Medicina,

Psicologia e Psiquiatria desde o final da década de 70. Na contemporaneidade o conceito de resiliência na área de Ciências Sociais e Humanas ganhou maior relevância, apesar de o interesse pelo termo seja antigo.

Como se fazia necessário ir mais afincado na definição de resiliência no sentido social da vida humana, procurei primeiramente conhecer o sentido da palavra, para tal definição busquei ao dicionário Aurélio que define como “capacidade de superar, de recuperar adversidades”, corroborando com o dicionário Aurélio para os autores como Cyrulnik (2003), de Sordi, Manfro e Hauck, (2011), de Angst (2009) e de Gallego Gómez (2014), reconhecem que as pessoas estão predispostas a vivenciar situações difíceis ou traumáticas durante as suas vidas, sendo necessário o enfrentamento dessas situações para que elas sejam superadas e não haja adoecimento físico e/ou mental de quem as vivência, eles ainda afirmam que o processo de resiliência é marcado por avanços e retrocessos.

A resiliência ela se torna muito presente na vida humana no sentido dos avanços e retrocessos, pois ela busca desenvolver, no sujeito, processos que lhe darão suporte para superar as adversidades e que lhe permitirão adaptar-se melhor às circunstâncias. Ainda sobre a definição da temática para Tavares (2001) a palavra resiliência no sentido etimológico tem como significado resilio de re + salio “ser elástico” que retorna à posição original após uma deformação. Do ponto de vista da Psicologia, resiliência é recuperar-se, dar a volta por cima depois de uma doença grave, trauma, estresse; é enfrentar as provações da vida, ou seja, primeiramente resistir a elas e depois conseguir superá-las para viver o melhor possível; inclusive para algumas pessoas se fortalecer ainda mais diante das adversidades.

A partir deste conceito em primeiro momento olho para tudo que já vivi e arrisco-me a definir de acordo com os autores que a resiliência que é um tema tão presente na contemporaneidade na vida humana, é a capacidade de caminhar ao longo de uma estrada com determinado objetivo sem ter medo de seguir o caminho, sendo forte perante os obstáculos que se encontrará, sabendo que nada a vida terrena é difícil de se viver, onde a subjetividade humana é uma senhora amiga da resiliência e que se faz necessário sempre estar dispostos a recomeçar, a voltar para trás quantas vezes for preciso até alcançar o objetivo almejado, que as adversidades enfrentadas passará a ser contada como história de superação e aprendizado, do sujeito que caminhou e experienciou o vivido. Para Infante (2003, p.32) “ser resiliente é, após passar por adversidades, ter a capacidade de superar e sair fortalecido, reconhecer a resiliência como um processo que pode ser "desenvolvido e promovido", ou seja, ao ser resiliente o homem consegue se ajustar dentro do processo em que

está vivendo, seja momentos memoráveis ou de grandes turbulências, a forma como você consegue superar tais situações que faz o homem ser um ser subjetivo autêntico.

Senhores leitores, após esse processo de origem, aceitação e familiarização do tema resiliência, passo agora a dialogar com a minha história de vida e selecionar 4 episódios de resiliência vivenciado ao longo da minha história de vida.

1.6.1 1º episódio: um menino resiliente em meio as adversidades da infância

Ao familiarizar-me nas acepções sobre resiliência, selecionei algumas que viessem ajudar-me a refletir os episódios de resiliência ao longo da minha história de vida ontológica, neste sentido caminharei nos conceitos de Groberg (2005) e Infante (2005), por perceber que para mim há uma grande aproximação nas definições de resiliência com a minha história de superação atrelada a adversidade. Para Grotberg (2005, p.15), resiliência é “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”. Na perspectiva de Infante (2005), o conceito de resiliência está relacionado à adaptação positiva que ocorre quando o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento, ou quando não houve sinais de desajuste. A autora salienta que processo de adaptação em situações adversas, são fatores importantes para definirmos um ser resiliente. Ainda a autora destaca que a adaptação positiva permite identificar se houve um processo de resiliência.

Neste sentido partindo da minha história narrada por mim neste primeiro capítulo, percebo que o meu primeiro momento de um ser resiliente se deu no início do meu processo formativo paralelo a minha infância, sabendo que a resiliência é a capacidade que o indivíduo tem de superar as adversidades, termo este que é também usado como sinônimo de risco e pode designar muitos fatores de riscos como viver na pobreza, ou uma situação de vida específica como morte de um familiar (Infante, 2005).

Nesta tessitura ao lembrar da situação social da minha família, os momentos difíceis enfrentados em um período em que ia para a escola com fome, usando material escolar diferenciado dos demais colegas de sala de aula, como cadernos feito de folha de papel almaço costurado à mão e encapado com folhas de jornais, atendimento diferenciado da professora por ser de família de baixa renda, órfão de pai vivo dentre outras situações ontológicas que fazem eu refletir que em meio a essa adversidades do meu início escolar paralelo a minha infância até a conclusão do ensino médio marcada por situações de falta de

professores qualificados, falta de estrutura escolar adequadas, dentre outros problemas adversos a minha situação de vida, olho para trás e hoje posso ter a certeza que fui resiliente mesmo sem entender neste período o que era resiliência.

Percebo que como sempre acreditei que mudaria a minha história através da educação, que ao olhar os esforços da minha mãe e meus avós maternos para darem o melhor para mim, isso me motivada a ser diferente e ir em busca dos meus sonhos, vejo o quanto aprendi a lutar para chegar hoje no mestrado e narrar a minha história de vida. Foi necessário adaptar-me positivamente a situação adversar que estava vivendo. Os ambientes sociais dos quais estava vivendo, foi um fator primordial e influenciador para tomada de decisões que tangenciava cada vez mais para buscar nos estudos a mudança social minha da minha família em que nos encontrávamos naquele momento, para Luthar & Cicchetti (2000) a resiliência é fundamental na vida social, pois nos permite enfrentar as adversidades e superar os obstáculos que encontramos no caminho para uma vida plena e satisfatória.

É notório que o meu processo escolar desde a escola primaria até o ensino médio, foi marcado por superação de um ser subjetivo, que sabia o que queria, e onde queria chegar. A caminhada não foi fácil, a formação escolar não foram as das melhores, mas procurei viver cada momento dentro do espaço escolar pois ali era a chance de eu mudar a rota, redescobrir os caminhos possíveis que me levariam a meu objetivo, ainda que sucumbindo ao longo da caminhada escolar/paralelo a minha vida pessoal, cheguei na formação inicial para me tornar um professor e hoje está na formação continuada contados fatos da minha vida

1.6.2 2º episódio: A formação inicial

Um segundo momento vivido por mim que seleciono como um momento de resiliência foi o processo de ingresso a formação inicial, para mim foi o início da minha vida profissional adquirida através da educação. Como contado no primeiro capítulo, ao concluir o ensino médio em 2006, fui aprovado no Vestibular da Universidade do Estado do Amazonas-UEA para a cidade de Parintins-Am para cursar a sonhada Matemática. Porém em meio as adversidades do momento, resultado das minhas escolhas enquanto ser humano na minha vida pessoal contada por mim anteriormente no primeiro capítulo. Não foi possível fazer a devida matrícula e posteriormente cursar a graduação.

Não obstante a tudo isso nunca parei de tentar em outros momentos a aprovação. Fiz os Vestibulares e as provas do Enem em 2007, 2008 e 2009 sem sucesso, os acontecimentos

começara me preocupar pois já estava fora da escola, e tudo se tornava mais difícil. O mercado de trabalho se distanciava de mim, para completar o momento sóbrio, não tinha as mínimas condições financeiras para prestar um cursinho preparatório para os devidos certames. Conto no primeiro capítulo um momento que vivi em 2009 em Manaus que corroborando com os fatos aqui expostos olho como mais um episódio de resiliência em minha vida. Esse momento se trata do ano 2009 quando fui para a Capital do Estado em busca de trabalho e que após trabalhar um mês como vendedor de roupa e três meses como frentista em um posto de gasolina, sendo este último meu primeiro emprego com carteira assinada, fui surpreendido com a minha demissão por motivo da epidemia da H1N1 que chegara na Capital, levando a empresa a reduzir o quadro de funcionários pois era o único que estava em contrato de experiência. Em busca de um novo emprego meu ser resiliente era sempre positivista, sempre fui assim, como conto no capítulo 1, irei destacar um pouco algo que marcou muito e que foi de grande valia para eu mergulhar mais e mais nos livros e não aceitar qualquer situação de trabalho que era imposto para mim, sendo sempre resiliente.

Na busca de trabalho, recebi uma proposta em uma fábrica de roupa de cortador para ganhar um salário mínimo, salário bem inferior do eu ganhava no posto de gasolina, esta fábrica era de uma ex coordenadora *in memória* de uma Comunidade Católica a qual eu frequentava como músico e cantor. Ao relatar a minha real situação que aquele salário não supria as minhas necessidades, fui abordado por um questionamento feito por seu marido, que para mim foi de grande relevância e reflexão para entender que naquele momento não passava de mais um interiorano com um certificado de ensino médio na Capital em busca de trabalho. “Você tem alguma profissão?” Exatamente esta pergunta me fez voltar ao passado olhando tudo que a minha mãe, meus avós que para mim são exemplos de resiliência em minha vida, tinham passado. Para mim, restavam duas saídas: aceitar o trabalho e ficar para sempre submisso como um servo ao seu patrão por não ter outra opção de vida; ou não aceitar e ir em busca de especializar em alguma profissão.

Usei da sensibilidade de um ser resiliente, era mais uma realidade em minha frente, Segundo Infante (2005), a resiliência é uma importante característica que os candidatos a empregos precisam desenvolver. Pode ajudá-lo a enfrentar a rejeição, superar as dificuldades no processo de seleção e lidar com o estresse no local de trabalho. A resiliência também pode ajudar a construir autoconfiança e perseverança na busca de oportunidades de carreira. Ao resiliência fez eu entender como a classe dominante mantém seu reinado, na classe escravizadas. A minha história de vida não poderia aceitar essa proposta, e as palavras

ecoavam muito em meus ouvidos, “você tem uma profissão”, então resolvi não aceitar e traçar um novo horizonte, e uma nova rota, foi graças a esse episódio que conseguir voltar meus olhares na educação novamente e passar no vestibular em 2010 e ingressar na graduação em 2011, começando naquele momento a ser moldado um profissional docente, foi graças aquela adversidades que hoje tenho esse episódio para ser contado e relembro o que me ajudou a não desistir do meu sonho de criança.

1.6.3 3º Episódio: os desafios ribeirinhos na prática docente

Na contemporaneidade o exercício da profissão docente requer foco e determinação daqueles que no dia-a-dia estão in loco na prática docente. Ensinar nas escolas urbanas tem suas peculiaridades, seus desafios que exigem também um ser resiliente em meio as adversidades presenciadas nos espaços educativos, tais como: faltas de equipamentos multimídias, ausência da família na escola, falta de internet, materiais pedagógicos, prédios com estruturas precárias, alunos com depressão e ansiedade, boa parte dos casos fruto da Covid-19, entre tantos outros problemas presentes nas vivências de um professor em uma sala de aula nas escolas urbanas.

Nas comunidades ribeirinhas as adversidades são mais críticas do que da cidade, pois os primeiros desafios de um professor ribeirinho começam pelo caminho para se chegar na escola, estou falando de escolas ribeirinhas, estou falando da Amazônia, das nossas estradas que são fluviais, e dos perigos que elas representam na vida daqueles que necessitam trafegar cotidianamente.

Um dos momentos em minha vida que precisei ser resiliente perante as adversidades, foi quando aceitei o desafio de trabalhar como professor em uma comunidade rural, passando a vivenciar na prática a vida dos alunos ribeirinhos, a vida do caboclo do índio que todos os dias estão singrando os rios com seus cascos a remo ou a motor rabeta para chegarem nas escolas. Ao longo da minha prática docente contada por mim no capítulo 1 necessitei ser forte e persistente para que não viesse a desistir e nem desaminar na profissão. Como habito e atuo profissionalmente como docente da rede estadual na zona urbana, e a escola onde devido a minha situação financeira estivera passando por momento crítico fez eu aceitar a proposta de emprego do estado para essa escola que ficara na zona rural cerca de 4 horas de viagem em uma condução típica da região amazônica usada pelos ribeirinhos uma canoa movida por um motor rabeta 5,5 HP. Tinha que ir para a comunidade rural e ficar lá dois dias e voltar para

trabalhar 3 dias na sede, isso não foi fácil e simples de se fazer, a prática da resiliência foram muitas vivida por mim ao longo de quase dois anos.

Ao recordar fatos acontecidos em minha vida, lembro que no primeiro dia que viajei para ministrar as aulas na Escola Estadual Nilo Pereira, em uma comunidade Ribeirinha, estava muito chovendo, mas se fazia necessário ir para apresentar-me na escola, apesar das circunstancia climática ocorreu tudo bem a minha chegada na comunidade rural, cheguei todo enxarcado, e o primeiro contato com aquela escola ribeirinha já me deparei com um cenário escolar precário , e nos primeiros contatos com os alunos já pude perceber as adversidades que enfrentaria como docente. Se a zona urbana tem suas peculiaridades na zona rural não é diferente, as adversidades no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, na pratica docente e principalmente no processor formativo são muitas e emergem por novas políticas públicas voltadas para educação dos povos ribeirinhos.

Ao passar os dois primeiros dias nessa comunidade, presenciando todos esses acontecimentos e ao retornar para a cidade aconteceu um episódio que para mim foi um momento que tive que ser forte e resiliente para não desistir. Recordo que sair da comunidade por voltas 6 h da manhã de uma sexta-feira ensolarado, em uma canoa movido a rabeta, eu mesmo dirigindo, viajava sou eu e a minha canoa, vinha pensando no cenário escolar que acabara de conhecer, ao mesmo tempo contemplando as maravilhas do cenário amazônico ribeirinhos, tais como. os sons dos banheiros dos rios, os chiados dos botos, os cantos das gaivotas, das garças, dos perus, o mugido dos bois, o ronco dos macacos, as crianças nos beiradões tomando banho, entre tantos cenários lindos na natureza.

Apesar de ser um dia lindo com um cenário ribeirinho lindo para ser contemplando por questão de segundos não conseguir desviar de um galho uma arvore próximo as margens do rio, levando-me bater e cair sobre as águas do rio paraná dos ramos -, levando o motor rabeta também a cair sobre o rio, em meio ao sufoco, conseguir nada até a margem do rio e salvar a canoa, era a minha primeira semana de vivência ribeirinhas, uma história na pratica pedagógica de um professor ribeirinho. A ser resgato pelos meus familiares, após conseguir chegar por terra até uma casa ribeirinha entrei em contato com os familiares para eles virem resgatar-me,

Em meio a esses fatos os conselhos dos familiares e até mesmo dos colegas docentes era para eu desistir, porem olhei para dentro de mim e vi que não era e não sou de desistir na primeira dificuldade, dou sempre o meu máximo, luta até as últimas circunstancias, e assim o fiz, continue sendo docente ribeirinho. Ressalto aqui que esse percurso via rio da cidade para

a comunidade ribeirinha , vice versa, é muito comum até hoje serem feitas pelos professores ribeirinhos, devido as localidades de seus habitares e os espaços escolares que não ficam na mesma comunidade, e dentro dessas comunidades ribeirinhas não terem pessoas qualificadas para atuarem como docentes na própria comunidade, fatores que me questiono e vejo que falta essa qualificação ribeirinha , que a formação docente se faz necessária sempre , seja na grandes cidades como nas comunidades rurais.

Neste processo de ser docente chegou a pandemia e com ela morte de uma colega de trabalho dessa escola ribeirinha. Em meio a pico da pandemia, devido a comunidade ribeirinha não funcionar rede de internet, a falta de recursos, o ser resiliente se fazia mais frequente ainda, apesar das apostilas feitas, os vídeos de aulas gravados , a gestão queria que fossemos atender aos alunos presencialmente, não aceitei , peguei de frente com o sistema, fui perseguido, mais não desistir , e ali percebia que uma boa parte da maioria que eram professores contratos colocavam suas vidas em risco com o medo da perda do trabalho. Refletia muito tudo isso, em que situação tínhamos chegado.

Foram momentos de resiliência que foram fortes em minha vida, a viagem de canoa, o sol escaldante, os dias de chuvas, os temporais enfrentados, a pandemia, a falta de recursos, a ausência da família na escola, a situação da vulnerabilidade dos alunos devidos suas situações sociais. Em meio a esse processo sempre compartilhava com os alunos, com seus familiares, e alguns professores a importância de estudar, pois a minha vida não foi diferente dessas que encontrei nessa escola. Nesse contexto o processo formativo é de suma importância para o desenvolvimento da resiliência no ser professor, autores como Tavares (2010) ressaltam a importância de desenvolver a resiliência em professores, uma vez que a docência é uma atividade que demanda enfrentamento constante de situações desafiadoras. Nesse sentido, é fundamental que os professores possuam habilidades emocionais, cognitivas e comportamentais que lhes permitam lidar de forma positiva com os desafios do cotidiano escolar. Foram quase dois anos vivido por mim in loco nesta comunidade, que chegara ao fim em outubro de 2021, por conta do ingresso ao mestrado PPGET, tentei conciliar, porem chegou um momento que tinha que priorizar, e por perceber que a formação continuada se fazia necessário. Ao desistir da pratica docente naquela comunidade, não olhei como um fracasso e sim como uma grande vitória em meio a um aprendizado significativo impar em minha vida, me despedir dos meus alunos com a certeza do dever cumprido, e que um dia posso quem sabe voltar, desistir para viver um outro sonho, sonho do mestrado em minha vida.

1.6.4 4º Episódio de resiliência: O mestrado Profissional em Ensino Tecnológico

O mestrado em minha vida se tornou um sonho, a partir da formação inicial, quando aluno no Ensino médio, jamais pensei que faria um mestrado, essa palavra quase não se ouvia falar na minha escola, mais ao adentrar na academia e iniciar a formação inicial, nascia naquele momento o sonho de cursar um Mestrado que viesse contribuir significativamente com a minha prática docente, ali comecei a entender a importância da formação inicial dentro da vida de um professor pesquisador, docente esse que tem que lidar no dia-a-dia com mudanças na educação provinda de um sistema capitalista, que nem sempre busca o aprendizado, dividindo cada vez mais as classes sociais, um exemplo é um Novo Ensino médio que na atualidade tem tido grandes discussões em rede nacional com educadores pro e contra esse novo ensino, mas não detalharei pois é apenas um exemplo de como um docente pesquisador tem que cada dia buscar essa formação continuada.

Onde está o ser resiliente neste processo de ingresso dentro um mestrado? O meu ser resiliente começa desde a escrita do pré-projeto, da gravação do vídeo de defesa do pré-projeto para concorrer a uma vaga, esses foram os primeiros momentos que tive que ser forte. Selecionei o mestrado como um momento de resiliência, por perceber que do primeiro dia até está aqui necessitei ser como uma semente que brota em terra seca, pois a minha vida nada veio fácil e a conclusão que chego que as coisas sempre serão assim, na luta, na garra, na força e na dedicação dos objetivos traçados por mim para serem alcançados.

Começo descrevendo o quanto foi difícil, os primeiros momentos para mim dentro da realidade do programa. Pois exigia tempo para as leituras das obras das disciplinas, e para completar tinha que conciliar estes momentos com a minha vida profissional escolar, pois como estava em estágio probatório não podia pedir afastamento para me dedicar exclusivamente ao mestrado. Um outro ponto que destaco aqui busco ser resiliente até hoje é no fato de ter tido uma formação inicial na área das exatas, formei em matemática, e isso me faz ter uma dificuldade imensa na escrita enquanto mestrando, desde os primeiros trabalhos das disciplinas, da escrita do primeiro capítulo para qualificação, os textos das obras que submeti a publicação entre outros momentos vivenciado no programa. Para mim busco a cada dia melhorar a escrita de acordo com a linguagem culta da língua portuguesa, enquanto sou ribeirinho busco melhorar a cada dia, pois até isso vejo o reflexo da escola primária secundária que vivi, onde estudei com professores sem ser formado na área, e da formação inicial docente na área exata precisa quebrar alguns paradigmas que visam olhar este lado formativo.

Ao olhar para os momentos que vivi dentro do mestrado, também lembro um momento de persistência da minha parte em não desistir, foi o momento do Estágio Docência, pois como ele era feito em uma turma de Graduação no IFAM-Campus Manaus-Centro, eu trabalho como docente no município de Barreirinha, tive que viver um período de resiliência de um professor viajante que trabalha e estuda o mestrado ao mesmo tempo. O meu estágio acontecia sempre às 13 h nos dias de quintas-feiras, ao longo de 4 meses março/julho, fiz uns dos percursos eletrizantes que já vivera em minha vida, trabalhava de segunda-feira a quarta-feira pelo turno matutino na escola no município de Barreirinha, e aos meio dia (12h) das quartas-feiras sempre embarcada no barco de linha e viajada até as cidade de Itacoatiara, chegando sempre nas madrugadas de quintas-feiras por volta das cinco da manhã (5h), ao chegar em Itacoatiara pegava uma condução terrestre (tax) até chegar em Manaus por volta sempre das 11;30, em seguida ia para o estágio e orientações com meu orientador a respeito da dissertações, e em seguida voltava para Barreirinha para estar na segunda-feira para as labutas docentes. Nesse sentido, a ideia de resiliência está associada à capacidade de enfrentar adversidades e superar obstáculos, o que implica em um processo de adaptação diante de situações desafiadoras. Autores como Cyrulnik (2003) e Masten (2011) destacam que a resiliência é um processo dinâmico, que envolve a interação entre características individuais e contextuais, e que pode ser desenvolvido ao longo da vida. Foi um momento de resiliência em minha vida que quando lembro busco perceber que desde o meu nascimento até nos depois atuais nada foi fácil, se faz necessário lutar sempre para vive o momento de cada vez.

Caros leitores ao encerrar o primeiro capítulo com essa última unidade sobre os 4 episódios de resiliência vivenciado por mim, passo agora a descrever no capítulo 2 a *Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos*, tendo como recurso facilitador os aplicativos digitais *WhatsApp e Facebook*, cuja contribuição incide na autoformação, para depois aplicar a técnica da triangulação das narrativas docentes. Seguindo um direcionamento procuro investigar pratica docente e a autoformação episódios também de resiliência vivenciados ao longo do seu processo formativo e prática docente.

2 OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS

2.1 Dados de Identificação

Produto Educacional, oriundo da Linha de Pesquisa 1, do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, sistematizado na estrutura de Oficina de memórias pedagógicas de professores ribeirinhos através de aplicativos digitais *WhatsApp, Facebook Instagram*.

2.2 Carga Horária

Esse produto teve uma carga horaria de 30h entre preparação e aplicação.

2.3 Público Alvo

Esse produto teve como público alvo os Professores Ribeirinhos das diversas áreas formativas.

2.4 Caracterização

Oficina Pedagógica direcionada para professores ribeirinhos, cuja contribuição incidiu na autoformação, tomando como recurso facilitador os aplicativos digitais. Foi um processo autoformativo de caráter interventivo-investigativo, visto que em cada uma das cinco etapas foram utilizadas ações pedagógicas com o pretexto de subsidiarem a intencionalidade que nortearam o sentido investigativo do processo.

Enfatiza-se que cada uma das cinco etapas, mesmo tendo suas especificidades, complementaram-se entre si. Cada uma delas tendiam a proporcionar contribuições para o exercício da autonomia dos participantes. Quanto ao momento avaliativo, incidiu numa continuidade, no decorrer das diferentes etapas do processo. Mesmo o momento avaliativo sendo contínuo, foram registrados em seus mínimos detalhes e, ao final, foram sistematizados e transformados no relatório da investigação.

2.5 Justificativa

No contexto analítico da formação de professores pautado no ensino tecnológico, o produto educacional em questão teve como recurso facilitador os aplicativos digitais *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Este se justificou tanto do ponto de vista individual, quanto institucional e social, pois buscou resgatar as histórias de vidas dos professores ribeirinhos, bem como a valorização de suas trajetórias, no sentido profissional e pessoal destacando, a formação, autoformação e os momentos de resiliência ao longo da vida, documentando-as suas experiências e saberes através de suas narrativas. A saber a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas dos docentes, possibilitou a retomada de suas práticas por intermédio de seu registro, tal dispositivo convergiu para que o narrador pudesse construir sua narrativa de maneira a produzir, em um processo de reflexividade e dialogicidade, as dinâmicas do seu cotidiano (Suárez, 2005, p. 9).

A propositura de uma oficina de memórias pedagógicas de professores ribeirinhos enquadrou-se em um contexto de valorização da diversidade presente em cada comunidade ribeirinha, e se tornou fundamental para preservar, valorizar, empoderar, incluir, inspirar e promover a educação continuada dos professores, que constantemente buscam pela autoformação ao longo das suas práticas pedagógicas. Além disso, essa oficina não esteve apenas enraizada na preservação cultural; ela também teve implicações profundas na melhoria do sistema educacional, pois as lições aprendidas com essas memórias puderam informar políticas educacionais, ajudar na formação de professores e incentivar programas específicos para atender às necessidades das comunidades ribeirinhas.

Ela ainda apresentou uma visão da prática pedagógica que se fundamentou em diversos tipos de saberes necessários para a profissionalização dos professores. Nesse contexto, os educadores não são mais apenas executores de tarefas, mas assumem o papel de agentes que mobilizam diferentes formas de saberes profissionais. Tardif (2012, p.11) nos afirma que “o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade dela, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc”. Assim sendo, os sujeitos da pesquisa foram profissionais ribeirinhos não só de matemática, mas das principais áreas de ensino presente no currículo escolar. Tal necessidade de investigação nasceu ao longo da trajetória formativa do mestrado e ao desenvolver a escrita da dissertação que é paralela a este produto educacional.

Ao longo dos objetivos proposto neste produto, um outro momento impactante na vida dos docentes foi o uso de um aplicativo digital “*WhatsApp*” para o registro das memórias nas quatro primeiras etapas, que permitiu a utilização da tecnologia digital como uma ferramenta de registros das narrativas dos professores ribeirinhos, mostrando que através das adversidades da prática docente e da autoformação é possível sim fazer uso dos recursos digitais. Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 36) enfatizam que:

Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para integração entre grupos dentro e fora da turma, para a publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais e entre muitas outras possibilidades.

A proposta da aplicação desta oficina foi dividida em cinco etapas, onde nas quatro primeiras etapas o recurso digital utilizado foi o *WhatsApp* e na quinta etapa se fez o uso do *Facebook e Instagram*, mostrando aos participantes que é possível nos reinventamos perante as adversidades.

A aplicação da oficina pedagógica, não foi o único caminho para o registro das memórias de um tempo vivenciado pelos docentes, porém se tornou um dos caminhos para colher tais registros que serviram como um material de divulgação institucional, contribuindo para o fortalecimento da identidade e da memória da comunidade local, valorizando seus saberes e tradições e tornando-os mais visíveis para a sociedade. Além disso, o material produzido na oficina serviu como um registro histórico da comunidade, contribuindo para sua preservação e difusão.

Em suma, a realização da oficina de memórias pedagógicas de professores ribeirinhos tendo como recurso os aplicativos digitais *WhatsApp, Facebook Instagram*, expõe argumentos relevantes, tanto do ponto de vista individual, quanto institucional e social, contribuindo para a valorização dos saberes e tradições locais, para o fortalecimento da identidade institucional e para a preservação e difusão da memória e das tradições locais.

2.6 Fundamentos Norteadores

2.6.1 Bases conceituais

Na contemporaneidade o reinventar e o recriar na prática docente se faz necessário para acompanhar as mudanças pertinentes no âmbito escolar. Neste sentido, a autoformação dos professores, também conhecida como autodidatismo ou aprendizagem autônoma, vem se

destacando e se tornando um tema relevante para prática docente. Nos tempos atuais já não se permite um docente que não seja crítico perante as circunstâncias da educação, que não seja contextualizado para uma melhor prática docente e principalmente carente de uma atitude reflexiva diante da solidificação dos fazeres pedagógicos. A autoformação ganha, assim, um especial destaque, uma vez que, pelo ângulo da aprendizagem, a experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer e sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades (Josso, 2010) e Warschauer (2005) assinala que a autoformação pertence a quem se forma e destaca a relevância dos novos instrumentos tecnológicos nesse processo, em que o ator principal, o professor, é o responsável pela construção de conhecimentos e sentidos produzidos durante esse processo permanente de formação. Sabe-se que a autoformação é um método de aprendizagem que se baseia na motivação intrínseca do indivíduo para buscar conhecimento e desenvolvimento pessoal.

Foi neste sentido que na construção dessa oficina de memórias pedagógicas de professores ribeirinhos nasceu a necessidade de um aprofundado estudo pautado na autoformação, por considerar a possibilidade de avaliar o papel do professor no desenho das maneiras de ser e construir conhecimentos educacionais proeminentes a consolidação da prática pedagógica, na certeza de que a autoformação aprecia as narrativas de vida acerca dos trajetos educacionais caminhados pelo sujeito que se forma, o qual acaba revivendo ocasiões acentuadas, que deliberam as experiências características do percurso profissional do professor. Para Chané (1989) ele enfatiza que “a história de autoformação proporciona uma parte da vida: aquele durante o qual o sujeito esteve implicado numa formação da ideia própria de formação” (p.89). Neste sentido, a teoria da autoformação de professores é uma abordagem que enfatiza o papel ativo dos professores na sua própria formação e desenvolvimento profissional. Essa abordagem reconhece que os professores são capazes de buscar, adquirir e aplicar conhecimentos e habilidades necessários para melhorar sua prática educacional tecnológica voltada para o ensino.

É importante perceber que quando falamos em um sujeito ativo em busca do conhecimento no sentido autoformativo, nos assemelhamos com o construtivismo que, enfatiza a importância dos professores serem agentes ativos na construção do próprio conhecimento e no desenvolvimento profissional. A teoria do construtivismo, desenvolvida por Jean Piaget e posteriormente expandida por Lev Vygotsky e outros teóricos, sustenta que o conhecimento é construído ativamente pelos indivíduos em interação com seu ambiente e nesta propositura construtivista os professores podem refletir sobre suas práticas de ensino,

experimentalizar diferentes estratégias de ensino, comunicar-se com outros profissionais, compartilhar experiências e conhecimentos e buscar recursos e informações relevantes para melhorar seu desempenho profissional. Para Nunes (1990) o construtivismo é uma teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento. Tem como objeto de estudo da alfabetização a língua escrita. Ainda para o autor o ambiente social e o ambiente físico ocasionam oportunidades de interação entre sujeito e objeto, gerando conflitos e, conseqüentemente, uma reestruturação, pelo sujeito, de suas construções mentais anteriores. O que se nota é que o cenário onde os professores ribeirinhos vivem, contribuem muito para a construção do conhecimento, e quando se busca formar-se por se só neste contexto, o professor passa ser esse sujeito autônomo em formação.

Ainda falando de autoformação docente as ideias visionárias amplamente conhecidas e reconhecidas na literatura educacional de Paulo Freire um grande teórico renomado da educação *in memória*, nos ajuda também a refletir muito sobre a temática. Tais ideias se fazem presentes em suas principais obras, como "Pedagogia do Oprimido" e "Pedagogia da Autonomia". Esses trabalhos são considerados referências importantes para compreender sua perspectiva crítica e reflexiva sobre a prática docente e a formação contínua dos professores.

Na visão de Paulo Freire, a educação deve ser um processo de libertação e emancipação, no qual os educadores são chamados a serem facilitadores no processo de aprendizagem junto aos alunos. O autor destaca ainda a importância do diálogo e da participação ativa dos alunos no processo educacional, reconhecendo que eles também têm conhecimentos e experiências que devem ser valorizados. E neste processo de autoformação se faz necessário quebras de alguns paradigmas que tangenciam para o comodismo formativo, se faz necessário o processo de libertação e emancipação. Partindo desta necessidade de algumas mudanças de postura que contribua para a libertação de um ser estagnado na caverna, sem deixar a subjetividade ser sequestrada, a práxis na compreensão de Freire, se relacionada ao processo de libertação do oprimido. Para o autor é um caminho construído entre o modo de ver o mundo e o modo de viver no mundo, como consequência da teoria que transforma o mundo. Em nossa oficina buscaremos com afinco ao um diálogo, que nos ajude a ver, refletir os acontecimentos que rodeiam a prática docente, na possibilidade de criar novas formas de viver e conviver, que transformam a sociedade em que os sujeitos do processo coexistem.

Ainda sobre a práxis, de acordo com Paulo Freire, é uma forma de romper com a condição de ser um "autodemitido da vida", pois aqueles que não refletem sobre sua própria

história e não a tornam acontecimentos não participam nem de suas próprias vidas nem da vida coletiva. Nessa perspectiva, há outro aspecto da educação dialógica compreendido por Freire como o "pensar certo" e o relaciona ao "fazer certo".

A coerência entre o pensar e o fazer resulta em um verdadeiro processo de humanização e libertação dos seres humanos. A formação para o pensamento crítico é uma necessidade premente, pois é por meio dela que se alcança a práxis transformadora. Ainda para o Autor:

[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático. (Freire, 2011, p. 114).

Ao longo da nossa Oficina de memórias de professores ribeirinhos tendo como recurso facilitador o aplicativo digital “*WhatsApp*”, buscamos por um diálogo que levassem os sujeitos a manifestar a sua subjetividade no sentido do pensar verdadeiro.

Ao darmos a voz aos sujeitos da nossa pesquisa, as narrativas abriram-se espaços para vários temas que tangenciaram com a práxis. E um dos temas que caminham paralelo a autoformação é os saberes docentes e formação continuada, ancora em Nunes (2001) que é uma autora que discute os saberes docentes e a formação de professores.

Para a autora é necessário contextualização dos saberes docentes e as condições históricas e sociais do exercício profissional e destaca a importância da prática e da reflexão sobre a prática. “Desta forma, resgata a importância de se considerar o professor em sua própria formação, num processo de autoformação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com a prática vivenciada” (p. 30).

Ao se falar em saberes reiteramos o que Tardif (2007) enfatiza sobre a importância da prática para a aquisição de tais saberes. Para o autor:

[...] os saberes que servem de base para o ensino, tais como são vistos pelos professores, não se limitam a conteúdos bem circunscritos que dependem de um conhecimento especializado. Eles abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão todos relacionados com seu trabalho (Tardif, 2007, p.61).

O conceito de autoformação sugere que os professores não devem contar apenas com a formação inicial recebida nas instituições de ensino, mas devem também buscar continuamente o desenvolvimento de suas competências, conhecimentos e habilidades ao longo de sua trajetória profissional.

Essa abordagem enfatiza a importância do professor ser sujeito ativo na sua própria construção educacional e no desenvolvimento contínuo de competências e habilidades. Ao assumir a responsabilidade por sua própria formação, os professores tornam-se mais engajados e proativos, mais bem preparados para enfrentar os desafios do cotidiano escolar e oferecer educação de qualidade aos alunos.

No entanto, preciso refletir acerca de como a tecnologia pode configurar um importante instrumento formativo/autoformativo, assim como um movimento que alia o caráter colaborativo ao uso das tecnologias para a formação docente.

Em nossa oficina comungamos com o pensamento de Warschauer (2005), e neste sentido sentimos a necessidade em usar um aplicativo digital como recursos facilitadores para essa prática.

Para Silva e Serra (2021), esses aplicativos oferecem uma variedade de recursos de aprendizagem e ferramentas interativas que permitem aos professores ajustar seu próprio ritmo de aprendizagem e se manterem atualizados sobre as últimas tendências em educação.

Aliás, a colaboração entre docentes por meio desses recursos pode enriquecer o processo de autoformação, possibilitando o compartilhamento de experiências e conhecimentos e o desenvolvimento conjunto de projetos e atividades.

Na aplicação da nossa Oficina de memórias de professores ribeirinhos tendo como recurso facilitador os aplicativos digitais optaremos pelo uso do “*WhatsApp*”, que terá uma função imprescindível na coleta das narrativas docentes.

No entanto, devemos tomar alguns cuidados, pois a autoformação não deve ser vista como uma substituição para a formação inicial e continuada fornecida pelas instituições de ensino, mas sim como uma complementação e aprimoramento da formação formal.

Conforme mencionado por Freitas e Paiva (2021), a autoformação deve ser encarada como uma responsabilidade do próprio professor em busca do seu desenvolvimento profissional contínuo, e o uso de recursos digitais pode ser uma estratégia eficaz para apoiar esse processo.

Neste sentido, a autoformação, diz respeito aos processos buscados pelo professor de forma intencional, que colaboram para ampliar tanto os conhecimentos teóricos quanto práticos, e têm relação com a aprendizagem conjunta (Marcelo, 1999; Marcelo et al., 2016), ou seja, encontram na colaboração uma importante forma de efetivação.

Assim, o uso de aplicativos digitais na autoformação de professores pode ser uma estratégia relevante para o desenvolvimento profissional contínuo desses profissionais, o que pode impactar positivamente na qualidade da educação fornecida aos alunos e proporcionar uma experiência mais satisfatória e enriquecedora para os próprios docentes ribeirinhos.

2.6.2 Bases metodológicas

A participação dos professores ribeirinhos para este produto educacional, foi de suma importância e insubstituível, mas acentua-se também a participação do pesquisador no Processo. Os estudos acerca das narrativas docente no contexto (auto)biográfico, desvelam as potencialidades da pessoa ao longo da vida, as articulações e valores que orientaram as escolhas, nos diversos caminhos, pessoal ou profissional, refletindo em termo de aprendizagens acumuladas durante a prática pedagógica.

Na busca de reunirmos os professores ribeirinhos, para mensuramos suas histórias de vida contadas em episódios narrativos destacando os momentos de resiliência, marcadas por alegrias, tristezas, sucesso ou de fracasso, histórias de vida pessoal, do trabalho, financeiras, de amor, entre tantos momentos que marcaram época na vida de cada um, optamos por uma oficinas pedagógicas , por percebemos que ela é um excelente instrumento metodológico de coleta de dados e contribui muito para autoformação.

De acordo com Libâneo e Pimenta (2014), a oficina pedagógica é uma metodologia de formação continuada que tem como objetivo proporcionar aos professores um espaço de reflexão e prática sobre sua própria prática docente. Essa prática permite que os professores desenvolvam sua autonomia profissional e aprimorem suas habilidades didáticas, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino. Em nossa temática as reflexões se deram em tornos das memórias docentes contadas por narrativas. É nesse sentido que este produto educacional foi construído com a intencionalidade de colher as narrativas dos professores ribeirinhos e com elas pudéssemos conversar, aprender e nos motivar, entender que caminhos evitar e quais rumos tomar, ao logo da autoformação que caminha paralela a prática docente.

Além disso, a oficina pedagógica pode ser vista como uma ferramenta importante para a autoformação de professores, conforme destacado por Tardif (2014). Esse espaço de formação favorece o desenvolvimento da colaboração entre os professores, permitindo o compartilhamento de experiências e conhecimentos, a troca de ideias e a construção conjunta

de soluções para os desafios enfrentados na prática docente, como ressaltado por Pimenta e Anastasiou (2014).

É importante termos os cuidados para entendermos que a oficina pedagógica não pode ser vista como uma formação continuada fornecida pelas instituições de ensino, mais sim como uma complementação e aprimoramento da formação formal. Conforme afirmam Libâneo e Pimenta (2014), a oficina pedagógica deve ser vista como uma estratégia de formação continuada que visa apoiar o processo de desenvolvimento profissional dos professores.

Portanto, a oficina pedagógica pode ser uma estratégia relevante para a autoformação de professores, proporcionando um espaço de reflexão e prática sobre a própria prática docente, favorecendo a colaboração entre os professores e contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino. Com a culminância desta oficina apresentamos o produto educacional, que pode servir de inspiração para outros docentes, na busca da construção da de suas histórias de vida, tendo como ponto de partida suas trajetórias a partir das experiências de quem conta e compartilha suas histórias, de quem já experenciou.

2.7 Objetivos Norteadores:

2.7.1 Objetivo Geral: Oportunizar possibilidades dialógicas para professores ribeirinhos contarem de si, pautando-se em flashes de memória, tomando como recurso otimizador um aplicativo digital.

2.7.2 Objetivos Procedimentais:

- ✓ Fazer um levantamento de questões-problema emergentes, decorrentes de experiências vivenciadas pelos participantes;
- ✓ Desenvolver um roteiro norteador com as questões-problema levantadas, em um seminário, para que os participantes possam utilizá-lo como direcionamento em suas narrativas;
- ✓ Organizar uma roda de conversa para a socialização das narrativas elaboradas, a partir do roteiro norteador com as questões-problema, verificando os aspectos divergentes e similares entre as narrativas;

- ✓ Construir uma narrativa coletiva, em uma reunião de produção textual, enfatizando os aspectos divergentes e similares encontrados nas narrativas dos participantes;
- ✓ Socializar a narrativa coletiva, com os demais membros das escolas dos participantes, a partir de um evento virtual.

2.8 Descrição Metodológica

2.8.1 Primeira Etapa: Tempestade de ideias

Levando em consideração nosso primeiro objetivo específico proposto, que era fazer um levantamento de questões-problema emergentes, decorrentes de experiências vivenciadas pelos participantes, optamos na primeira etapa em fazer a tempestade de ideias. A tempestade de ideias, é um método coletivo de geração de novas ideias, realizado por meio da contribuição e participação de diversos indivíduos inseridos num determinado grupo (Nunes, 2008). O objetivo principal da técnica era permitir que todos os participantes expressassem suas ideias livremente, sem se preocupar com a viabilidade ou relevância no momento da geração das ideias. A ideia era gerar um grande número de ideias, mesmo que algumas parecessem absurdas ou sem sentido num primeiro momento. Essas ideias foram lapidadas posteriormente tangenciado com a intencionalidade da pesquisa, descartadas ou combinadas para gerar ideias mais inovadoras e criativas para serem contadas por meio das narrativas.

A tempestade de ideias ocorreu da seguinte forma: o pesquisador teve um papel fundamental, pois foi o facilitador e conduziu o processo, definindo o tema/problema que foi discutido. Os participantes que foram os professores ribeirinhos das diversas áreas de atuações, foram convidados a expressar suas ideias livremente, sem interrupções ou julgamentos. Para Cain (2012), neste método não se julgar ou critica as ideias dos participantes, expor todas as ideias que surgirem, ter o máximo de ideias possíveis ou construir uma ideia em cima das demais geradas pelo grupo. Assim sendo, todas as ideias foram anotadas dependendo da circunstancia como essa primeira etapa aconteceu, as ideias foram escritas digitalmente via *WhatsApp* para que todos pudessem visualizar. Após a geração das ideias, o grupo revisou, e discutir possíveis combinações para gerar ideias mais inovadoras e criativas. O objetivo era gerar um grande número de ideias e selecionar as melhores para serem trabalhadas posteriormente sempre paralela ao tema da pesquisa. É importante ressaltar que a tempestade de ideias é uma técnica que valoriza a criatividade e a

inovação, e por isso é importante que os participantes se sintam livres para expressar suas ideias sem medo de críticas ou julgamentos. Para isso buscou-se garantir um ambiente seguro e acolhedor para que todos pudessem participar de forma igualitária e efetiva e se sentissem à vontade para expor suas ideias.

Ao aplicarmos uma tempestade de ideias sobre narrativas de professores ribeirinhos tendo o *WhatsApp* como tecnologia digital como recurso facilitador, os seguintes temas foram sugeridos com direcionamentos para estimular a geração de ideias sempre paralelas ao teor da pesquisa a saber:

2.8.1.1 Memórias de infância e formação como professor ribeirinho

- ✓ Quais são as lembranças mais marcantes da sua infância nas comunidades ribeirinhas?
- ✓ Como essas experiências influenciaram sua escolha pela profissão de professor e sua prática pedagógica?

2.8.1.2 Resiliência: Desafios e superações na trajetória como professor ribeirinho

- ✓ Quais foram os principais desafios enfrentados ao longo da sua carreira como professor ribeirinho?
- ✓ Como você superou esses desafios e quais lições aprendeu ao longo do caminho?

2.8.1.3 Estratégias de autoformação para professores ribeirinhos

- ✓ Compartilhe estratégias e recursos que você utiliza para continuar aprendendo e se aprimorando como professor ribeirinho.
- ✓ Quais são as fontes de conhecimento que você busca e como você as integra em sua prática?

2.8.1.4 O papel das tecnologias digitais na autoformação

- ✓ Como você utiliza as tecnologias digitais, como o WhatsApp, para promover sua autoformação como professor ribeirinho?

- ✓ Quais recursos e comunidades online você acessa para obter suporte e trocar conhecimentos com outros profissionais?

2.8.1.5 Momentos significativos na sua prática pedagógica ribeirinha

- ✓ Compartilhe momentos significativos ou histórias inspiradoras que ocorreram durante sua atuação como professor ribeirinho.
- ✓ Como esses momentos impactaram sua visão sobre a educação e a relação com os alunos?

2.8.1.6 O impacto da autoformação na prática docente ribeirinha

- ✓ Como a busca constante pela autoformação tem impactado sua prática pedagógica nas comunidades ribeirinhas?
- ✓ Quais mudanças ou melhorias você tem observado em sua atuação como professor devido ao investimento em sua própria formação?

A partir desses norteamentos, buscamos encorajar os participantes a compartilhar suas vivências, estratégias e reflexões relacionadas a esses temas, enfatizando de que todas as contribuições são valiosas e que o objetivo era criar um espaço de colaboração e aprendizagem, fortalecendo a autoformação dos professores ribeirinhos e promovendo a troca de experiências entre eles em formato de narrativas. Todos esses acontecimentos foram feitos de forma online via *WhatsApp*, possibilitando a todos os sujeitos da pesquisa de participarem conosco e contribuírem com suas narrativas.

2.8.2 Segunda Etapa: Seminário

Um outro momento proposto pela oficina de memórias pedagógicas de professores ribeirinhos, foi o seminário. Com objetivo de criar um roteiro norteador com as questões-problema levantadas na etapa anterior, para direcionar as narrativas dos docentes. A técnica do seminário tem suas origens na tradição acadêmica, em que professores e estudiosos realizavam apresentações sobre suas pesquisas e descobertas para uma audiência interessada. O objetivo do seminário é “levar todos os participantes a uma reflexão aprofundada de determinado problema, a partir de textos e em equipe” (Severino, 2002, p.63).

Na contemporaneidade, essa técnica é amplamente utilizada em diversas áreas, como educação, negócios, política, entre outras. Dessa forma, o seminário será um pretexto para

colhermos narrativas dos docentes, pois ele possibilitará que os participantes possam compartilhar e adquirir conhecimentos de forma mais profunda e abrangente. Neste sentido “[...] o seminário, quando articula pesquisa, ensino, avaliação e aprendizagem favorece a apropriação crítica do conhecimento” (Zanon; Althaus, 2010, p.13), corroborando com os autores, Gil (2008) afirma que “o seminário pode ser caracterizado por pesquisa e discussão e não por exposição feita por estudantes” (p. 171-172).

Através da técnica do seminário, buscaremos promover o debate e a reflexão crítica sobre temas relevantes e atuais, aqueles que surgiram da tempestade de ideias no primeiro momento da oficina, por acreditarmos que contribuirá para a formação de um pensamento mais crítico e consciente dos docentes ribeirinhos, em especial aqueles que serão nosso sujeito da pesquisa. Campos (2006) afirma que na aplicação do seminário estimula-se o desenvolvimento de outras três técnicas de ensino: a exposição, o debate e o ensino com pesquisa.

Assim sendo, traçamos os seguintes direcionamentos, para que o seminário tivesse um bom êxito, vale lembrar que assim como a tempestade de ideias ocorreu de forma virtual via *WhatsApp*, o seminário também aconteceu online, possibilitando a todos a participação neste segundo momento, que seguiu o roteiro a seguir:

2.8.2.1 Questões norteadora do seminário

O seminário teve um direcionamento em duas questões norteadoras a saber:

- ✓ Explorar as memórias e experiências dos professores ribeirinhos como fonte de aprendizagem e autoformação;
- ✓ Compreender o papel da autoformação na prática docente e seu impacto nas comunidades ribeirinhas.

A partir das duas questões norteadoras seguimos com a seguinte estrutura do Seminário:

2.8.2.2 Estrutura do Seminário

- ❖ Abertura: Contextualização dos temas do seminário, destacando a importância das memórias e da autoformação na vida dos professores ribeirinhos.

- ❖ Apresentações e compartilhamentos: das Tempestade de Ideias selecionadas via WhatsApp na etapa anterior, iniciamos o seminário com uma tempestade de ideias online, utilizando os temas sugeridos anteriormente. Os participantes compartilharam suas reflexões, experiências e ideias relacionadas à memória, autoformação e prática docente ribeirinha.
- ❖ Apresentação de Narrativas Inspiradoras: os professores ribeirinhos foram convidados para compartilhar suas próprias histórias e narrativas inspiradoras relacionadas à sua prática docente e autoformação. Essas histórias foram pré-selecionadas a partir das contribuições dos participantes na tempestade de ideias.
- ❖ Painel de Discussão: na medida do possível convidamos alguns especialistas, pesquisadores e educadores que tem experiência em educação ribeirinha e autoformação para compor um painel de discussão, porem devido alguns problemas técnicos não foi possível a participação deles. Assim sendo os próprios participantes abordaram os tópicos como as melhores práticas de autoformação, estratégias pedagógicas inovadoras e o impacto da educação ribeirinha na comunidade.
- ❖ Grupos de Discussão: Dividindo os participantes em grupos menores para discutirem questões-chave relacionadas à autoformação e à prática docente ribeirinha. Cada grupo foi orientado a elaborar propostas de ações ou recomendações para fortalecer a autoformação dos professores ribeirinhos.
- ❖ Encerramento: foi feito uma síntese das principais ideias discutidas ao longo do seminário, reforçando a importância da memória, da autoformação e da valorização das práticas dos professores ribeirinhos.
- ❖ Recursos Necessários: Plataforma de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, para a tempestade de ideias online; Acesso a depoimentos e narrativas de professores ribeirinhos e conexão de internet estável para realizar videoconferências, se necessário.
- ❖ Divulgação e Participantes: Divulgação do seminário para professores ribeirinhos, educadores, pesquisadores e interessados na área, para isso foi utilizado os meios de comunicação locais, redes sociais e grupos de discussão online para alcançar o máximo de participante para o seminário.

Em suma, o seminário é uma técnica importante para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais dos participantes, e para este produto educacional ele foi de suma importância para essa oficina.

2.8.3 Terceira Etapa: Roda de conversa

Na terceira etapa da oficina propusemos uma roda de conversa com a propositura de socializarmos as narrativas elaboradas, a partir do roteiro norteador com as questões-problema, verificando os aspectos divergentes e similares entre as narrativas.

Neste sentido, optamos neste terceiro momento pela roda de conversa ancorado em Warschauer (2017a) que para ele a roda de conversa, possibilitam experiências formativas porque propõem reflexão do vivido, criando um espaço de confrontação dos pontos de vista dos participantes, ou seja os professores ribeirinhos tiveram oportunidade de expressarem suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre as narrativas que serão construídas na etapa anterior, ao mesmo tempo em que permite uma reflexão colaborativa sobre as manifestações apresentadas pelo grupo.

Ainda para o Warschauer (2002), a roda de conversa “[...] é uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador [...] (p. 47).”

Além disso, a roda de conversa para Sampaio et al. (2014) se apresenta como uma “potência metodológica de confronto de realidades, leitura de mundo em um movimento – de ida das partes para o todo – que percorre ação, reflexão, transformação” (p. 1300).

Entretanto, a metodologia da roda de conversa propõe dar voz de maneira não hierárquica, mas respeitosa, promovendo a liberdade de expressão, instrumento de pesquisa, considerando como ferramenta de busca do conhecimento, dando voz à subjetividade, à intersubjetividade e à sensibilidade, porém sem abrir mão do rigor metodológico (Josso, 2009).

Ao incentivar a prática da escuta ativa e da reflexão, ao abrir espaço para o diálogo e ao adotar uma postura empática ao se colocar no lugar do outro, transformando as experiências alheias em aprendizados pessoais, ocorre a promoção de um ambiente propício à formação de valores essenciais para uma convivência harmoniosa: generosidade, respeito, responsabilidade, colaboração, ética e solidariedade a todos os participantes.

Portanto, a roda de conversa é uma técnica que valoriza a participação ativa e igualitária dos participantes, promovendo a reflexão crítica e o diálogo construtivo. É uma técnica que favorece o respeito mútuo, a empatia e a construção coletiva de conhecimento, contribuindo para a transformação social e o empoderamento dos participantes, para isso buscaremos com afincado para que todos esses acontecimentos sejam saudáveis e que todos os professores ribeirinhos se sintam bem dentro do processo, contribuindo significativamente com esta etapa aqui denominada roda de conversa.

Para este momento traçamos um roteiro que nos ajudou a direcionar este momento. A roda de conversa também foi feita de forma online via *WhatsApp*, obedecendo roteiro a seguir:

2.8.3.1 Roteiro roda de conversa

➤ Introdução (10 minutos):

Com as boas-vindas aos participantes e com apresentação do objetivo da Roda de Conversa, que é explorar as memórias dos professores ribeirinhos e refletir sobre a importância da autoformação.

Em breve palavras contextualizamos o tema, destacando a relação entre memória, autoformação e prática docente ribeirinha. Neste momento também serviu para estabelecer as regras básicas da roda, como respeitar o tempo de fala de cada participante, ouvir com atenção e evitar interrupções.

➤ Abertura (5 minutos):

Iniciou a conversa com uma pergunta aberta relacionada ao tema: "Quais são as memórias mais marcantes da sua trajetória como professor ribeirinho?"

A pergunta teve como intencionalidade encorajar os participantes a compartilharem suas experiências, permitindo que cada um fale livremente e sem interrupções.

➤ Exploração das memórias (20 minutos):

À medida que os participantes compartilharam suas memórias, foram feitas perguntas adicionais para aprofundar a discussão, como: "Como essas memórias influenciaram sua prática docente?" e "Quais lições você aprendeu com essas experiências?"

Sempre com a intencionalidade de estimular a troca de ideias e experiências entre os participantes, incentivando-os a se complementarem ou fazer perguntas uns aos outros.

➤ Autoformação e prática docente (20 minutos):

Neste momento foi direcionado a conversa para a importância da autoformação na prática docente ribeirinha. Com as seguintes perguntas que nortearam o teor da conversa a saber: "Como a busca pela autoformação tem contribuído para o seu desenvolvimento profissional?" e "Quais estratégias você utiliza para se autoformar?"

O principal objetivo era incentivar os participantes a compartilharem exemplos de ações de autoformação que eles têm adotado em suas práticas.

➤ Reflexão coletiva (15 minutos):

Neste momento uma reflexão coletiva sobre os temas discutidos foi um momento indispensável para esta etapa.

Tais perguntas provocativas foram feitas, como: "Quais são os desafios que você enfrenta na busca pela autoformação?" ou "Como a memória e a autoformação podem contribuir para fortalecer a educação ribeirinha?", neste momento foi possível perceber em suas narrativas os momentos de resiliência de cada um.

➤ Encerramento (5 minutos):

Encerramentos foi feita com um breve resumo dos principais pontos discutidos durante a Roda de Conversa. Neste momento ressaltamos a importância de continuar compartilhando experiências e aprendendo uns com os outros. Aproveitamos a ocasião para dar as devidas informações sobre os próximos passos, como a continuidade da discussão em grupos online. Em todas as etapas buscamos adaptar o tempo de cada etapa conforme a dinâmica do grupo e de incentivar a participação de todos, garantindo um ambiente acolhedor e respeitoso.

2.8.4 Quarta Etapa: Reunião de Produção Textual

A quarta etapa aqui proposto, era uma reunião de produção textual, com o intuito de construir uma narrativa coletiva, enfatizando os aspectos divergentes e similares encontrados nas narrativas dos participantes.

A Reunião de Produção Textual é uma técnica que tem como fundamentação teórica a teoria sociointeracionista de Vygotsky, que destaca a importância do diálogo e da interação social na construção do conhecimento. Essa técnica é amplamente utilizada em contextos

educacionais, mas também pode ser aplicada em ambientes profissionais e em outros contextos em que haja a necessidade de produção de um texto coletivo.

O objetivo da Reunião de Produção Textual é promover a aprendizagem colaborativa e a construção coletiva do conhecimento por meio da produção de um texto coletivo, em nosso caso vinda das narrativas dos docentes ribeirinhos.

Para isso, a técnica envolve a participação ativa de todos os membros do grupo, que compartilham suas perspectivas e experiências em relação ao tema em discussão. No roteiro a seguir, apresento como ocorreu a técnica de Reunião de Produção Textual de acordo com o quarto objetivo procedimental:

2.8.4.1 Roteiro produção textual

✓ Introdução:

O facilitador da reunião que era eu mestrandando pesquisador, acolhi a todos via grupo *WhatsApp*, pois essa etapa também aconteceu de forma online, e em seguida foi recapitulado o objetivo da reunião: produzir um texto coletivo que reflita as memórias dos professores ribeirinhos e sua relação com a autoformação, onde será explicado que o texto será construído de forma colaborativa e que todos terão a oportunidade de contribuir.

✓ Apresentação da estrutura do texto (10 minutos):

Neste momento foi compartilhado uma estrutura básica para o texto, que contou com: introdução, desenvolvimento com parágrafos temáticos e uma conclusão. Para este momento foi explicado que cada parágrafo temático abordaria um aspecto relevante discutido nas memórias e experiências compartilhadas na roda de conversa.

Alguns possíveis temas para os parágrafos, como memórias marcantes, desafios enfrentados, estratégias de autoformação e impacto na prática docente foram apresentados, teremos todo os cuidados para que o texto coletivo pudesse ter uma clareza, que segundo Ivanildo Amaro (2001), a clareza consiste na expressão da ideia de forma que possa ser rapidamente compreendida pelo leitor.

A coesão será um outro cuidado que teremos, pois, a língua escrita exige um rigor e uma disciplina muito maiores que a língua falada, obrigando o emissor a se expressar com harmonia tanto na relação de sentido entre as palavras, quanto no encadeamento das ideias no corpo do texto Amaro (2001).

✓ Divisão de tarefas (10 minutos):

Foi dada a tarefa para os participantes liderarem a escrita de cada parágrafo temático. Tivemos todo cuidado para garanti que cada participante responsável por um parágrafo tivesse acesso às anotações da roda de conversa para fossem utilizados como base.

✓ Escrita colaborativa (30 minutos):

Foi criado um documento compartilhado online, a ideia era usar um arquivo do Google Docs. Como alguns participantes não tinham domínio desta ferramenta, a alternativas foi utilizar o próprio grupo *WhatsApp*, onde todos puderam colaborar simultaneamente.

Este momento incentivamos os participantes a escreverem seus trechos correspondentes a cada parágrafo temático, mantendo a coerência e a conexão entre as partes, a revisão e a edição colaborativa do texto, permitindo que os participantes façam sugestões e contribuições para melhorar a clareza e a coesão.

✓ Revisão e finalização (10 minutos):

De posse do texto a todos fizemos uma leitura coletivamente, fazendo pausas para que os participantes pudessem fazer as observações finais ou propor ajustes. Certificando de que o texto reflita de forma precisa as memórias dos professores ribeirinhos e a importância da autoformação. Neste momento marcado pela culminância da produção textual, agradecemos a todos pela participação e contribuição.

✓ Compartilhamento do texto (5 minutos):

Após os ajustes finais e tendo uma versão final do texto foi compartilhado via *WhatsApp* com todo os participantes, buscando estimular os participantes a compartilhar o texto em suas redes de contatos e a utilizá-lo como recurso para promover discussões sobre as memórias e a autoformação dos professores ribeirinhos num processo futuro.

✓ Reflexão:

Após a produção do texto coletivo, é importante que o grupo reflita sobre o processo de produção e sobre as aprendizagens adquiridas. Essa reflexão pode ser feita em conjunto ou de forma individual, com a apresentação de comentários e sugestões para futuras reuniões se for o caso.

Em suma, a técnica de Reunião de Produção Textual é uma abordagem colaborativa que valoriza a participação ativa de todos os membros do grupo na produção de um texto

coletivo. Através do diálogo e da interação social, essa técnica promove a reflexão crítica, a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento.

2.8.5 Quinta etapa: Live de socialização

Para quinta e última etapa foram feito o uso dos meios digitais. Para Socializarmos as narrativas coletivas, com os demais membros das escolas dos participantes dentre outros professores ribeirinhos.

A live de socialização é uma técnica que tem como base a interação social e a troca de experiências entre os participantes. Ela se baseia na ideia de que as interações sociais são importantes para a formação da identidade e para a construção de relações interpessoais saudáveis.

A live de socialização foi realizada por meio de plataformas digitais, utilizamos duas plataformas simultaneamente a saber: *Facebook e Instagram*, levando em consideração as especificidades de internet dos participantes.

A socialização consistiu em um encontro virtual entre os participantes para compartilhar ideias, experiências e interesses em comum. O objetivo principal da técnica era estimular a interação entre os participantes e promover a construção de relações interpessoais saudáveis.

Para organizar uma transmissão ao vivo (live) como evento online, onde outros professores possam ouvir as contações dos participantes e aprender com o processo contado por eles, seguimos as etapas abaixo:

2.8.5.1 Planejamento da live

- ✓ Definição do formato:

A plataforma de transmissão ao vivo que foi utilizada, *Facebook e Instagram*. Vale ressaltar que em primeiro momento a ideia era usar o *Youtube*, porém devido a conexão dos nossos públicos optamos somente pelo *Facebook e Instagram*.

- ✓ Planejamento e divulgação:

As informações como data, local e o horário da live foram compartilhadas com antecedência através de convites virtuais, redes sociais, grupos de professores e outras plataformas relevantes que vieram sanar as nossas necessidades de divulgação da nossa live.

✓ **Preparação dos participantes:**

Foi informado aos participantes que o evento seria transmitido ao vivo e que eles teriam a oportunidade de compartilhar suas contações e experiências, através dos *chats* ou presencialmente em formato de roda de conversa.

✓ **Introdução e contações dos participantes:**

A live teve início com uma breve introdução sobre o objetivo do evento e o tema em foco, destacando a importância das narrações e dos processos compartilhados pelos participantes ao longo das quatro etapas anteriores. Cada sujeito da pesquisa teve o direito a palavra, permitindo que cada um conte suas experiências e compartilhe aprendizados relevantes relacionados à temática do evento.

Alguns norteamentos que tiveram como propositura estimular a interação entre os participantes e o público, encorajando perguntas, comentários e reflexões nos comentários da transmissão foram apresentados.

✓ **Encerramento e interação com o público:**

Ao final das contações, foi feito um resumo dos principais pontos abordados e agradecimentos a participação de todos os envolvidos. E reservamos um tempo para responder às perguntas e comentários do público, promovendo uma interação rica e engajada.

✓ **Gravação e disponibilização:**

A transmissão ao vivo foi gravada e disponibilizada como recurso de aprendizagem para outros professores que não puderam estar conosco na live e foi publicada a gravação em uma página do *Facebook*, site ou plataforma de compartilhamento de vídeos, tornando-a acessível a um público mais amplo.

É importante frisar que procuraremos respeitar os participantes bem como as suas opiniões e ideias e que foram encorajados a expressar seus pensamentos de forma clara e respeitosa. A live de socialização foi realizada em um ambiente descontraído e informal, para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas ideias e se envolver na

conversa. Ao final da atividade, os participantes poderão ser convidados a compartilhar suas impressões sobre a live e sugerir temas para próximas atividades. A live de socialização pode ser realizada regularmente, para que os participantes possam manter contato e fortalecer as relações interpessoais construídas durante a atividade.

Nesse sentido, a live de socialização é uma técnica que se aproveita das possibilidades oferecidas pela tecnologia para promover a interação social e a construção de relações interpessoais saudáveis. A técnica é baseada em uma abordagem centrada na pessoa, que valoriza a individualidade de cada participante e busca estimular a expressão de suas ideias e experiências. Em suma, Esse produto educacional que tem um teor metodológico com as diferentes técnicas que foram aplicadas na Oficina Pedagógica direcionada para professores, cuja contribuição incidiu na autoformação, visa valorizar a voz e o conhecimento desses profissionais, bem como incentivar a autoformação e o aprendizado colaborativo na comunidade educacional e as aplicações dessa oficinas onde trabalharemos com cinco técnicas que teve como culminância um produto educacional e partes dessas escritas se transformou no relatório de prática profissional, tendo como teor a comprovação da validação deste produto educacional.

3 PRODUTO EDUCACIONAL: OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS

3.1 Cenário da Pesquisa

Vivo na região Amazônica, conhecida por seus ricos biomas resultando em uma diversidade de flora e fauna. Sou Professor/Pesquisador Ribeiro e moro no Estado do Amazonas pertencente a Amazônia Brasileira, nascido em Parintins terra do boi bumbá Garantido e Caprichoso. Fui criado em Barreirinha/AM região do baixo Amazonas, terra de um povo hospitaleiro, município também conhecido por ser a terra de Thiago de Mello *in memória*, um dos maiores expoentes da literatura brasileira, e também se destaca pelas suas festas e tradições, como o Festival Folclórico dos Touros, Festa dos Marujos, Exposição Agropecuária e a Festa Religiosa de Nossa Senhora do Bom Socorro, padroeira no Município, dentre outras. É no cenário educacional do Município de Barreirinha que investigamos os sujeitos da pesquisa “Professores Ribeirinhos”, constituído por docentes que ministram/ministraram aulas das disciplinas pertencente ao curriculum escolar, sem destacar qualquer particularidade de disciplina A ou B, tanto no Ensino Fundamental 6º ao 9º Ano, quanto no Ensino Médio nas escolas ribeirinhas.

3.1.1 Barreirinha-Am e o Contexto Histórico

Segundo IBGE² Barreirinha é um município do interior do Estado do Amazonas que se estende por uma região de 5.751,765 km² e conta com 32.919 habitantes, conforme os dados do último censo. Conhecida como a Princesinha do Paraná do Ramos, está localizada na mesorregião Centro Amazonense e na microrregião de Parintins.

A cidade de Barreirinha³ surgiu em meados de 1830, oriunda de um povoado, núcleo por sua vez, da Missão do Andirá, criada em 1848 pelo capuchinho Pedro de Cariana. Até então, era jurisdicionada pela Província do Pará, que exercia também jurisdição sobre a comarca do Alto Amazonas.

Em 1851, chega ao local o jesuíta Manuel Justino de Seixas, que constrói uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Socorro, um importante evento para o povoado. Um ano depois, foi elevada a Curato, e em 1853, teve sua denominação mudada para Nossa

² Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE

³ Fonte: IBGE Prefeitura de Barreirinha-AM Sinopse Histórica do Município de Barreirinha – Aurélio Carneiro de Andrade

Senhora do Bom Socorro do Andirá, sendo nesta altura um distrito de Parintins. Alguns anos à frente, o distrito recebe o nome de Andirá. Devido à dificuldade de acesso no período da vazante dos rios, em 1870 a Sede foi transferida para um local chamado Barreirinha, nome dado por possuir terras de barreiras elevadas, e pela Lei Provincial nº 539 foi criado em 1881 o município de Barreirinha, sendo desmembrado de Parintins.

A economia da cidade cresceu muito desde que foi elevada a município, porém em meados dos anos 1920 uma crise se instalou, sendo resultado de eventos como invasões, saques, enchentes dos rios que acabaram por devastar plantações, destruindo mais da metade da lavoura cacaeira, uma das mais importantes da época. Neste período, atos estaduais determinaram que Barreirinha voltasse a fazer parte de Parintins.

Em 1935, Barreirinha ressurge como município, a cidade estava oficialmente reconhecida como um território. E, após essa restauração, houve a primeira eleição municipal, tendo eleito como prefeito o senhor Militão Soares Dutra. Atualmente, o município de Barreirinha possui 14 distritos e 170 comunidades, em uma região onde a fauna e flora são ricos, cenário natural que desperta atenção de visitantes. Seu território contempla terras indígenas da etnia Sateré-mawé e também comunidades de remanescentes quilombolas, que representam um símbolo cultural e identidade marcante da localidade.

Com essas diversidades de cultura e especificidade dos locais que tangenciamos nossa pesquisa em 3 escolas duas nos distritos como Freguesia do Andirá pertencente na área do Rio Andirá e Brasília do Estácio pertencente a área do Paraná do Ramos, e uma na sede, por

Figura 19: Foto panorâmica da frente da Cidade de Barreirinha



Fonte: Prefeitura de Barreirinha 2023.

acreditarmos que as narrativas docentes podem contribuir significativamente para o processo formativo e prática docente.

3.2 Cenários Escolar

Passaremos a descrever o contexto histórico das três escolas ribeirinhas, onde os professores desenvolvem suas práticas pedagógicas na contemporaneidade.

3.2.1 Escola Estadual Professora Maria Belém

Uns dos cenários escolares é a Escola Estadual Professora Maria Belém que está situada na Rua BH1 Nilo Pereira, Bairro Santa Luzia, na sede do Município e há mais de 44 anos atualmente presta serviço educacional ao município, atualmente somente pelo público do Ensino Médio funcionando como Escola de Tempo Integral-PROETI deste o ano de 2017. Foi a única escola do Município de Barreirinha que oferecia o Magistério, que naquela época era a primeira formação inicial, boa parte dos docentes munícipes passaram por essa escola.

Figura 20: Escola Estadual Professora Maria Belém



Fonte: Acervo Pessoal 2021.

Um dos momentos marcantes dentro deste cenário escolar, que na contemporaneidade os docentes ribeirinhos sujeitos da pesquisa, todos dentro do seu processo formativo estudaram nesta referida escola, por ser a única até 2017 que oferecia o Ensino Médio regular. É importante frisar que parte do processo formativo discente é direcionado para essa escola, pois o aluno ribeirinho estuda na zona rural até o ensino fundamental, e neste contexto os alunos se mudam para a cidade para dar continuidade ao seu estudo, pois a maioria das escolas ribeirinhas oferecem apenas o ensino fundamental.

Um outro momento marcante neste cenário educacional descrito é que nessa escola eu mestrando/pesquisador, fiz o ensino médio e a minha prática docente se iniciou nesta escola como descrito no meu memorial formativo no capítulo I desta dissertação, a qual até hoje na contemporaneidade sou docente. Ainda falando deste primeiro cenário escolar cinco professores que estão participando direto da oficina de memória são docentes na atualidade desta instituição e ambos já vivenciaram a prática docente nas escolas rurais.

3.2.2 Escola Estadual Belchior Cabral

Figura 21: Escola Estadual Antônio Belchior Cabral



Fonte: Acervo da pedagoga da escola 2023

É no Distrito de Freguesia do Andirá, situado na margem direita do Rio Andirá, município de Barreirinha, zona rural, está localizada a Escola Estadual Antônio Belchior Cabral.

A escola acima citada começou sua história⁴ nos anos de 1958 com o nome de escola Municipal São Benedito. Uma escola (barracão) simples, construída em madeira que atendia aos alunos em seriados, com quadro de professores leigos, funcionando até em 1984. A partir de 1985, passou a ser denominada Escola Estadual Professor Gilberto Mestrinho. Construída em alvenaria pelo município de Barreirinha, estruturada com duas salas de aulas e uma cantina.

⁴ Fonte: Histórico Escolar da Escola 2023

Em 1988, na gestão do prefeito Esmeraldo Nogueira da Trindade, deu-se início na construção de uma nova escola, agora com perspectiva em atender toda demanda escolar. Com os esforços de nossas autoridades, o prédio foi concluído e entregue a população em 1991, na gestão do Dr. Coriolano Cidade Lindoso. Nesse mesmo ano a escola recebeu o Decreto Estadual nº13.769 de 11 de março de 1991. Decreto este, que confirmava o nome do ex-prefeito de Barreirinha, ex. Vereador e ex. Administrador de Freguesia do Andirá, “Antônio Belchior Cabral”, como nome da referida escola. Desde então a escola passou a ser chamada de Antônio Belchior Cabral, sempre servindo como marco de educação para este Renomado Distrito.

Na contemporaneidade a escola atende os alunos da Educação Básica, no Ensino Fundamental series iniciais e Ensino Fundamenta anos finais e Ensino Médio, nos turnos, matutino, vespertino e noturno. É neste cenário que quatro professores ribeirinhos que participaram da oficina trabalham e vivenciam suas práticas docentes no processo autoformativo.

3.1.2.1 Escola Municipal Nossa Senhora do Livramento

A Escola, é da esfera municipal e está situada no Distrito de Brasília do Estácio pertencente a região das comunidades rurais da região do Ramos, pertencente ao Município de Barreirinha. Neste cenário trabalha um professor que também é o sujeito da nossa pesquisa.

Figura 22: Escola Municipal Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Acervo pessoal 2023

Desde 1995, ano do Ato de Criação, com o Decreto 010/1995, a Escola Municipal Nossa Senhora do Livramento, oferece ensino de primeiro ao quinto ano, e é neste cenário escolar que trabalha mais um sujeito da nossa pesquisa. Faço uma observação que as fontes

coletadas a respeito do histórico da escola foram do professor que está participando desta oficina, junto a secretaria, pois o documento apresentado por mim solicitando não obteve respostas, dificultando assim a descrição mais detalhada da escola ribeirinha.

3.3 Sujeito da pesquisa: docentes ribeirinhos

As narrativas docentes na contemporaneidade trazem consigo grande reflexões quando mergulhamos profundamente num universo em transformação. Quando fazemos as analogias das trajetórias de ontem com o hoje no contexto de memória docente, analisando as mudanças significativas que ocorreram nesse período, referentes às práticas pedagógicas e formação dos professores no sentido autoformativo, nos deparamos com vários episódios de resiliência de docentes que convivem com a incerteza do amanhã, pois a natureza está em transformação. Por perceber que as narrativas docentes ribeirinhas trazem contribuições significativas para os conhecimentos científicos vinculados aos saberes docentes e práticas pedagógicas na Educação no Ensino Tecnológico, conhecimentos estes que entendemos serem fundamentais para prática docentes ribeirinhas nas mais diversificadas áreas da ciência de formação e atuação profissional.

Para se ter narrativas se fazem necessários mapearmos e escolhermos os personagens aqui denominados sujeitos da pesquisa, os docentes ribeirinhos. Para isso foi preciso mapear os docentes que atuaram/atua na educação ribeirinha, para que com esses mapeamentos fosse possível selecionar 10 docentes para fazerem partes do nosso projeto com suas devidas narrativas, coletada através da “Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos”. tais dúvidas nasceram e se fizeram necessário responder: que critérios serão usados para a escolha dos docentes e quantos serão escolhidos? Busquemos ajuda a teórico como Alberti que afirma que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios qualitativos por uma preocupação de amostragem, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de suas experiências. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (2005, p. 30)

A autora fala em escolha de entrevistados, pois a entrevista é uma técnica de coleta de narrativa, mas na nossa pesquisa usaremos a oficina como pretexto para coleta dessas narrativas, porém o critério de seleção desses professores nos guiaremos pelos

direcionamentos da autora, ou seja, cabe ao pesquisador a tarefa de selecionar os professores que vivem/vivenciaram essas experiências no cenário da educação ribeirinho.

Quanto aos números dos entrevistados Alberti afirma (2005, p.36) “É somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistados necessários começa a se descortinar com maior clareza”. Assim sendo, começamos nossa oficina convidando 10 professores das diversificadas áreas de atuações profissional, as quais 5 eram do sexo masculino e 5 do sexo feminino, porém no decorrer da aplicação das etapas da oficina, fomos observando que alguns professores estavam presentes, mas ficavam em silêncio. Ficou notório que na atualidade o contar de si, requer um equilíbrio emocional grande, pois alguns professores apresentaram dificuldade em falar de si. Perante esse cenário como pesquisador procurei instigar, mas deixei ao mesmo tempo livre para contarem de si ou não.

Optamos na oficina em trabalhar não somente com professores de Matemática, mas com os professores nas diversificadas áreas de atuação e formação da ciência para compreender não somente os saberes matemáticos, mas os saberes específicos de cada um contado ao longo da oficina.

3.4 Aplicação da oficina

No dia 30 de junho de 2023 procurei de forma sucinta selecionar e convidar os professores ribeirinhos que atuaram/atuam no contexto das escolas ribeirinhas no Município de Barreirinha, região do Baixo Amazonas, para que eles pudessem participar da “Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos”, cuja contribuição incide na autoformação, tomando como recurso facilitador o aplicativo digital *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Após o contato com os professores e aceitação dos mesmos, foi criado o grupo *WhatsApp*, onde todos foram adicionados. Para esta oficina contamos com a Participação de 10 professores de áreas específicas como, Língua Portuguesa, matemática, química, Biologia, História e Geografia.

Após o contato com os professores e a criação do grupo *WhatsApp*, reforcei um pouco mais da importância deles na aplicação dessa oficina que teria como fruto um Produto Educacional, assim como expliquei como a metodologia da oficina aconteceria, destacando que essa oficina seria aplicada em cinco etapas, cada uma com técnicas diferentes. Posto isto,

levando em consideração as divergências de horário de trabalho dos participantes, especificidade de internet local de cada um, procuramos alinhar como eles a data e hora da primeira etapa da oficina. Por seguinte, ficou acordado para o sábado dia 08 de julho de 2023, pela manhã das 08 às 12 h e a tarde das 14 às 17 h. Mediante a data e horário marcado, eu pesquisador fiz o convite e mandei virtualmente para cada participante no dia 06 de julho de 2023 nas primeiras horas da manhã, para que todos pudesse ter ciência do dia e hora da aplicação da primeira etapa da oficina, para que pudéssemos ter um bom número de participantes, apesar das adversidades presente.

Caro leitor a seguir irei descrever as narrativas dos professores ribeirinhos, fruto da aplicação da oficina que seguiu o planejamento/escopo que foi detalhado no capítulo II dessa dissertação.

3.4.1 Primeira etapa: Tempestade de Ideias

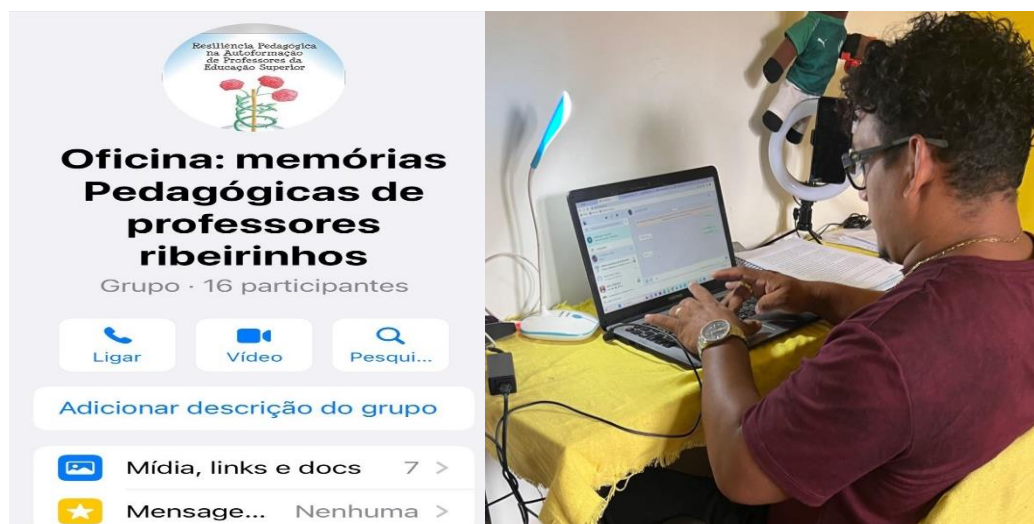
Na contemporaneidade, as narrativas docentes desempenham um papel fundamental na criação de ambientes de aprendizagem significativas e inspiradoras para a prática profissional no contexto autoformativo no ensino tecnológico. Ao darmos voz aos sujeitos, damos a cada um a oportunidade de mergulharem em seus passados e contarem de si os momentos significativos que marcaram época em suas vidas ao longo de suas práticas pedagógicas no sentido ontológico, que muitas vezes tiveram que ser ressignificados devido os acontecimentos mutáveis do tempo. Narrativas, que assumem diferentes formas, como histórias pessoais, relatos de experiências ou reflexões pedagógicas, são veículos poderosos para a expressão das vozes dos professores e para a troca de conhecimentos e perspectivas para uma ressignificação de um novo olhar pedagógico da atualidade, que nos ajudam nos discursos sobre a educação ribeirinha nos tempos atuais.

Levando em consideração o nosso primeiro objetivo procedimental que era fazer um levantamento de questões-problema emergentes, decorrentes de experiências vivenciadas pelos participantes ao longo de suas trajetórias docentes, buscamos encontrar uma técnica para nos ajudar neste processo, e optamos neste primeiro momento pela “tempestade de ideias” que, em que os professores se engajaram nas discussões colaborativas, compartilhando suas ideias, inquietações e soluções em relação ao ensino e à aprendizagem. A tempestade de ideias neste momento foi um convite para um diálogo rico e inclusivo, no qual todos os participantes foram encorajados a contribuir e a pensar de forma criativa, desafiando-se

mutuamente a encontrar em suas memórias de vida momentos vividos no ontem que ajudam a refletir, inovar, criar, recriar e ressignificar o conhecimento levando em consideração o processo formativo, e a autoformação como norteamento da trajetória docente para o ensino tecnológico.

A tempestade de ideia foi desenvolvida por mim mestrando/pesquisador PPGET no dia 08 de julho de 2023 e teve 7 horas de duração, este primeiro momento foi dividido em dois turnos, manhã e tarde. A saber a primeira etapa teve a duração de sete horas de aplicação, justificando no fato dos temas propostos e que cada professor participante tivesse a oportunidade de contribuir com suas narrativas nesse primeiro momento de aplicação. Porém, ao final da aplicação se percebeu que era possível realizar essa primeira etapa neste formato também em 4 horas.

Figura 23: Aplicação da Oficina via grupo de WhatsApp



fonte: Acervo pessoal 2023.

Eu enquanto pesquisador ao longo da tempestade de ideias, tomei o papel de mediador. Vale ressaltar que para esse momento foi usado como recurso facilitador o aplicativo digital *WhatsApp*, onde foi criado o grupo com os professores convidados para este momento, e as atividades aconteceram todas de forma virtual.

Seguindo as orientações Masetto (2012) que para o autor, para desenvolver uma *brainstorming* (tempestade de ideias) o mediador deve expor um tema ou uma palavra que provoque a participação dos estudantes em nosso caso professores ribeirinhos, e solicitar que eles falem sobre o que compreendem em relação ao tema mencionado. Então propus 6 temas de acordo com a intencionalidade da pesquisa a saber:

- ❖ Memórias de infância e formação como professor ribeirinho;

- ❖ Resiliência: Desafios e superações na trajetória como professor ribeirinho;
- ❖ Estratégias de autoformação para professores ribeirinhos;
- ❖ O papel das tecnologias digitais na autoformação;
- ❖ Momentos significativos na sua prática pedagógica ribeirinha;
- ❖ O impacto da autoformação na prática docente ribeirinha.

Para cada tema apresentei dois direcionamentos instigadores, para que os professores pudessem se sentirem encorajados e motivados a verbalizar com liberdade suas narrativas de acordo com cada temática. A seguir apresentaremos cada temática com os devidos recortes das narrativas que nasceram ao longo da tempestade de ideias.

3.4.1.1 Memórias de infância e formação como professor ribeirinho

Falar de narrativas em memórias de professores desde a infância até o contexto formativo, é levar cada sujeito a viajar no seu mundo interior para recordarem momentos significativos em sua vida. As memórias de infância desempenham hoje um papel significativo na formação da identidade e no desenvolvimento de nossas perspectivas de vida. Para os nossos sujeitos das pesquisas os professores ribeirinhos reviver se torna um momento de muita reflexão, pois eles atuam e até mesmo moram em comunidades localizadas às margens dos rios Andirá e Paraná do Ramos e em áreas remotas. Para eles essas memórias têm um significado ainda mais profundo e para nós essas narrativas são fundamentais para a compreensão da realidade social, cultural e educacional dessas comunidades in loco, e também ajuda a ressignificar o contexto formativo para o Ensino Tecnológico desses profissionais.

Neste primeiro tema trabalhado traçamos duas questões instigadoras para que os participantes tivessem um norte em suas narrativas a saber: Quais são as lembranças mais marcantes da sua infância nas comunidades ribeirinhas? Como essas experiências influenciaram sua escolha pela profissão de professor e sua prática pedagógica?

Os compartilhamentos de narrativas de professores ribeirinhos ao longo da aplicação da oficina, neste primeiro momento “tempestade de ideias”, nos permitiram viajar nas histórias contadas no sentido ontológico por cada participante, que hoje nos ajuda a refletir o presente, são lindas lembranças ribeirinhas que marcaram época, na infância de cada um, fizemos alguns recortes das falas dos docentes para que o leitor conheça um pouco sobre os momentos de recordações das infâncias destes.

- Quais são as lembranças mais marcantes da sua infância nas comunidades ribeirinhas?

As lembranças que marcaram minha infância sempre estão atreladas ao contato com a natureza, como a pesca, a caça, a agricultura, os recursos da floresta, práticas que fazem parte da sobrevivência ribeirinha e faz até hoje ter excelentes lembranças (J.J.X, 2023).

A minha infância na comunidade ribeirinha vejo como liberdade, a segurança, o brincar, o correr na rua, momentos marcantes com os colegas como jogar bola, tomar banho no rio com os colegas, além de uma infância com liberdade vejo uma infância saudável, o comer frutas em baixo das arvores, que trazia para nossa vida uma alternativa de alimentação quando não tinha alimentos (P.S.S, 2023).

Eu nasci em uma comunidade interior chamada Cristo Redentor até meus 8 anos de idade, e a minha memória de infância está marcado muito nesse período em que vivi lá, as brincadeiras de rodas, o contato com a natureza, a pescaria, a segurança em morar em um local sem perigo noturno, não tínhamos celular, então nos reinventáramos para sermos feliz com o que tinha, coisa que hoje nas comunidades ribeirinhas já não vemos nossas crianças a brincar e viverem livres sem os perigos humanos (D.B.O, 2023).

Eu nasci em freguesia do Andirá, acostuada a tomar banho no beiradão do rio Andirá, a brincar nas praias, brincar de passanel, barra bandeira, rodas de conversas para contar histórias e muitas brincadeiras que hoje foram extintas, pois nos tempos atuais com a tecnologias digitais as crianças já não brincam (P.G.S, 2023).

Lembro-me vividamente das manhãs frescas e úmidas na comunidade ribeirinha onde cresci. Lembro das manhãs o sol nascendo, as águas calmas do rio, criando um cenário mágico. A nossa casa era uma modesta casa de madeira, e palha. A cada manhã, acordávamos ao som suave dos pássaros cantando e do rio fluindo serenamente ao nosso redor. No entanto, também havia desafios. As enchentes frequentes testavam nossa resistência, mas também fortaleciam nosso espírito de cooperação. Lembro-me de como a comunidade se unia para ajudar as famílias afetadas, reconstruindo casas e ajudando uns aos outros a superar as adversidades. Um outro fator que lembro eram as grandes secas que dificultava muito ida até a cidade. Essas lembranças da minha infância nas comunidades ribeirinhas moldaram quem sou hoje. Aprendi a valorizar a simplicidade da vida, a importância da família e da comunidade, e a reverenciar a natureza que nos cerca (L.M.G, 2023).

- Como essas experiências influenciaram sua escolha pela profissão de professor e sua prática pedagógica?

No meu caso volto as lembranças de infâncias, e meu pai era professor e via sua dedicação, e acabara indo para a escola com ele, e isso foi marcando a minha infância e contribuiu muito para eu ser professora, ainda que meu pai sempre me aconselhou para não ser professora, mas eu escolhi e decidi seguir a carreira docente (D.B.O, 2023).

Quando penso nas influencias que me levaram, eu sempre digo que para mim ser professora é um dom, eu nasci com dom que para ser professora, e a minha vó que faleceu há 13 anos influenciou muito em minha vida, o contar de história dela, pois ela era uma guardiã de memórias. A cultura da Marujada de São Benedito na Infância, contribuiu muito para hoje ser professora, e isso hoje na pratica trago todo esse contexto para dentro da sala de aula, eis o motivo de ser professora de História (P.G.S, 2023).

As experiências de infância tipo se for comparar como aluno, não é nada comparado a profissão de professor... Acredito que pouco tenha influência na escolha da minha profissão, pois essa escolha foi consequência de múltiplos fatores ao longo da minha trajetória de infância, adolescência e juventude, tive muitos sonhos no qual muitos não pude realizar, tive vontade de exercer outras profissões, mas a que escolhi foi essa já na juventude por me inspirar em um Professor de Biologia na 2º ano do Ensino Médio, que mudou toda minha perspectiva de vida e que hoje amo o que faço, que é ser professor. No entanto, o que pode ter influenciado nessa escolha é querer uma mudança na vida, de forma que o trabalho não se tornasse tão pesado como é em sua maioria na vida ribeirinha. Além de poder sair um pouco do campo, ter a oportunidade de estudar e conhecer outros lugares, são fatores que podem de alguma forma ter influenciado na escolha da profissão. Na prática pedagógica as experiências da infância influenciaram muito, hoje minhas metodologias e práticas sempre estão voltadas ao cuidado com a natureza. De que forma podemos valorizar e como aprender por meio dessas práticas em sala de aula, por vivências do cotidiano, ou mesmo correlacionando o teórico da sala de aula com a prática do campo e científico (J.J.X. 2023).

Hoje a minha profissão de professor de História tem muita ligação com a minha infância, pois a minha mãe é professora e ela mesmo me alfabetizou, e vendo sua dedicação com os alunos me inspirou a segui a mesma carreira profissional da minha mãe. E alguns professores no ensino fundamental e médio me ajudaram muito a chegar a essa profissão, ainda que meu pai queria que fosse um engenheiro agrônomo, porém por eu ter uma grande dificuldade com os cálculos matemáticos, optei por ser professor de História (P.S.S.).

Hoje sou professor de matemática, percebi as dificuldades no processo de ensino na minha comunidade, via que vários professores não eram daqui, e sempre iam e vinham até a comunidade ministra aulas, e muitas vezes devido temporais, transportes acabam não vindo, e os alunos ficavam sem aulas, isso me instigou a ser um professor ribeirinho e que trabalhasse na minha comunidade onde nasci e cresci. (L.M.G, 2023).

3.4.1.2 Resiliência: Desafios e superações na trajetória como professor ribeirinho

Um momento marcante nas tempestades de ideias em nossa oficina “Memórias pedagógicas de professores ribeirinhos” foi a temática resiliência, pois foi um momento para os participantes de mergulharem no passado e compartilharem os momentos de superação ao longo das suas trajetórias enquanto professores ribeirinhos. Este momento em cima da temática apresentei aos participantes duas questões norteadora para que eles pudessem ter um direcionamento para as narrarem a respeito do tema a saber: Quais foram os principais desafios enfrentados ao longo da sua carreira como professor ribeirinho? Como você superou esses desafios e quais lições aprendeu ao longo do caminho? A seguir apresento algumas narrativas docentes a respeito da temática apresentada.

- Quais foram os principais desafios enfrentados ao longo da sua carreira como professor ribeirinho?

A minha maior resiliência foi prática docente na perspectiva ribeirinha, pois tive que me adaptar à realidade. Falo isso pois tanto na formação inicial (faculdade) e continuada (mestrado) que cursei não vi uma formação voltada para prática pedagógica ribeirinha[...], as discussões na formação muito fala em conteúdo,

metodologias voltadas para práticas pedagógicas mais sempre voltada para a tecnologia, com o auxílio de recursos digitais, e quando cheguei na comunidade para vivenciar a meu primeiro momento como professor me deparei com uma realidade totalmente distorcida da formação que recebi, muito longe da realidade de uma escola que acompanhou os avanços digitais, e isso para mim teve que ser resiliente, principalmente que comecei a trabalhar no período pandêmico da aula em casa e a realidade da escola era precária de recursos pedagógicos, não tinha internet, tinha apenas uma impressora que não supria a necessidade da elaboração de apostila, e isso acabava atrasando o ensino, sem contar que fui de uma comunidade para uma outra com realidade totalmente diferente da minha (P.S.S,2023).

A minha resiliência foi atrelado ao ambiente escolar e a comunidade onde fui designada para trabalhar, pois tive que me adaptar a realidade, apesar de ser moradora ribeirinha e já está acostumada a vida de interior, fui trabalhar em uma outra comunidade com realidades diferentes, desde o encher água no rio, desde a escola precária, até debaixo da mangueira ministrei aula nessa comunidade[...].Um outro fator de resiliência foi a questão que as maiorias dos professores ribeirinhos acabam ministrando aulas que não condizem com suas formações, ai temos que nos reinventar, pois na formação somos qualificados para atuarmos em um área específica , quando chegamos para atuar nos deparamos com certas situações, principalmente quando o professor é de regime temporário, e o ser resiliente se faz necessário sempre (P.G.S,2023).

Um dos principais desafios sempre foi a falta de equipamentos tecnológicos que por sua vez são meios facilitadores de ensino. Uma vez que nas escolas ribeirinhas tem carência de equipamentos, desde do pincel ao apagador, data show, equipamentos para experimentos químicos e biológicos, e tecnológicos. Dessa forma tornando a prática pedagógica limitada, muitas das vezes fazendo com que o professor opte sempre por aulas muito mais teóricas do que prática. Isso de alguma forma também influência no ensino da aprendizagem do aluno, que muitas vezes faz com que ocorra esse atraso citado pelo Professor Pedro, a dificuldade de melhor absorção de conhecimento. A falta de suporte tecnológico, faz com que o professor em sua maioria gaste muito tempo na teoria, também atrasando muito o seu desempenho com relação aos conteúdos, repassando somente o básico dos assuntos, de forma a não dar tempo de se aprofundar junto aos alunos. Os perigos de deslocamento também é um outro ponto de resiliência em minha vida, eu vivo essa experiência no meu dia a dia desde de 2020, é aventura, é perigoso, é desafiador. Toda noite junto com a Professora Daniele Graze e outros dois professores saímos de Barreirinha para Freguesia em uma voadeira pequena, e muitas das vezes arriscamos nossas vidas atravessando o Rio Andirá, uma realidade de vários professores ribeirinhos em plena nossa Amazônia (J.J.X, 2023).

Temos vários desafios, quando vivi a minha primeira experiência como professora ribeirinha tive que me tornar resiliente, foi na época da pandemia, e essa dificuldade se mostrou terrível. Então muito se falava em tecnologia, e ela estava aí a disposição, mas nem todas as escolas estavam equipadas e nem tem tinha a sua disposição, nem mesmo aqui na cidade nós temos a funcionalidade correta, imagine isso nas comunidade ribeirinhas, então, ficou muito difícil, em nossas atividades via whatsapp nem todos tinham aparelho nem todos tinham sinal de internet, especialmente na comunidade em que eu trabalho, sem falar do medo de irmos fazer atendimento aos alunos por conta da covid19, e por conta dos perigos noturnos nas inúmeras travessias no rio Andirá em uma voadeira pequena até a comunidade, os medos tiveram que ser quebrados, e tive que me tornar forte (D.B.O, 2023).

A minha dificuldade foi a questão de ser formado em matemática, e como sou contratado pelo município, tive que aceitar a ter que trabalhar com a educação infantil com áreas adversas, com um contexto totalmente diferente da minha formação enquanto professor (L.M.G, 2023).

- Como você superou esses desafios e quais lições aprendeu ao longo do caminho?

Duas palavras se encaixam nesta temática, reinventar e ressignificar, ou seja, tive que observar a realidade da comunidade, da escola e principalmente dos meus alunos, para que eu pudesse usar a realidade que a comunidade tinha em meu favor da prática docente, e neste contexto levava eles para irem a campo comigo para eles também conhecerem a riqueza das paisagens naturais que eles tinham, e o que podíamos tirar de proveito para o conhecimento. Vale lembrar que a relação professor e família dos alunos é totalmente diferente da cidade urbana, pois os pais dos alunos criam laços conosco, recorro que muitos por várias vezes me davam peixes para comer por eu não ser da comunidade. E essa primeira experiência como professora ribeirinha na Comunidade São Paulo do Açu foi muito significativa para a minha trajetória enquanto professora ribeirinha (P.G.S, 2023).

Para eu superar todos os desafios tendo em vista que era a minha primeira experiência como professor, procurei fazer parcerias com os professores mais antigos para que eles pudessem me orientar como trabalhar, pois eles já sabiam da realidade dos alunos e principalmente a o sistema escolar daquela localidade. Um outro fator foi a Pedagoga que era muito dedicada, ela exigia a presença da família na escola, ela ia atrás dos alunos fazendo a busca ativa, visitava as famílias, e isso para mim servia como combustível para mim que estava chegando. A presença da família na escola em uma comunidade rural é de suma importância por vários aspectos, principalmente a forma como eles te acolhem, o respeito e valorização enquanto um ser professor (P.S.S, 2023).

Nem todos os desafios foram superados, no entanto, muitos dos que superei como falta de equipamentos, uma das alternativas foi retirar do próprio bolso e comprar, algo que muitos professores continuam fazendo, como comprar seu próprio apagador e pincel, e outros. Uma outra alternativa na minha área de Biologia, é explorar as práticas de campo em minhas aulas. Uma vez que moramos na Amazônia, existe uma abundância em riqueza natural, muitos aos quais ainda pouco se conhecem, muito menos no que tange o conhecimento científico. Construção de maquetes, aulas em laboratórios vivos, ou espaços informais incluindo, trilhas ecológicas, fragmentos florestais, florestas primárias e secundárias, rios e outros ambientes, são práticas que vem dando muito certo a longo da minha caminhada como docente. Fazer com que as crianças e jovens não só tenha o conhecimento teórico, mais prático e científico, podendo desfrutar do que vivência no seu dia a dia, além de valorizar o que eles têm, que é a floresta, rios, a natureza de forma geral. Além disso, tento usar um pouco da tecnologia, mesmo que bem limitado, fazendo que os alunos usem o celular para obter conhecimento. Formando grupos de alunos onde pelo menos um do grupo tenha celular com acesso a internet, no caso em Freguesia dá para fazer isso. Assim fazendo com que eles usem o celular para pesquisar, elaborar trabalhos, ou ainda usarem alguns aplicativos como os meios de comunicação Whatsapp, Facebook e Instagram, ou Realidade Aumentada, criação de QR code, imagens 3D, jogos lúdicos, aplicativos de Quiz (perguntas relacionadas a disciplina que ministro, Biologia) (J.J.X, 2023).

Houve uma adaptação as condições ali presentes em relação as escolas ribeirinhas, o fato de não termos os equipamentos acabavam dificultando, porém acaba por criar as oportunidades da gente se reinventar. E todas essas vivências se tornam eventuais períodos de resiliências e amadurecimentos (D.B.O, 2023).

A superação veio em ser um profissional flexível, audacioso de buscar me adaptar aquela realidade, neste sentido tive que buscar pela autoformação, era eu agora me reinventando, buscando os saberes necessários para lidar com o público que colocaram para eu ensinar (L.M.G, 2023).

3.4.1.3 Estratégias de autoformação para professores ribeirinhos

- Compartilhe estratégias e recursos que você utiliza para continuar aprendendo e se aprimorando como professor ribeirinho.

Os desafios enfrentados causam essa autoformação em busca de vence-los. Você, em muitas das vezes, se depara com situações que você não teve experiência e precisa ir atrás de conhecimento para poder lidar em sala de aula. Ao invés de usar infográfico digital, pedi pra eles produzirem manualmente. Infográfico nada mais é do que cartazes com design mais elaborados. Geralmente dividido os grupos e distribuo as temáticas para que eles pesquisem e produzam. E depois disso, eles apresentam o trabalho para a turma; outro recurso que utilizo e a produção de cadernos temáticos. São produzidos dentro de sala de aula de forma individual. Para produzir esses cadernos são necessários materiais como: folha de papel chamex, papel E.V.A, cola, tesoura, lápis de cor, caneta, cartolina etc. Só que imprimo as imagens para eles colarem, enquanto o conteúdo eles têm que pesquisar; também faço prova objetiva, seminário e trabalhos de pesquisa. Agora sempre pego dicas de atividades de grupos de professores de História em rede social. Lá professores compartilham as didáticas que utilizam com os alunos em sala de aula. É bom que tem professores de todo o país nesses grupos (P.S.S, 2023).

Eu gosto muito dessa ideia de compartilhamentos de ideias, participo ativamente de um grupo de mestrando e ex-mestrando da minha área de biologia, onde compartilhamos ideias, experiências vivenciadas. Um outro recurso são as pequenas formações online, congressos, simpósios, colóquios, ainda participo de grupos de professores via Facebook e Instagram, são ferramentas importantíssimas que me ajudam muito na minha autoformação para que eu consiga acompanhar a realidade da escola, principalmente as mudanças que ocorrem na educação brasileira (J.J.X, 2023).

Utilizo recursos educacionais online, como vídeos, tutoriais e plataformas de aprendizado, para explorar novas técnicas de ensino, estratégias pedagógicas e métodos inovadores para área em que estou atuando. Ainda busco por grupos de professores locais para ler livros, artigos e pesquisas acadêmicas relevantes à educação. (L.M.G, 2023).

- Quais são as fontes de conhecimento que você busca e como você as integra em sua prática?

Como não tem livro didático disponível para todos os alunos, copio o assunto no quadro pra eles fazerem no caderno. E depois peço pra fazerem um resumo. Quando estou bonzinho, deixo eles pesquisarem no resumo, na hora da prova. sempre que possível também utilizo as provas dos vestibulares também tanto como um recurso de autoformação quanto recurso de compartilhamento de saberes (P.S.S, 2023).

Uso slide muitos disponibilizados por plataformas da Seduc, outros por Instituições acadêmicas, também uso muito artigos provenientes dos periódicos da CAPES e outras revistas que acompanho. Muitos documentos são disponibilizados por outros professores da área da Biologia nos grupos de WhatsApp no qual faço parte e também compartilho. Costumo copiar no quadro os conteúdos e discutindo com os discentes os conhecimentos prévios que eles já têm. Uso slide para eles terem uma ideia de como os livros ilustram, e vídeos de conhecimentos novos que não estão nos livros. Também como não tem muitos livros, peço sempre a eles que se aprofundem lendo os livros que tem e vídeos no YouTube para reforçar o conteúdo, os que tem acesso à internet. Costumo aprofundar nas aulas práticas os conteúdos além do livro ou slides. As avaliações são de diversas formas, oral, escrita (dissertativa ou optativa), seminários, discursos em grupos, as perguntas e discussões em sala de aula sempre são sobre questões dos vestibulares atuais (J.J.X, 2023).

Uso bastante sites que visam compartilhar conhecimentos. A estratégia que utilizo para a prática do ensino são: Mapas mentais/ peço para imprimir na escola e distribuo para todos antes de introduzir os conteúdos. Trabalho com desenhos e

esquemas no quadro e explico em seguida. Utilizo algumas músicas que contextualize com o tema (Continente perdido do Garantido, que país é esse? de Cazuzza, Era um garoto que como eu...de Engenheiros do Hawaii etc. Paródias bem animadas, para animar a sala de aula e também aprenderem. Trabalho com seminários, utilizando cartazes, encenações, desfiles, murais; trabalho com construção e exposição de maquetes para finalizar conteúdo; Os HQs também utilizo para trabalhar conteúdo, peço para lerem, comentarem e depois peço uma resenha. Estudo bastante em livros didáticos para me preparar para as aulas. Sempre estou orientado os discentes sobre a importância da oralidade, ensino algumas técnicas de vencer o nervosismo, de como melhorar a dicção e como ter segurança de falar em público. Nas provas dissertativas tenho o sempre o cuidado de formular as questões de acordo com que foi trabalhado nas aulas. Para os alunos especiais, busco atividades que sejam de acordo com a disciplina que ministro e com o conteúdo que estou aplicando, mesmo que seja adaptado (P.G.S, 2023).

Busco sempre a autoformação e nesse processo tudo que vem para somar em minha prática busco acolher e ressignificar como, grupos de pesquisadores, plataformas digitais de ensino, simpósios educativos, congressos dentre outras formas que me ajudam a aplicar tal metodologia em sala de aula no contexto ribeirinho (D.B.O, 2023).

3.4.1.4.O papel das tecnologias digitais na autoformação

Para este momento tangenciamos as duas questões norteadoras e deixamos os professores livres para narrarem a respeito, sem ter a preocupação de serem interrompidos, tendo a oportunidade de comentarem as duas indagações ao mesmo tempo.

- Como você utiliza as tecnologias digitais, como o WhatsApp, para promover sua autoformação como professor ribeirinho? Quais recursos e comunidades online você acessa para obter suporte e trocar conhecimentos com outros profissionais?

É mais por meio de pesquisa de conteúdo que busco me aprofundar mais para dar uma boa aula. Geralmente sempre troco experiências com os colegas da própria escola. Não faço o uso do WhatsApp é mais nos grupos do Facebook. "Ensino dinâmico de história" é o nome do grupo (P.S.S, 2023).

Utilizo para promover e obter conhecimento, uso muito a redes sociais, onde faço parte de grupos diversificados nas demais áreas de ensino, as plataformas digitais para mim é de suma importância pois me ajuda a ressignificar a minha prática e proporcionar uma didática voltada para a realidade ribeirinha (P.G.S, 2023).

Uso várias plataformas para aprimora-me sempre a minha autoformação, uma ferramenta que utilizo muito é o WhatsApp onde participo de grupos interdisciplinares que venham enriquecer a minha formação no cotidiano. Utilizo também a plataforma ASTIM/SEDUC, escolas conectadas entre outras plataformas (J.J.X, 2023).

O WhatsApp para mim é de grande importância para mim, pois me ajuda a me conectar com outros docentes, e principalmente a participar de grupos que visam compartilhar didática, metodologias, assuntos gerais e específicos que me ajudam nesse processo de autoformação e contribuem significativamente na contemporaneidade na minha prática docente (C.P.A, 2023).

3.4.1.5 Momentos significativos na sua prática pedagógica ribeirinha

Para este momento apresentamos duas perguntas em uma única deixando os participantes livres para responder.

- Compartilhe momentos significativos ou histórias inspiradoras que ocorreram durante sua atuação como professor ribeirinho e como esses momentos impactaram sua visão sobre a educação e a relação com os alunos?

Em 2021 eu ainda estava cursando o mestrado Profissional em Ensino Tecnológico-IFAM e na comunidade ribeirinha Ariaú pertencente a área do Andirá do Município de Barreirinha em que trabalhava, não pegava o sinal de Internet (quer dizer somente o sinal via satélite e era 2G, então eu tinha que me deslocar para a comunidade vizinha o distrito de Piraí para acompanhar a aula de estágio que acontecera de forma online por conta da pandemia Covid19, que na ocasião era feito com o professor Nilton Ponciano. Outra questão que me marcou muito foi a valorização e o reconhecimento que tive naquela comunidade, apesar de ser novo e ter acabado de chegar na comunidade, todos me tratavam com muito respeito e como um professor (P.S.S, 2023).

Momentos significativos que marcou a minha história em 2020, quando iniciei a minha prática como professor ribeirinho, todos os dias as 17:30 eu e mais três professores saíamos de Barreirinha e atravessávamos Rio Andirá até a comunidade freguesia do Andirá e retornávamos sempre as 22:50, estou falando de uma travessia que temos até hoje de contar com a natureza para que o rio não ficasse/fica agitado, e quando ficava tínhamos que esperar para poder continuar a viagem, foi e é momento marcante que vivo até hoje, que busco todos os dias ressignificar a minha prática com todos os momentos, a resiliência sempre fazendo parte da minha vida. Em 2020 recebi a medalha de honra ao mérito realizado pela Assembleia Legislativo, como Professor Ribeirinho, em homenagem pelo prêmio de a nível Nacional que ganhei no ano de 2019, isso marcou e marca a minha vida até hoje que apesar de estar em uma escola ribeirinha podemos fazer a diferença, e saber que podemos ser criativos perante as adversidades não tem preço (J.J.X, 2023).

Na prática docente ribeirinha, tudo se torna marcante, desde as aulas ministradas em baixo das árvores, desde os momentos resilientes que tive que ser para não desistir de ser professora, até o deixar da minha comunidade de origem para me deslocar para uma outra comunidade com realidade diferente. Tudo marca na vida, tudo vira pagina do nosso livro de história de vida. São momento ontológicos que me levam a refletir sempre de onde vim, onde estou e onde poderei chegar (P.G.S, 2023).

Eu enquanto professore ribeirinho, desempenho um papel crucial em comunidades situadas ao longo dos rios em especial na comunidade onde resido Brasília do Estácio. Muitas vezes, enfrento desafios únicos, como acesso limitado a recursos educacionais, condições de ensino adversas e falta de infraestrutura básica. No entanto, essas dificuldades demonstram uma incrível resiliência e paixão por fornecer educação de qualidade aos meus alunos (L.M.G, 2023).

3.4.1.6 O impacto da autoformação na prática docente ribeirinha

- Como a busca constante pela autoformação tem impactado sua prática pedagógica nas comunidades ribeirinhas? Quais mudanças ou melhorias você tem observado em sua atuação como professor devido ao investimento em sua própria formação?

Essa busca pela autoformação, mas vejo uma grande falha dos órgãos competentes SEDUC e SEMED, em cursos voltados para as diversidades de povos, como os povos indígenas que chegam nas escolas e não sabemos como lidar com a diversidade de linguagem e fala, então vejo que ainda que buscamos a autoformação é necessário, investimento em cursos e formações voltadas para essa realidade, em meu caso apesar das adversidades procuro sempre com afinco, buscar me qualificar constantemente ainda que com meus recursos próprios para tentar sanar tamanha dificuldade encontradas na prática docente ao longo da minha prática docente. (P.S.S.2023)”

Concordo com meu Colega Pedro, pois deveríamos ter um curso voltada para a linguagem indígenas, pois muitos não falam e não escreve o português, o que dificulta o processo de ensino e aprendizagem, e acaba sendo um retrocesso para a vida dos estudantes e para nossa prática pedagógicas enquanto professores ribeirinhos. Em meio essas adversidades e falta de investimento da formação do professor, busco com meu próprio recurso investir na minha autoformação, pois é aduo o caminho de um professor em plena zona urbana, repleto de muitos recursos tecnológicos, agora imagina a zona rural com suas especificidades locais, como sempre digo buscar se qualificar cadê mais se faz necessários (P.G.S.2023).

Lembro que desde a faculdade nos questionávamos, eu e mais uma amiga minha que a universidade não prepara acadêmicos para serem inseridos na sala de aula. questionamos isso com os professores, e isso vimos muito na prática, pois lembro que nós queríamos fazer nosso projeto, o nosso TCC voltado para a área de ensino, e nenhum professor naquela época queria nos orientar, pois diziam que eram temas muito batidos, que precisavam escolher outras temáticas pra estudar. Desde aí percebi que a faculdade não estava preocupada em formar professores pra atuarem na educação básica. e isso refleti muito quando passo a ser professora ribeirinha e venha as dificuldades que enfrento, percebo que o sistema não tem uma preocupação como aprendizagem, e isso refleti muito nos nossos trabalhos enquanto professores, e que nos resta é buscar por uma autoformação cotidiana para não ficarmos estagnados no tempo. em suma na faculdade somos preparados para sermos pesquisadores e não professores, começando o nosso desafio tendo em vista o despreparo pra prática (D.B.O.2023).

Em suma, essas foram alguns recortes das narrativas de professores ribeirinhos que foram trabalhadas nesses primeiros momentos nas tempestades de ideias, numa perspectiva de mensuramos as falas docentes no contexto ontológicos. Trouxemos aqui falas que ajudaram a refletir nossa temática.

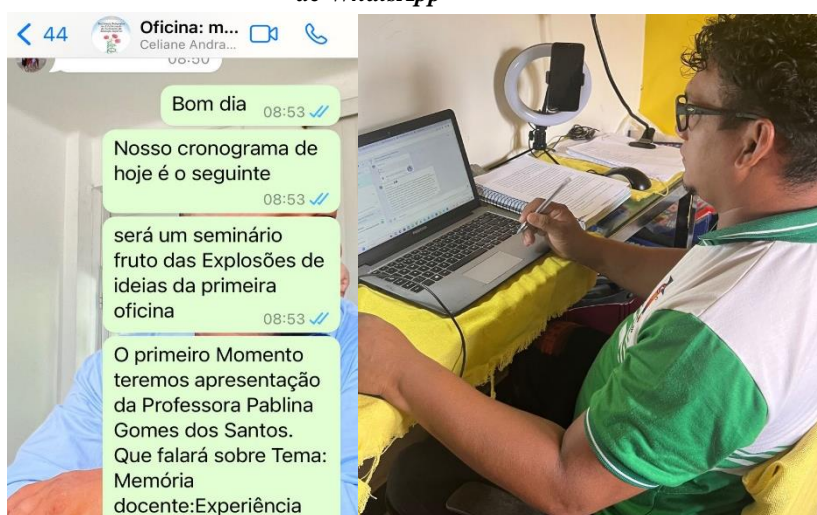
3.4.2 Segunda Etapa: Seminário

O seminário teve um direcionamento em duas questões norteadoras que eram explorar as memórias e experiências dos professores ribeirinhos como fonte de aprendizagem e autoformação e compreender o papel da autoformação na prática docente e seu impacto nas comunidades ribeirinhas.

Assim sendo seguimos com aplicação da segunda etapa da oficina, que ocorreu no dia 28 de julho de 2023 e teve uma duração de 4 h de aplicação, com início às 08:30 h. com a seguinte estrutura a saber:

Abertura: eu enquanto pesquisador contextualizei os temas do seminário que seria apresentado por dois professores ribeirinhos, destacando a importância das memórias e da autoformação na prática pedagógica na vida dos professores ribeirinhos, em dois momentos significativos. No primeiro momento a professora (P.G.S.) que participou também das tempestades de ideias, foi convidada para partilhar o tema “Memória de professores ribeirinhos: experiência e momento de resiliência na prática pedagógica” e no segundo momento o professor (P.S.S.) apresentou a seguinte temática “Autoformação na vida do professor ribeirinho”. Quero ressaltar que ambos os professores participaram da primeira etapa e os temas surgiram das explosões de ideias.

Figura 24: Aplicação da segunda etapa da Oficina via grupo de WhatsApp



Fonte: acervo pessoal 2023

Um outro momento foi o convite feito no dia 20 de julho via aplicativo digital *WhatsApp* para que esses professores pudessem apresentar as temáticas, e os mesmos se sentiram com toda a liberdade para trabalhar a temática em forma de seminário, este feito no grupo de *WhatsApp*. Alguns ajustes tiveram que ser feitos nesta etapa, tendo em vista a etapa anterior. Participaram 10 docentes neste seminário, onde foi dada a todos a oportunidade para que pudessem contribuir com as temáticas.

3.4.2.1 Recortes das apresentações do seminário

As Apresentações e compartilhamentos, frutos das Tempestade de Ideias selecionadas via *WhatsApp* na etapa anterior, os participantes puderam compartilhar suas reflexões, experiências e ideias relacionadas à memória, autoformação e prática docente ribeirinha. As Narrativas Inspiradoras dos professores ribeirinhos que foram convidados, nos proporcionou conhecer um pouco da especificidade de cada participantes dentro do contexto ribeirinho.

Um outro momento foi o painel de discussão, onde foi dado a oportunidade para os demais participantes que não estavam apresentando interagir, na medida do possível. Quero ressaltar que no plano apresentando no capítulo II, onde tínhamos os desejos de convidar alguns educadores e pesquisadores que tivessem experiência em educação ribeirinha e autoformação para nos ajudar a compor um painel de discussão, não foi possível devido o tempo, horário e especificidade do momento. A seguir alguns recortes das falas dos apresentadores e participantes do seminário destacados em tópico a) e b).

3.4.2.1 .1 Memória de professores ribeirinhos: experiencia e momento de resiliência

A professora convidada (**P.G.S.**) para explanar a temática, começou dando bom dia a todos, lembrou e enfatizou um pouco os momentos significativos do encontro da etapa anterior, e enfatizou que em sua fala aprofundaria um pouco mais sobre as memórias de professores ribeirinhos, levando em conta a questão da resiliência na prática pedagógica.

A seguir alguns recortes pertinentes desse seminário.

Figura 25: Apresentação do seminário tema 1 via grupo de WhatsApp



Fonte: Acervo docente (P.G.S) 2023

Começo a minha fala perguntando o que é resiliência? De acordo com os estudos a resiliência é a capacidade de superar dificuldades e desafios e transformar essa experiência em aprendizagem. E como posso ser resiliente enquanto professor

ribeirinho, na medida que as adversidades aparecem? Como que posso superar os problemas enfrentados Sempre falo que nós enquanto professor ribeirinho?

Nós enquanto professores, temos a capacidade de nos fortalecer diante das situações, aqui eu proponho 4 palavras chaves pra exemplificar o contexto: Flexibilizar-se, adaptar-se, reinventar-se e ressignificar-se como professor. Sabemos que nós professores não realizamos o trabalho de repassar conteúdos pra nossos alunos somente, o professor desempenha várias atividades profissionais na qual ultrapassa todos os limites do espaço escolar e sabemos que isso exige uma gama de energia física e mental de nós. sabemos que a cobrança de nós mesmos ela é muito grande e é uma sobrecarga muito grande a ponto de deixar qualquer final de semana ou momento de lazer pra fazer um plano de aula a todas as nossas metas estabelecidas, nós temos que cumprir querendo ou não, é aí que entra a palavra flexilização, como nós flexibilizar-se depois disso como separar a vida profissional do pessoal. Deixo para vocês refletirem um pouco.

Como é que eu vou saber dividir meu tempo ou separar a minha vida pessoal do profissional, se quando eu chego em casa eu tenho que elaborar avaliações eu tenho que elaborar planos de aulas trabalhos criativos para pôr em prática no outro dia para não tornar as aulas chatas e além de tudo eu tenho que fazer curso de aperfeiçoamento profissional. Aí que entra a palavra adaptação nós seres humanos nós sabemos que nós temos a capacidade de nos adaptar a essa situação que são corriqueiras né na vida de professor ribeirinho na vida de professor de sala de aula e quando falamos de professor ribeirinho e realidade é outra né aí quem entra a palavra reinventar-se é que surge o desafios a serem enfrentados com muita resiliência, como por exemplo a falta de livros didáticos, falta de data show, falta de internet, falta de material para fazer atividade diferenciadas e além de tudo o professor tem que lidar com algumas realidades do aluno ribeirinho que as vezes encontramos alunos que não sabem ler, pois ajudam seus pais a maior parte do tempo no trabalho na roça, e alguns não tem tempo para estudar e aí que surgem muitos problemas e o professor tem que ser psicólogo para ver a origem do problemas que parte dos alunos trazem para sala de aula o que interferem no seu aprendizado.

Nesse contexto deixo uma pergunta pertinentes em relação a que atividade buscar, que atividades nós podemos fazer que contextualize com a realidade do aluno Ribeirinho? É neste sentido que coloco a palavra ressignificação, nós enquanto professores nós temos que buscar essa ressignificação através de novas metodologias práticas que possam adaptar-se a essa nova realidade, mas como é que fica a saúde mental e física do professor depois de toda essa experiência, como é que ele é apoiado depois disso?

A essa pergunta eu coloco aqui algumas doenças e síndromes que são pouco faladas que é a síndrome de Burnout que significa o esgotamento profissional e emocional na qual traz alguns sintomas como a exaustão, estresse, esgotamento físico, fruto do resultado de situações de trabalhos desgastantes que demandam muita responsabilidade do professor. Quando um professor passa por isso será que recebe algum suporte? Será que ele tem um psicólogo, fisioterapeuta, uma terapeuta disponível? Como trabalhar esse conceito de resiliência na formação inicial? É muito importante lembrar que dentro das universidades, nós não temos, ou seja, não é trabalhado, e aí perante os desafios enfrentados nas universidades, acabamos nos tornando resilientes sem saber do que se trata.

Fecho essa minha fala neste seminário que a resiliência em minha vida enquanto professora me ajuda a ter uma atuação pedagógica melhor, eficaz e termino esta minha fala dando uma pequena definição de que é um professor ribeirinho resiliente, que para mim é um docente que foca suas energias nas oportunidades, que as situações educativas lhe oferece, clarificando valores definindo prioridades, e tangenciando sua vida pessoal ao trabalho, dando um novo sentido a pratica para o ensino profissional tecnológico nos tempos atuais.” (P.G.S, 2023)

Após a professora terminar sua explanação do tema duas docentes deram suas contribuições perante a temática.

Bom dia, sou professora ribeirinha desde quando me formei, peço licença para externar um pouco da minha vivencia. Ser professora ribeirinha [...], falar sobre ser professora ribeirinha é complexo, e quando se fala em educação ribeirinha o tema se torna ainda mais desafiador. E quando você é mulher, mãe e com um compromisso de transferir todo conhecimento adquirido posso dizer que o desafio se multiplica. As comunidades, em sua grande maioria, apresentam características próprias, como geografia diferenciada onde temos enchentes e vazante...Procuro ser uma professora que gosto de fazer com que a educação vá além do muro. Partindo desse pressuposto, temos que conhecer nossa clientela (alunos) para focar em adaptar-se aquele contexto e para assim buscar e construir um novo perfil todo voltado à aquela realidade. As problemáticas são repetitivas, a dificuldade em adquirir materiais didáticos é uma constante e quando se fala em materiais contextualizado o problema se torna mais agravante. Recebemos materiais voltada a uma realidade muito diferente das quais eles vivem. É preciso o professor se doar realmente para tentar sanar essa falta de suporte. Fica assim evidente os desafios enfrentados por estes profissionais e alunos, mais que se você é um profissional comprometido você supera esses desafios, ser resiliente hoje se faz necessário sempre (K.S.D, 2023).

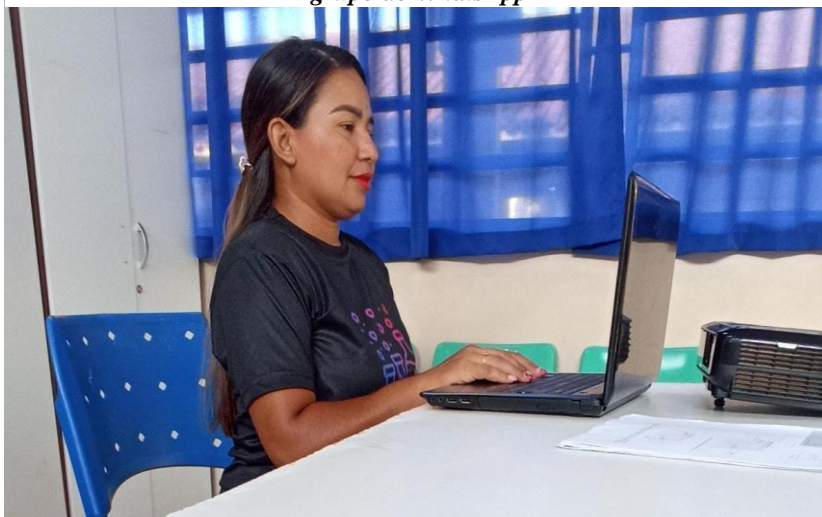
Figura 26: Contribuição da professora (K.S.D) no seminário tema 1 via grupo de WhatsApp



Fonte: acervo pessoal da docente (K.S.D.)2023

Uma das piores experiências enquanto professora ribeirinha que tive que ser resiliente, e por um outro lado falta de sensibilidade de meu superior foi quando tive meu bebê, fui substituída na época devido ter que sair de licença maternidade e ao retornar ele me comunicou que só poderia voltar para a escola de Freguesia do Andirá e infelizmente tive que dar prioridade a minha saúde, pois havia feito cesária e isso traria consequências graves para minha vida. Quem conhece a localidade sabe que quem vai para aquele local que mora da cidade para lá, tem que ir de voadeira, tem dias que o rio está calmíssimo, porém tem aquelas supressas do rio Andirá. Me senti forçada a desistir na época do Processo Seletivo simplificado da Seduc. Então, vida de professor ribeirinho tem seus desafios, abduco demais meu tempo para levar o conhecimento diferenciado, contextualizado. Porém, nesse momento decidi me poupar, mas me abalou psicologicamente (C.P.A, 2023).

Figura 27: Contribuição no seminário da professora (C.P.A) tema 1 via grupo de WhatsApp



Fonte: Acervo pessoal da docente (C.P.A.) 2023.

Ao superarmos as problemáticas, devemos sempre persistir, acreditar e lutar para nos capacitar e nos habilitar diariamente, para assim acompanhar as mudanças que a sociedade sofre dia após dia. Buscando sempre a capacidade de ser um professor resiliente. Mas, algo que vejo que causa grandes impacto e fortes consequências são nossas péssimas escolhas políticas, isso traz um reflexo que retrocede se não todos, mas a maioria de nossos planos ou objetivos. A falta de um olhar sensível é um agravante (K.S.D.2023).

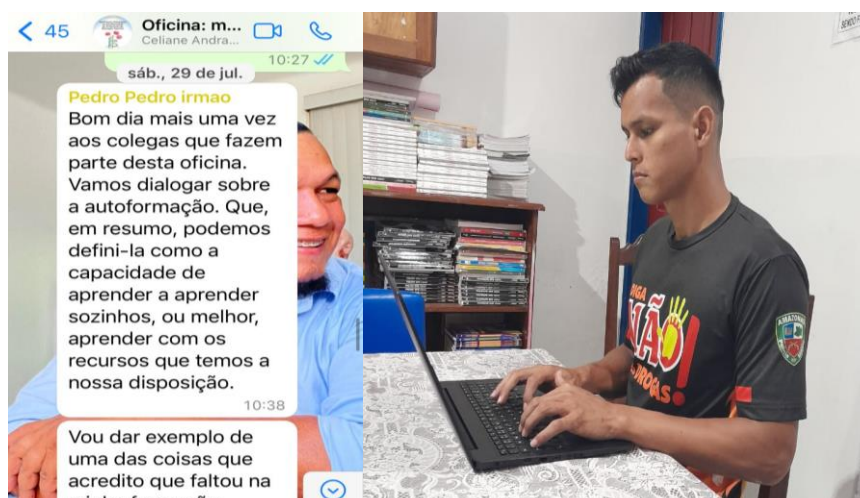
Em seguida, perguntei aos demais que estavam participando se queriam contribuir, porém eles preferiram ficar em silêncio. Após as minhas contribuições, enquanto um professor ribeirinho e um mestrando pesquisador, agradei a professora pela explanação no nosso seminário, e dirigir a palavra para o Professor ribeirinho (**P.S.S**), este que por sua vez que é egresso do PPGET-IFAM, Mestre no Ensino Tecnológico, para que ele pudesse seguir com a segunda temática do seminário, deixei ele livre para se sentir à vontade para compartilhar conosco o tema.

3.4.2.1.2 Autoformação na vida do professor ribeirinho

Bom dia mais uma vez aos colegas que fazem parte desta oficina. Vamos dialogar sobre a autoformação. Que, em resumo, podemos defini-la como a capacidade de aprender a aprender sozinhos, ou melhor, aprender com os recursos que temos a nossa disposição.

Vou dar exemplo de uma das coisas que acredito que faltou na minha formação acadêmica e quando fui para a prática, fiquei um pouco desorientado e tive que recorrer a autoformação. Estou falando da parte de preencher diários, avaliar trabalhos e atribuir notas. Diante do exposto gostaria de saber dos colegas como foi a formação acadêmica em relação a esse assunto. Tiveram a prática de como preencher um diário? (P.S.S, 2023).

Figura 28: Apresentação do seminário tema 2 via grupo de WhatsApp



Fonte: Acervo pessoal da docente (P.S.S.) 2023

Passei também pela mesma experiência quando estava cursando a faculdade. Atualmente vejo a faculdade, como algo mais preparatório para um concurso, muitas coisas relevantes sim. No período que eu estudei a maioria dos professores faziam mestrado em Cuba tornando mais complexa a trajetória e experiências por lá. Porém, em relação a sala de aula, a prática docente deixa a desejar neste quesito. Busquei realmente a autoformação, necessitando do suporte de colegas mais experientes, pois muitas vezes nem o setor pedagógico tinha tempo para nos auxiliares (C.P.A, 2023).

Isso também que fiz, professora. Tive que procurar por ajuda dos colegas mais experientes. Tive alguns colegas que passavam à lápis todo o conteúdo do diário e depois que a(o) pedagoga(o) corrigia, aí sim, cobriam de caneta, justamente para não rasurar (P.S.S, 2023).

Percebo que Formação inicial emerge por mudanças na formação do professor, pois esta no sentido profissional deixa algumas lacunas em branco, como por exemplo a questão da prática profissional pedagógica que é algo que vivemos no dia a dia, um desses problemas é a questão de planejamento e preenchimento de diários (K.S.D, 2023).

Realmente quando refletimos a prática atrelado a formação, percebemos que se não buscamos pela autoformação passaremos vergonha no cenário escolar[...] (P.G.S, 2023).

Outro ponto que tive que recorrer a autoformação foi a transposição didática. Logo no início da minha prática, percebia que os alunos não estavam entendendo o que eu estava explicando. E isso foi bem desafiador: como eu vou ensinar algo de maneira que meus alunos possam entender? essa foi uma problemática que enfrentei. E faço o mesmo questionamento a vocês. Como enfrentaram uma situação em que você percebeu que seus alunos não estavam assimilando o conteúdo e como fizeram para sanar isso? (P.S.S, 2023).

Quando fui pela primeira vez para sala de aula, antes a isso busquei me inspirar naqueles professores que fizeram a diferença positivamente na minha vida acadêmica (escola, faculdade e outros que eu observava). E um deles que dominava e tinha o dom da palavra, domínio posso citar meu professor de Matemática Rubem Barbosa, ele não precisava na maioria se não em todas levar um caderno ou livro e ele ia além, um exemplo quando eu tirava uma nota 8 ou abaixo de 10 ele ia até minha mãe procurando saber um pouco de minha realidade. Isso fazia eu ver que ele estava preocupado e via meios de poder me dar um suporte sólido. E após isso, ele tirava um tempo para me dar aula de reforço. Então, sempre foquei nesse tipo de profissional. Juntamente com minha força de vontade e um parceiro ímpar que Deus colocou em minha carreira que é o professor mestrando J. Pessoa, atualmente

os desafios são enormes principalmente após esse momento pandêmico, mas estamos sempre prontos a fazer essa ressignificação em nossa carreira. Tentando assim conquistar nossos alunos, tornando o aprendizado realmente significativo não só para vida estudantil, mas como cidadãos ativos em nossa sociedade (C.P.A, 2023).

A notório perceber quando o aluno se sente valorizado pelos seus professores. Ele(a) sempre procura manter aquele nível de dedicação. Como você realiza a autoformação, professora C.P.A.? Tendo em vista que consiste em aprender a aprender sozinhos e com o material humano ou digital que temos ao nosso dispor (P.S.S, 2023).

Eu observo, leio bastante conteúdo na internet voltada a minha e a disciplina a fins, busco muitas coisas de outra realidade, mas que podem ser adaptadas a nossa realidade. Tenho muitas trocas com os alunos, tento conhecê-los o máximo possível, conhecer a realidade do meu público, isso leva tempo, disponibilidade, abdicção. Corrigindo meu erro e até mesmo freando meu ego, por mais entristecedora que seja minha realidade atual em minha escola, mas busco força no olhar, na proatividade e até mesmo na esperança daquele caboclo, ribeirinho, indígenas ou quilombola que abdica da vivência familiar, pois muitos moram na casa dos outros para poder buscar uma melhoria através da educação (C.P.A, 2023).

Ao deparar-se com alunos indígenas, o que os caros nobres professores percebem em relação a aprendizagem deles com a matéria que leciona? (P.S.S, 2023).

Bom, já pude trabalhar tanto a matemática quanto a minha área que é química e ter a oportunidade de me conectar com eles através dos saberes dos mesmos. Tendo em vista essa riqueza desconhecida por eles. Percebi que quando utilizamos apenas conteúdo embasados em livros escritos por alguém que não conhece aquela realidade em que eles vivem, e voltados a uma realidade que eles desconhecem a disciplina, o conteúdo si torna algo perturbador. Mas ao momento que temos esse olhar sensível e levamos o conteúdo para a sua realidade percebi que eles conseguem superar o medo, aprender, interagir de forma significativa. E quando ocorre aula de campo, ligada as temáticas Abordadas, o ensino só torna transformador, pois valoriza a riqueza que eles trazem, a famosa bagagem, o conhecimento âncora... não é fácil, mas também não é impossível. Temos que ter o cuidado como tornar o conteúdo acessível, e ter uma maior sensibilidade para não vulgarizar o conhecimento (C.P.A, 2023).

Sem contar também que eles têm dificuldade com o entendimento da língua portuguesa. Por exemplo, na escola que leciono atualmente, uma das grandes dificuldades que tenho é em relação a isso. Outro ponto é a questão de interatividade. Há alunos indígenas que são muito retraídos. Para lidar com essas situações procuro contextualizar o conteúdo da minha disciplina (História) com Toadas de Boi-Bumbá, além disso, percebi que eles mesmo produzindo os trabalhos, ao invés de provas, conseguem ter uma interação muito maior com os outros colegas (P.S.S, 2023).

Sim, aqui a realidade não é diferente. A maioria das vezes tenho que trabalha aceitação dele como INDÍGENAS, como eles são importantes para poder ter acesso a eles...Algo q realmente tem q ser trabalho na escola (P.G.S, 2023).

Um outro ponto que eu analiso é que, o livro didático como recurso de autoformação é muito limitado, na verdade ele serve de base. Mas para termos um aprendizado significativo, vejo que sites na internet, grupos de professores nas redes sociais, relatos de experiências, e artigos científicos nos dão um suporte maior. Se os demais colegas quiserem contribuir para este tema, o espaço fica aberto. No mais, encerro minha participação nesta etapa da nossa oficina (P.S.S, 2023).

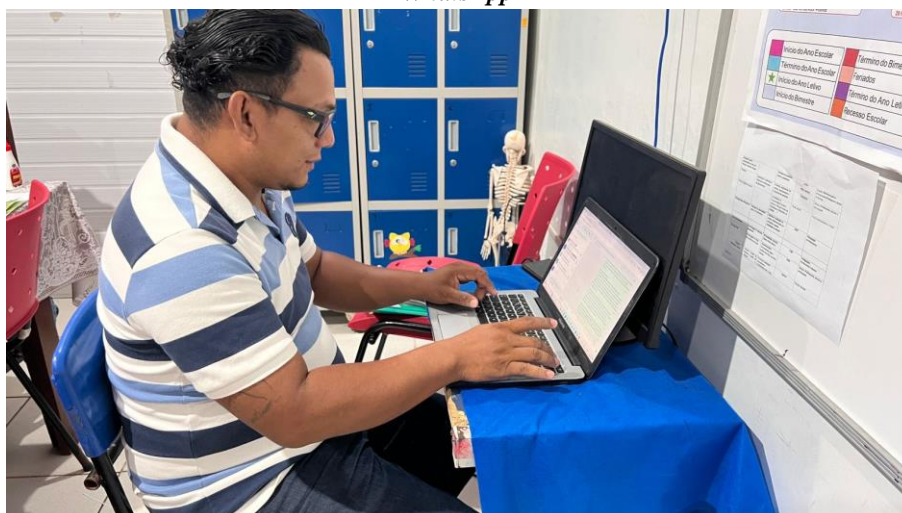
Em suma, ao longo da apresentação do professor ribeirinho (P.S.S.), foram dadas a oportunidade de os colegas que estavam participando interagir, após a fala final do professor, comentei a respeito da temática e agradei a todos os participantes que se dispuseram a participar do seminário que é o segundo momento da oficina de memórias pedagógicas de professores ribeirinhos, e já aproveitei para convidá-los para a terceira etapa conforme o cronograma apresentado a eles.

3.4.3 Terceira Etapa: Roda de Conversa

No dia 10 de agosto de 2023 às 14:00 foi aplicada a terceira etapa da oficina, aqui denominada roda de conversa com a propositura de socializarmos as narrativas elaboradas, a partir do roteiro norteador com as questões-problema, tendo todos os cuidados de verificarmos os aspectos divergentes e similares entre as narrativas, tendo uma sequência da etapa anterior que foi o Seminário.

Para este momento procurei alinhar com todos os participantes o dia e o horário, ainda que a oficina foi de modo virtual, para todos foi encaminhado o convite para participarem deste momento dando as suas contribuições significativas para esta Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos.

Figura 29: Apresentação 3ª etapa “Roda de Conversa” da oficina via grupo de WhatsApp



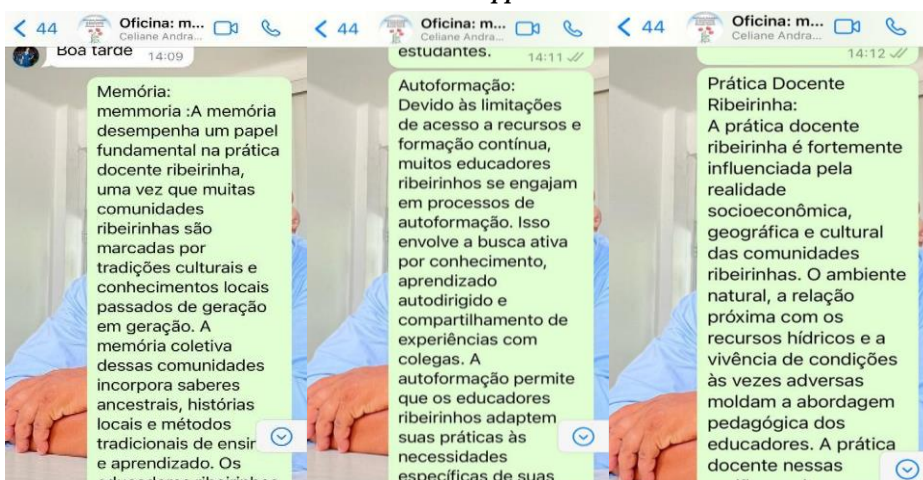
Fonte: Acervo pessoal 2023

Para este momento seguindo o roteiro que foi planejado com o objetivo de nos ajudar a direcionar este momento, iniciamos a roda de conversa que também foi feita de forma online via *WhatsApp*.

3.4.3.1 Recortes das narrativas da roda de conversa

Para este momento inicie dando as boas-vindas aos participantes, fiz uma breve apresentação dos temas a serem trabalhados ao longo da roda de conversa “memória de professores ribeirinhos”, “autoformação de professores ribeirinhos” e “prática pedagógicas de professores ribeirinhos”, tendo sempre o cuidado de seguir uma sequência contínua da etapa anterior dos temas trabalhados no seminário.

Figura 30: Apresentação 3ª etapa da oficina “Roda de Conversa” via grupo de WhatsApp



Fonte: acervo pessoal 2023

Baseado na contextualização sobre os três temas apresentado por mim ministrando/pesquisador do PPGET, com a finalidade de obter as narrativas dos participantes, direcionei a roda de conversa em subtemas e para cada subtema questões instigadoras abertas para que cada participante pudesse participar livremente. A seguir os recortes advindos dessa roda de conversa.

3.4.3.1.1 Memórias de Professores Ribeirinhos

- ❖ Quais são as memórias mais marcantes das suas trajetórias como professores ribeirinhos?

O que me marcou muito foi a grande disparidade entre a formação e o local de trabalho. Na formação inicial era nos oferecido uma gama de materiais, principalmente, tecnológicos para trabalhar. Mas senti muita dificuldade na prática. A realidade da escola era muito distante da oferecida na academia. A autoformação serviu de suporte para mim dentro daquele contexto (P.S.S, 2023).

A memória tem seus lugares. Então, quando temos passamos pela experiência de lecionar em comunidades ribeirinhas nos encontramos com a cultura do outro, vivenciamos experiências novas, assimilamos o diferente, em contrapartida com que já carregamos em nossa bagagem (P.G.S, 2023).

Uma das experiências mais marcantes foi o momento que a pandemia nos forçou a montarmos um novo perfil para nos adequarmos a aquele momento, a uma nova e complexa realidade. Nos pressionando a compreender e nos adequarmos a esse mundo tecnológico sem estrutura adequada, onde tivemos que ter a sensibilidade de olharmos para cada aluno através dos pensamentos e imaginar como ele aprenderia melhor determinado conteúdo sem forçar-los para que estes tivessem conhecimentos significativos. Foi um momento de resiliência realmente (C.P.A, 2023).

Uma das memórias marcantes em minha vida, foi quando cheguei na comunidade ribeirinha conhecida como Lago Preto, pertencente a região do Paraná do Ramos do Município de Barreirinha, para lecionar , começara ali a minha caminhada como docente, detalhe sou formada em língua portuguesa, porém trabalhei com matérias diversificadas, e isso marcou muito pois, tive que entrar numa realidade totalmente diferente do que imaginava quando estava na formação inicial, foi um choque total quando me deparei com escola sem estrutura, alunos chegando na ensino fundamental totalmente sem serem alfabetizados ,confesso que com todo esse vendaval, cheguei a pensar em desistir , porém por ter uma filha para criar e lembrando o que passei na formação inicial, era hora de enfrentar a realidade e me adaptar, nascia ali uma professora resiliente e uma ser autoformativa (K.S.D, 2023).

- ❖ Como essas memórias influenciaram sua prática docente? ou quais lições você aprendeu com essas experiências?

E cada lugar tem suas especificidades. Na escola onde trabalhei, eles tinham um cuidado muito grande com o meu ambiente. Por ser uma comunidade que fica próximo da área indígena, havia muita influência das tradições culturais e orais indígenas. As memórias continuam sendo um ponto chave dentro da minha didática hoje em dia. Lembro de uma professora lá na comunidade, ela sempre dizia que os alunos são a parte fundamental para nossa profissão. Eles não são meros agentes passivos da aprendizagem. Quando realmente percebi isso, foi que procurei estudar mais sobre técnicas e pedagogias em que instigassem os alunos a serem mais ativos dentro da disciplina em que leciono (P.S.S, 2023).

Essas memórias quando lembro, me faz eu perceber o quanto fui e sou resiliente, o quanto o pequeno fato de querer desistir lá no início de tudo com o medo do que poderia vim pela frente, e hoje quando lembro e vejo onde estou, o quanto aprendi com o tempo, o quanto procuro ressignificar minha prática, buscando sempre por novas formações que me ajude a ser uma professora comprometida com que eu faço e com o ensino aprendizagem dos meus alunos (K.S.D, 2023).

A experiência que tive no São Paulo do Açú em relação a Cultura, a saberes foi bastante rico. Hoje, São Paulo do Açú é um Distrito, desde 2018, dessa forma ganha algumas autonomias. Mas lembro-me da força coletiva da comunidade em guardar suas tradições e costumes, como a prática de fazer painéis de barro, conhecimento que foi passado de geração para geração. Inclusive em frente à escola eles construíram um pequeno monumento simbólico que exalta essa prática. Além da tradição da festa religiosa. Esses costumes, tradições, a própria identidade afirmada como "Quilombola", foi muito importante nas minhas aulas, pois fizemos atividades que buscavam a valorização e o conhecimento histórico sobre esse

contexto. Buscamos a própria história da comunidade na época, nós dias de marcha, no dia 7 de setembro batemos o tambor, com cartazes que levavam dizeres sobre Zumbi dos Palmares, sobre o orgulho de ser "negro", de ser quilombola. Marchamos em favor da resistência (P.G.S, 2023).

Foi impactante, mas tendo uma visão holística percebe-se que somos seres que devemos está em constante busca pelo aprendizado e que talvez, ou jamais seremos detentores de todo o conhecimento e isso contribuiu fortemente para eu fazer uma análise que tenho que está sempre em busca da atualização profissional e ter um olhar diferenciado, buscando dar sempre o meu melhor para que independente do momento consigamos alcançar nossos objetivos que é repassar o ensino e aprendizagem significativa independentemente do local ou estrutura que tivermos [...] (C.P.A, 2023).

É interessante falar um pouco sobre a adaptação, pois foi um desafio maravilhoso, nem eu mesma sabia que as redes familiares eram tão entrelaçadas no Andará. Muitos alunos saíam de pequeno núcleo próximos todos os dias e chegavam até a escola cheios de histórias, de experiências que enriqueciam as aulas. Quando busco as lembranças na minha memória, tenho a certeza as experiências que tive, me trouxeram mais conhecimento do que eu imaginava, pois hoje estar de volta a um lugar desses, só vejo possibilidades de crescimento pessoal e profissional (P.G.S, 2023).

3.4.3.1.2 Autoformação e prática docente

➤ Como a busca pela autoformação tem contribuído para o seu desenvolvimento profissional?" ou "Quais estratégias você utiliza para se autoformar?"

A autoformação é importantíssima devido à falta de acesso a recursos tecnológicos nos espaços educandários, a falta de conhecimentos básicos que nossos alunos chegam em nossas salas de aulas, muitos sem saber ler, reflexo ainda da pandemia Covid19. Com isso buscamos além de pesquisas pela internet, também aproveitarmos e explorarmos os colegas mais experientes ou com um olhar diferenciado, com compromisso em relação a educação, para buscarmos sempre alternativas que possa nos ajudar a melhorar no pratica enquanto professores ribeirinhos (K.S.D, 2023).

Quando ainda realizava aula virtuais, devido a pandemia, foi necessário compreender e buscar novas formas de ensinar, pois tudo se tronou novo, vejamos que os nossos alunos tiveram que se isolar e muitos foram para terrenos, sítios de seus pais ou parentes tivemos que realmente contextualizar as aulas de forma mais intensas, utilizando como ferramentas ou material de apoio o que eles tinham ao seu redor. exemplos bem proveitosos foram as aulas de química como o conteúdo mistura. Onde os mesmos utilizavam materiais doméstica, alimentos, água e barro terra. Foram bem direcionados e estes puderam contextualizar o ensino da química de acordo com seu cotidiano, mas para se chegar a isso é necessário temos a convicção que a busca pela autoformação deve superar quaisquer barreiras de dificuldades, pois no espaço educandário tudo está em mudança (C.P.A, 2023).

Queria muito ter trabalhado com projetos, mas no ano que trabalhei no interior, infelizmente foi na pandemia da covid 19, então ficamos trabalhando com apostilas que distribuimos aos alunos. E como os colegas relataram, foi necessário buscar autoformação no diálogo com os colegas, nos meios de comunicações, internet, tudo que estava e está em nosso redor podemos aproveitar para adquirir conhecimento que nos ajudaram e nos ajudam até hoje na prática docente. O lado bom é que na escola tem professores que estão dispostos a ajudar o outro. Mas, infelizmente, existe o oposto. Aqueles são individuais e não gostam de trabalhar com projetos (P.S.S, 2023).

Busco leituras diversas, em sites, no Facebook, livros, troco experiências com professores de vários lugares do Brasil pelos grupos do Facebook. Também aprendo muito no dia a dia com meus alunos, leio bastante livros. Sempre estou em sintonia com meus colegas de trabalho de outras áreas para tornar minhas aulas alinhadas a outros conteúdos de outras disciplinas. A interdisciplinaridade é uma das minhas estratégias, sempre busco tornar o ambiente aconchegante, onde eles se sintam orgulhosos de estar ali, seus trabalhos eu coloco na parede para que eles possam olhar e pensar “esse trabalho fui eu que fiz. Como sou da disciplina de História, busco formar cidadãos com autonomia, que gostem de falar de política, que gostem de conhecer a história que formou nosso Brasil e do próprio lugar onde vivem (P.G.S, 2023).

Outro momento bem marcante em relação a autoformação é que buscamos nós amparar um ao outro colega já que a estrutura do Estado não consegue nos subsidiar nem no básico. Então formamos um trio de professores com projeto de acesso ao mundo científico, com objetivo de fazer os alunos vivenciar, experiências novas ambientes de conhecimento e fazer com que estes percebam a importância do conhecimento e que eles podem transformar a sua vida e de outras pessoas através do conhecimento e valorizar ainda mais nossas riquezas tanto culturais, assim como outros (C.P.A.2023).

3.4.3.1.3 Reflexão coletiva

Neste momento uma reflexão coletiva sobre os temas discutidos foi um momento indispensável para esta etapa neste momento em suas narrativas, foi destacado os momentos de resiliência de cada, que é de suma importância para a reflexão. Tais perguntas provocativas foram feitas aos participantes para ajudar no processo de reflexão coletiva.

- ❖ Quais são os desafios que você enfrenta na busca pela autoformação?" ou "Como a memória e a autoformação podem contribuir para fortalecer a educação ribeirinha?

Vejo que há muito essa necessidade de o professor se manter atualizado sobre as perspectivas de ensino e aprendizagem. O mundo globalizado exige isso da gente. Gostaria muito que houvesse mais materiais em que nos orientasse a trabalhar com os alunos indígenas. Apesar de sempre trabalhar com todas, cultura local, história local, sinto dificuldade em lidar com esses alunos. Creio que o mais difícil seja é ter que lidar com a timidez deles. E necessitamos sermos resilientes perante essas adversidades, sem contar também que somos mal remunerados, numa profissão que exige de nós dedicação e tempo, e busca contante por autoformação. Antes de ser professor eu até falava mal dos professores quando faziam greves ou cobravam por salários maiores. Hoje em dia vejo o quanto a desvalorização da nossa profissão é tão gritante (P.S.S, 2023).

O maior desafio encontrado é ver colegas que tem uma experiência absurda, por estarem desmotivados, desacreditados ou se sentirem desvalorizados não quererem mais aderir ou fazer parte de uma equipe que está a todo vapor em busca de transformar positivamente a vida de alguém. Isso é muito complexo, pois temos que ter cautela na hora de apontar o dedo para quem está sem essa energia da busca pelo mundo melhor. Atualmente o cenário educacional e político contribui fortemente para isso. Tenho muita vontade de ter uma maior conexão com outros colegas ribeirinhos, ter uma parceria maior onde podemos utilizar a interdisciplinaridade e contextualização dos conteúdos para que possamos somar ainda mais com a educação..., porém a falta de apoio logístico muitas vezes faz com que estes sonhos adormeçam (C.P.A, 2023).

Os desafios são muitos, mas o que me incomoda é a falta de recursos, até mesmo na área urbana temos a dificuldade de materiais para elaborar atividades diferenciadas. Eu já cheguei a ponto de tirar isopor do lixo para compor uma aula diferente. Falta apoio, dar uma boa aula não é só falar, mas buscar formas diferentes de aplicar uma metodologia. E para isso nos tornamos resiliente numa tarefa que não é fácil, nem todos estamos preparados, muitas vezes romantizamos aquela velha história "o bom professor tira do seu próprio bolso para dar uma boa aula". Mas porquê? Se já temos uma remuneração tão baixa. Nós professores nascemos com esse espírito de preocupação com a sociedade em que vivemos. É por isso que mais uma vez evidência aqui como historiadora que sou, sobre a importância de formamos cidadãos políticos, que saibam de seus direitos, que conheçam as leis da constituição, que não se calem diante das injustiças (P.G.S, 2023).

Essa é uma realidade que enfrentamos na contemporaneidade nobres colegas professores. Muito se fala em recursos oriundos do tesouro nacional, mas infelizmente não chegam nas escolas, e como reflexos a isso, para se elaborar uma aula ou atividade diferente com os alunos, temos que tirar do próprio bolso, e aí temos que ser bastante resiliente para não desistir dessa profissão tão linda que a humanidade não valoriza (K.S.D, 2023).

Exatamente, enquanto isso, temos que nos virar para darmos o nosso melhor e ainda assim, não somos valorizados, já somos mal remunerados, e com tudo isso, temos grande perdas, pois apesar de prometermos que não faremos atividade diferenciadas, acabamos fazendo e tirando dos nossos próprios recursos. Hoje a nossa profissão é desvalorizada de várias formas, tanto na remuneração, quanto por parte dos próprios alunos. Quando perguntamos: Que profissão vocês querem exercer? Eles respondem:- Eu não quero ser professor, ganha muito pouco e trabalha muito, ou seja, vemos aí um cenário totalmente desfavorável a nossa profissão, e só sendo mesmo resiliente para continuarmos essa jornada árdua como muitos já falaram (J.J.X, 2023).

Em suma, com esses recortes das narrativas da roda de conversa se encerrou a terceira etapa, as discursões foram de muita significância para os temas que estamos abordando ao longo desta Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos. Na culminância da terceira etapa, fiz meus sinceros agradecimentos a todos os participantes, pela participação e aproveitei o ensejo para convida-los para quarta etapa da nossa oficina denominada como “Reunião de Produção Textual”.

3.4.4 Quarta Etapa: Reunião de Produção Textual

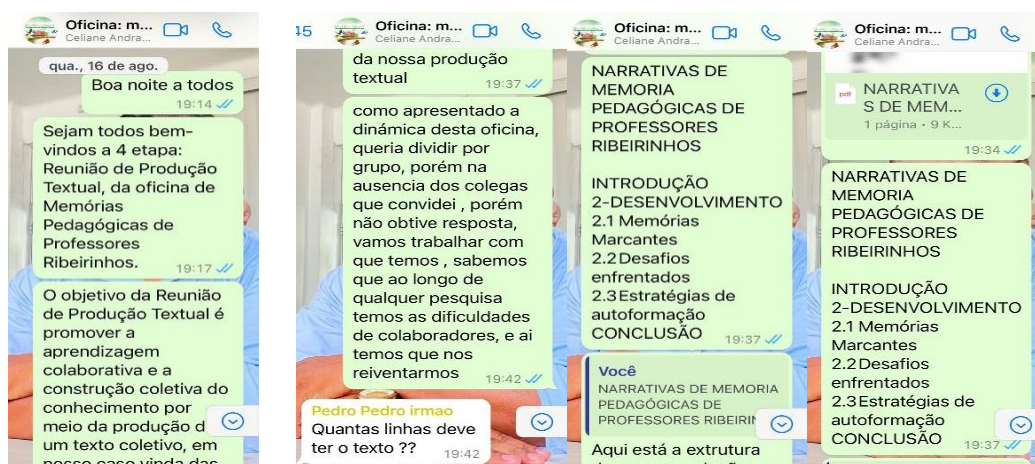
A quarta etapa da “Oficina Pedagógica de Memórias de Professores Ribeirinhos” aqui denomina “Reunião de Produção Textual” aconteceu via grupo **WhatsApp** no dia 16 de agosto de 2023 às 19 horas, e seguiu o quarto objetivo procedimental que era “Construir uma narrativa coletiva, em uma reunião de produção textual, enfatizando os aspectos divergentes e similares encontrados nas narrativas dos participantes”. Esta etapa contou com todo um planejamento para que os participantes pudessem participar e construir juntos essa produção textual dando uma sequência significativa nas etapas 1,2 e 3. Para isso no dia 10 de agosto foi

enviado os convites formais para os participantes para estarem cientes do dia e do horário da aplicação da quarta etapa desta oficina.

Assim sendo, às 19 horas do dia 16 de agosto de 2023 aconteceu a quarta etapa da oficina, que contou com a participação de 5 professores, ambos participaram de todas etapas até aqui e fizeram acontecer esta oficina, faço uma pequena observação que os convites foram feitos para dez professores ribeirinhos, no entanto somente cinco participaram. O objetivo da Reunião de Produção Textual era promover a aprendizagem colaborativa e a construção coletiva do conhecimento por meio da produção de um texto coletivo, em nosso caso vinda das narrativas dos docentes ribeirinhos. Procuramos para este momento com afinco seguir o roteiro proposto no plano descrito no capítulo 2 desta dissertação.

Assim sendo, eu enquanto mestrando pesquisador e facilitador desta reunião fiz a introdução, dando as boas-vindas a todos os professores presentes, e em seguida fiz uma recapitulação do objetivo da reunião, enfatizando a produção do texto coletivo a qual neste pudesse conter reflexões das memórias do professores ribeirinhos e sua relação com a autoformação, aproveitei também o momento para explicar que o texto seria construído de forma colaborativa e que todos teriam a oportunidade de contribuir.

Figura 31: Prints do Grupo de WhatsApp onde aconteceu a oficina



Fonte: Acervo pessoal 2023

Na apresentação compartilhei a estrutura do texto em *world* que continha a introdução, desenvolvimento com parágrafos temáticos e uma conclusão.

Para este momento foi explicado que cada parágrafo temático abordaria um aspecto relevante discutido nas memórias e experiências compartilhadas na roda de conversa na etapa anterior, para este momento compartilhei as narrativas da etapa anterior para que todos os participantes pudessem ter acesso e tangenciar a escrita atual com a escrita passada. Após a

explicação direcionei para os participantes para liderarem a escrita de cada parágrafo temático. Tínhamos como intenção criamos grupos para dividi a tarefa de escrita em grupos menores, porém como tínhamos apenas cinco participantes deixamos cada um para darem suas contribuições significativas na produção textual e para este momento todos tiveram acesso às anotações da roda de conversa para utilizar como base.

A escrita do texto foi compartilhada via grupo *WhatsApp* na medida que cada um dia compartilhando suas escritas, pois não foi possível o compartilhado online, como um arquivo do Google Docs, pois boa parte não tinha o domínio dessa ferramenta, e um outro fator foi o sinal de internet, para esse tipo de plataforma se faz necessário um sinal estável de internet. Assim sendo cada participantes escreveram seus trechos correspondentes a cada parágrafo temático, mantendo a coerência e a conexão entre as partes, e no final juntos fizemos a revisão e a edição colaborativa do texto, permitindo que os participantes fizessem as sugestões e contribuições para melhorar a clareza e a coesão.

A culminância da produção textual teve como produto um texto, após os ajustes finais a versão final do texto foi compartilhada via *WhatsApp* com todo os participantes, buscando estimular os participantes a refletirem e compartilhem o texto em suas redes de contatos e a utilizá-lo como recurso para promover discussões sobre as memórias e a autoformação dos professores ribeirinhos num processo futuro. Nas considerações finais agradei a todos e convidei para participarem da quinta e última etapa final que seria uma live de fechamento desta oficina.

Em suma, a técnica de Reunião de Produção Textual foi uma abordagem colaborativa que valorizou a participação ativa de todos os membros do grupo na produção de um texto coletivo. Através do diálogo e da interação social, essa técnica promoveu a reflexão crítica, a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento.

Caros leitores, a seguir apresento o texto fruto da quarta etapa desta oficina, e convidamos você leitor a mergulhar e refletir de forma precisa as memórias dos professores ribeirinhos e a importância da autoformação.

3.4.4.1 Texto coletivo

NARRATIVAS DE MEMÓRIA PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS

INTRODUÇÃO

O homem Amazônico na contemporaneidade vive num habitar-se recheado de mudanças, de acontecimentos que tangenciam direto na vida dele. O pensar nas práticas pedagógicas de Professores Ribeirinhos nos remete a irmos ao encontro das oralidades narrativas, o contar-se de si para nos ajudar a refletir o processo de ensino no contexto ribeirinho. Para isso foi necessário viajarmos no universo interior e compartilhamos momentos significativos que pudessem refletir a formação docente no contexto do ensino tecnológico destacando a autoformação ao longo da prática pedagógica.

Este texto apresentado é fruto da produção textual da quarta etapa da “Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos”, aplicado pelo mestrando Jony Alason da Silva Pessoa. Seguindo um direcionamento proposto, este texto foi produzido por cinco professores ribeirinhos e mais o mestrando, no primeiro momento falamos nas memórias marcantes ao longo da prática pedagógicas, destacando a resiliência, no segundo momento falamos dos desafios da docência e no terceiro da autoformação no contexto ribeirinho, procuramos com afincos levar em considerações os discursos nas etapas anteriores desta oficina.

2.1 Memórias Marcantes: Prática Pedagógica

Falar em memória marcante, é mergulhar no passado vivido, que nos levam a reconhecer forte momentos marcantes, que hoje podemos reconhecer como resiliência enquanto professores ribeirinhos, ao longo da prática docente. As memórias marcantes de professores ribeirinhos são um reflexo da rica e única experiência de educar em contextos diversificado, caracterizados por desafios geográficos, culturais e sociais. Neste contexto os Professores nas comunidades ribeirinhas têm a oportunidade de testemunhar e participar de festivais, rituais tradicionais e outras expressões culturais, que enriquecem suas compreensões da identidade das comunidades em que atuam, e isso acabara gerando um aprendizado na vida e que vai enriquecer a autoformação, pois todas as vivências geram conhecimentos e aprendizados, e tudo ficam marcados nas histórias de cada um.

Neste sentido a professora (C.P.A, 2023) ribeirinha participante desta oficina narra um momento marcante, “ os primeiros momentos na escola ribeirinha foram marcados por um quebra de paradigma, foi necessário me reinventar perante as adversidades, conhecer as festas , os costumes a cultura se fez necessário para poder eu conseguir contextualizar o ensino”, neste cenário na busca pelo ressignificar a autoformação se torna necessário, pois partes dos professores chegam desorientados para o cenário que encontram nas escolas ribeirinhas. Para isso é importante perceber o uso da metodologia ativa constante, como uma

das soluções da autoformação de professores ribeirinhos, o que acabara trazendo novas práticas inovadoras, práticas inclusivas e contextualizada para o ensino, que nos levam a refletir sempre as nossas vivências em sala de aula, onde na contemporaneidade ainda temos muito que sermos fortes e criativos, pois a prática docente requer ressignificação do conhecimento sempre.

A professora ribeirinha (K.S.D, 2023) relata que:

Quando fui convidada por um de nossos colegas a desenvolver um projeto voltado para a prática de campo no contexto ribeirinho, onde levamos os alunos a campo, projeto este que tenho muita familiarização devido ter experienciado aquela realidade e ao longo da busca pelo conhecimento já havia feito bastante pesquisas via Google e ter o domínio da temática. O projeto foi muito relevante, enriquecedor, pois passamos a conhecer mais de perto a cultura e a realidade dos nossos alunos, após o projeto ser desenvolvido com bastante êxito o mesmo invisibilizou a minha presença naquele trabalho, não só a minha como dos alunos e outros colegas que ali participaram e contribuíram para o projeto obter sucesso.

Essas memórias não apenas moldam a forma como os educadores abordam a prática docente, mas também capturam os momentos significativos que ocorrem quando se trabalha em comunidades ribeirinhas e que nos remete perceber cada vez mais que somos seres resilientes em meio as adversidades enfrentadas. Para a docente (P.G.S, 2023), compartilha alguns episódios dos momentos marcantes em sua vida.

“Ao discorrer sobre memórias marcantes em minhas experiências como professora ribeirinha, me vem nas lembranças as minhas idas e vindas pelo rio Andirá, os temporais que enfrentei e as ondas que quase levaram a canoas para o fundo do rio. Mas nada como relembrar as oportunidades que tive de conhecer pessoas diferentes, vivenciar experiências novas que me levaram ao crescimento pessoal e profissional. Busquei bastante resiliência durante e pós experiência, algumas foram boas, outras nem tanto, sei que desafios foram superados através da adaptação, buscando novas formas de ministrar uma aula que contextualizasse com aquele ambiente. A melhor metodologia acredito que foi exatamente fazer com que o aluno enxergasse as possibilidades ao seu redor sem precisar necessariamente de um celular, ou de computador, mas através da própria experiência vivenciada, do ambiente em que estava inserido, pudesse na prática tirar conhecimento. Tive bastante apoio dos pais, da comunidade que estiveram comigo nessa experiência, agradeço ao imenso carinho e ajuda que tive no Distrito do São Paulo do Açu, me esforcei para fazer parte daquele lugar sempre participando das reuniões, dos eventos sociais, das limpezas das ruas, contribuindo sempre.

Os Professores muitas vezes se lembram das conexões estreitas que estabeleceram com alunos, pais e outros membros da comunidade. Esses laços profundos contribuem para uma compreensão mais abrangente das necessidades educacionais e permitem que os educadores se envolvam de maneira mais eficaz no processo de aprendizagem na atualidade. Quando se fala em momentos marcantes temos que lembrar que no contexto ribeirinho a geografia única das áreas ribeirinhas apresenta desafios logísticos diversificados

dependendo de cada comunidade, como dificuldades de acesso, transporte limitado e infraestrutura precária e isso acaba se tornando um momento marcantes em nossas memórias que nos fazem lembra das superações desses obstáculos para chegar às escolas e proporcionar educação de qualidade. Esses momentos ilustram o compromisso e a dedicação de nós enquanto professores ribeirinhos em enfrentar adversidades em prol dos alunos ribeirinhos.

Ao discorrermos desta temática, lembramos também que nós enquanto Professores ribeirinhos muitas vezes temos que nos adaptar em usar recursos locais de maneira criativa para enriquecer o processo de ensino, incluindo e incorporando os elementos da cultura local, tirar proveito das características naturais do ambiente e desenvolver estratégias de ensino que estejam alinhadas com as experiências de vida dos nossos alunos. São Memórias gratificantes que associadas aos sucessos dos alunos, desde o progresso estudantil, o desenvolvimento de habilidades e a superação de desafios individuais, são momentos significativos que nós enquanto professores ribeirinhos valorizamos e celebramos.

Entretanto as memórias marcantes de nós professores ribeirinhos são um testemunho da resiliência, criatividade e dedicação que caracterizam nossa prática docente ribeirinhas. Essas memórias não apenas enriquecem a nossa jornada profissional como educadores, mas também ajudam a cada um de nós a construir um ensino mais relevante e significativa para as comunidades ribeirinhas na contemporaneidade, dando fortes contribuições para o um ensino tecnológico.

2.2 Desafios enfrentados na pratica docente

Muito se tem avançado na educação ribeirinha ao longo dos anos, no entanto, ainda existem carências no que tange a formação de professores voltados para o ensino tecnológicos específica para o professor ribeirinho. A maior parte dos professores não recebem uma formação específica no decorrer da sua faculdade, e os que recebem tem dificuldades de usar seus conhecimentos pela falta de recursos disponíveis na escola.

Além da falta de formação, existe pouca disponibilidade de recursos tecnológicos para auxiliar o professor em seu trabalho. A falta de mínimos recursos como a internet e cobertura telefônica nas comunidades ribeirinhas que são escassas e os mais preocupantes como a falta de livros, computadores, data show, biblioteca, laboratórios de informática ou de ciências nas escolas ribeirinhas. Muitas das escolas ribeirinhas não têm sinal de

telefone/celular e internet, das poucas escolas que tem internet, o acesso é muito lento, o que faz a gente refletir sobre a democratização do acesso à informação a todos. Todas essas faltas de recursos fazem com que o professor opte em sua maioria por uma prática docente atreladas geralmente somente na teoria ou até mesmo uma pedagogia bancária, tornando suas aulas monótonas e pouco chamativa para os alunos.

A falta de formação e disponibilidade de recursos afeta de forma negativa o ensino aprendizagem dos alunos ribeirinhos. Dos quais, muitos apresentam dificuldades de absorção de conhecimento, influenciando por diversos fatores como, por exemplo, a falta de tempo para estudar além do ambiente escolar, pois em casa geralmente os mesmos costumam ajudar seus pais nas tarefas domésticas ou ainda nas atividades de roça e pesca. Um outro fator marcante é que muitos costumam se deslocar de uma comunidade para outra para estudar, os caminhos são os rios muitas das vezes agitados e perigosos e reflexo disso ao longo do ano os alunos apresentam um número expressivo de faltas e uma grande evasão escolar decorrente de diversos fatores como: falta de combustível, problemas no transporte, causas naturais e entre outros.

Tudo isso torna ainda mais desafiador o trabalho em sala de aula do professor ribeirinho. Por tanto, todos esses desafios fazem parte da prática docente de um professor ribeirinho, a falta de formação e disponibilidade de recursos é uma realidade observável que pode afetar de forma negativa o ensino e aprendizado dos alunos.

2.3 Estratégias de Autoformação

Falar sobre a autoformação do professor ribeirinho nos remete ao fato de grandes desafios. No meio amazônico, onde a cobertura telefônica e de Internet ainda é muito precária comunidades, principalmente, naquelas mais distantes da sede do município. O professor ribeirinho viaja de uma comunidade para outra em busca de sinal para realizar pesquisas de conteúdos em que o livro didático não contempla de uma forma mais ampla ou aprofundada.

Outra forma que é muito utilizada na educação no campo remete as trocas de experiências entre os próprios professores da escola. Em muitos casos, os professores mais experientes são os que mais ajudam aqueles que estão iniciando na carreira docente. As reuniões pedagógicas, as atividades e projetos realizados na escola, com os alunos, são uma

forma dessas trocas de experiências, em muitas das vezes são trocas positivas para o aprendizado e para manter o ensino cada vez mais acessível para os alunos.

Neste sentido surge algumas estratégias de autoformação que os professores ribeirinhos acabam utilizando como, buscar novos conhecimentos, não se prenderem em somente estudar matérias de sua formação e sim trabalhar com interdisciplinaridade, pois essa é a realidade ribeirinha, muitos professores atuam em áreas fora das suas formações.

Essas estratégias, sejam as trocas de conhecimentos, a busca ativa in loco por conhecer a realidade, os cursos de aperfeiçoamentos digitais que agrega bastante os conhecimentos dos professores e as inúmeras leituras de grandes autores da educação e do ensino, são de grande importância para uma autoformação docente na busca e compartilhamentos dos saberes para a prática docente.

Em síntese a autoformação docente proporciona a cada um de nós uma singular formação visando encontrar estratégias viáveis para aplicar o conhecimento, dando um novo sentido a nossa prática pedagógica buscando novas tecnologias que darão o sentido no Ensino, muitas dessas tecnologias educacionais podem servir de inspiração para os professores recém formados que atuarão no contexto ribeirinho.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa produção textual buscamos de forma sucinta deixar os registros das discussões que começou nas etapas anteriores que foi a explosões de ideias, o seminário e a roda de conversa. Ressaltamos aqui a importância das reflexões nossas, que ficaram pautadas em três momentos significantes, como as memórias destacando a resiliência, a formação docente, destacando a autoformação e a prática docente refletindo os desafios ribeirinhos dos professores no ensino na atualidade.

Em suma os discursões se tornaram para cada participante um momento singular de reflexão, pois cada um vive contexto diversificados em as suas práticas e isso ajuda a refletir as memórias e como o retrato do professor pesquisador se constroem, pois, a autoformação requer que hoje na contemporaneidade sejamos seres pesquisadores criando assim uma identidade ribeirinha no universo diversificado em que cada lugar tem suas particularidades.

3.4.5 Quinta etapa: live de Socialização das narrativas coletiva

A live de socialização foi realizada por meio das plataformas digitais, para este momento foi usada a plataforma do *Facebook e Instagram*, a escolha dessas plataformas se justificou pelas especificidades de internet dos participantes e pelo maior número de alcance de público possível levando em consideração o objetivo procedimental desta etapa que era “Socializar a narrativa coletiva, com os demais membros das escolas dos participantes, a partir de um evento virtual”.

Figura 32: Flyer de divulgação e capa live



Fonte: Acervo pessoal 2023

Assim sendo a socialização consistiu em um encontro virtual entre os participantes para socializarem a oficina como um todo deixando um espaço para que os participantes pudessem avaliar esse produto educacional aqui apresentado com *Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos*.

A live contou com uma vasta programação, este por sua vez que culminou com inúmeros acontecimentos de eventos ocorridos, tais como: data/hora e local da live, escolha do cenário, professores convidados, equipe de filmagem, páginas de divulgação e transmissão, Flyer de divulgação e capa da live, equipe de apoio, reunião com os professores convidados, construção do cenário entre outros acontecimentos que tangenciaram para o sucesso da live.

Em primeiro momento foi definido o local, em seguida foi feito o contato com os professores convidados para que juntos pudéssemos definirmos a data e a hora, e em comum acordo foi decidido o dia 02 de setembro de 2023 às 19:00 horas local.

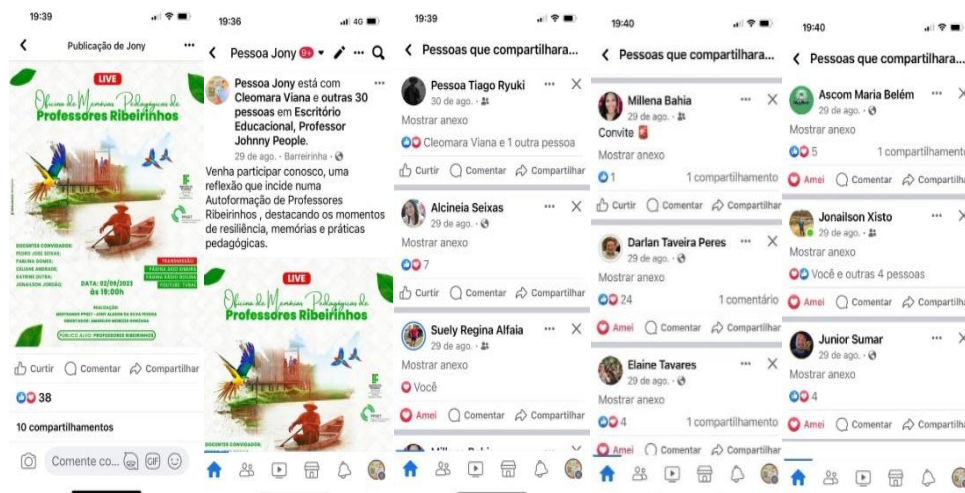
Mediante a isso foi feito o contato com duas páginas de produções e divulgações de eventos, “Barreirinha em Destaque” e “BAETV” ambas pertencente ao município de

Barreirinha, páginas essas que tem um bom número de seguidores, pois tínhamos como intencionalidade o maior alcance de pessoas possíveis principalmente professores ribeirinhos, após os contatos fechei a parceria com BAETV, tendo em vista o orçamento. Após todos esses acontecimentos foi necessário criar e definir Flyer de Divulgação e a capa do Cartaz da Live.

E assim encontrei como parceiro um Designer Jonison Alfaia da Silva, para ele apresentei as ideias de como queria o Flyer e assim foi construído.

Em seguida foram feitas inúmeras postagem nas redes sociais *Facebook e Instagram, status e grupos de WhatsApp*. Para este momento contei com os professores ribeirinhos, orientador, colegas mestrando do PPGET turma 2021 e alunos pertencentes ao Grupo de Acesso ao Mundo Científico a qual sou um dos coordenadores desse grupo de pesquisa pertencente a Escola Estadual Professora Maria Belém, entre outros parceiros que ajudaram no processo de divulgação da live.

Figura 33: Publicação de convite para live compartilhada via Facebook



Fonte: Acervo pessoal 2023

Para organizar a transmissão ao vivo (live) como evento online, onde outros professores pudessem ouvir as contações dos participantes e aprender com o processo contado por eles, no dia 02 de setembro de 2023 pelo horário da manhã da 08:00 às 13:00 horas foi dedicado para a montagem do cenário de onde foi transmitido a live, para este momento contei com ajuda do Professor de artes da E.E. Professora Maria Belém Heliton José Beltrão Carneiro, do designer Jonison Alfaia da Silva e do Grupo Científico, ambos foram de suma importância para a organização deste grande evento que ficou marcado na vida de muitos.

Figura 34: Equipe de apoio montando o cenário para live



Fonte: Compilação feita pelo autor, a partir do seu acervo pessoal 2023

3.4.5.1 Transmissão da Live de socialização da Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores ribeirinhos

A live foi programada para ter seu início às 19 h, porém devido alguns ajustes no sinal de internet teve seu início às 19:30 h e culminou às 21:00 h. Para esta live foi criado o link⁵ e compartilhado simultaneamente.

Figura 35: Apresentação da live



Fonte: Acervo pessoal 2023

Assim sendo, eu enquanto mestrando/pesquisador dei início a live com uma breve introdução sobre o objetivo do evento e o tema em foco, destacando a importância das

⁵ <https://fb.watch/mZPaHgKP6E/?mibextid=v7YzmG>

narrativas dos professores ribeirinhos que foram compartilhados ao longo das quatro etapas anteriores da oficina de memórias de professores ribeirinhos.

Para a live foram convidados 5 professores ribeirinhos, porém por problemas de saúde dois professores não puderam comparecer presencialmente, no entanto fizeram suas avaliações virtualmente a respeito da eficácia da oficina no chat da live.

3.4.5.1.1 Acolhimento e boas vidas aos internautas e convidados

Após apresentação da temática foi apresentado aos internautas os participantes convidados da noite destacando o curriculum de cada um, logo em seguida foi dados as boas vinda a todos os presentes e internautas, direcionando cada participantes aos seus assentos, dando assim início ao nosso primeiro momento de reflexão da noite. Estiveram presentes os professores: Prof. Me Jonailson Jordão Xisto, Prof. Me Pedro Jose Seixas dos Santos e Prof. Esp. Pablina Gomes dos Santos e eu Mestrando Pesquisador Jony Alason da Silva Pessoa.

Figura 36: professores participantes da live



Fonte: Compilação feita pelo autor, a partir do seu acervo pessoal 2023

3.4.5.1.2 Organização das temáticas da noite da live

A live ficou organizada em 3 momentos de reflexão e deixamos alguns norteamentos que tinham como propositura estimular a interação entre os participantes e o público, encorajando a perguntas, comentários e reflexões nos comentários da transmissão. No primeiro e segundo momentos ficaram pautadas na reflexão da memória de professores ribeirinhos, autoformação e prática pedagógica, destacando os momentos de resiliência,

levando os professores presentes e os que estavam online a reviver as quatro etapas anteriores já narradas por eles.

Figura 37: Momentos da live



Fonte: Compilação feita pelo autor, a partir do seu acervo pessoal 2023

E no terceiro momento deixamos para a reflexão e Avaliação da oficina, tendo o teor da validação da oficina, sabendo que o fruto de tudo isso foi o produto educacional que será apresentada e defendido paralelo a minha dissertação.

Com uma breve abertura, falei da memória de professores ribeirinhos, dos momentos de resiliência refletido e compartilhado ao logo da oficina e em seguida dirigir a palavra para a Professora Ribeirinha (P.G.S, 2023), para que a mesma pudesse resumir o que vivenciou ao longo da oficina, lembrando os momentos impar em sua vida onde tudo começou, e compartilhou para o público algumas falas que já havia falado ao longo das quatro etapas anteriores ao longo da oficina;

À minha experiência partiu do momento em que eu sair da minha comunidade já formada e surgiu a oportunidade de lecionar na comunidade São Paulo do açu que hoje é distrito, sabemos que saímos da faculdade e trazemos uma bagagem enorme de metodologias e didáticas para serem aplicadas, mas quando chegamos na sala de aula a realidade é outra, a comunidade é outra, na faculdade estávamos acostumado com data show, áudio, recursos digital ambiente totalmente diferente, aí surge a flexibilização [...], foi necessário conhecer o ambiente a realidade dos alunos do povo ao redor de mim, para que eu pudesse aplicar uma nova metodologia para que aluno pudesse se inseri naquela metodologia e didática [...], tive que contextualizar o ensino voltado para a cultura dele, tive que ressignificar as minhas aulas perante o cenário (P.G.S, 2023).

Figura 38: Professora compartilhando suas narrativas



Fonte: Prints da live Pagina BAETV 2023

Após a fala da Professora, o Professor (J.S.S, 2023), também fez um resumo da sua fala ao longo da oficina, lembrou alguns momentos fortes que foi a oficina e falou também da importância dela para a classe dos professores.

obrigado pelo convite para participar desta oficina que está sendo de bom proveito para nós professores e para aqueles que estão se formando [...]. Quando surgiu a vaga para eu ser professor, eu estava em Manaus e ainda estava cursando o Mestrado em Ensino Tecnológico-IFAM. e como a bolsa tinha sido cortado e a pandemia chegou no Amazonas, surgiu a oportunidade de lecionar no distrito do Ariaú, até então não conhecia essa comunidade [...]. Chegando em Barreirinha na Secretaria de Educação fui informado que lecionaria geografia e não história, área que eu sou formado, aí iniciava ali a minha experiência enquanto professor ribeirinho e o meu processo de resiliência, pois não sabia onde moraria e o que encontraria, mas seguir em frente. Chegando na comunidade fui aos poucos me adaptando a realidade da escola, se tratando de escola ribeirinha como sempre falamos em barreirinha, são pouquíssimas escolas que têm uma estrutura básica, e

Figura 39: Professor compartilhando suas narrativas



Fonte: Prints da live pagina BAETV

eu vinha de uma formação recém chegado do mestrado, como comentei ao longo da oficina tive uma dificuldade imensa da transposição didática, pois vinha de uma

formação do mestrado, com uma forma de falar, escrever, e chegamos a uma comunidade com uma outra cultura da linguagem, a forma de falar e escrever totalmente distorcida da realidade que vinha. A maioria ao longo da prática via que não estava entendendo o que eu tentava passar, sem falar que uns 30% dos alunos são pertencentes aos povos indígenas, e isso tive que usar o meu ser resiliente e fazer acontecer, para isso comecei a contextualizar a geografia que estava ministrando com a realidade deles, e isso são reflexões que para o momento se fazem necessário refletirmos no contexto atual, e essa oficina nos ajuda a vivenciar hoje (P.S.S, 2023).

Após a fala do professor (P.S.S, 2023), o docente (J.J.X, 2023) também teve a oportunidade de voz, para expressar suas narrativas ao longo da live nos ajudando a refletir a prática docente ribeirinha, este que participou também ativamente das quatro etapas anteriores ao longo da aplicação da oficina.

Agradeço a oportunidade de estar compartilhado essas experiências na oficina [...]. Quero saudar os alunos e professores da Escola Antônio Belchior Cabral localizado no Distrito de Freguesia do Andirá, onde todas as noites atravesso o Rio Andirá para se chegar nessa escola, muitas vezes arriscando a vida para levar educação aos alunos ribeirinhos. Bom! Compartilhando as mesmas perspectivas dos colegas aqui presente, a gente tem uma formação visada muito na área da tecnologia hoje nas nossas graduações, e na minha área da biologia muito centrada na prática de laboratório, e quanto tive a oportunidade de ministrar aula nessa escola ribeirinha, cheguei com essa ânsia de poder da essas aulas práticas em laboratórios, usar um data show e outros recursos digitais, mas a realidade era totalmente diferente, para completar a escola estava em reforma e as aulas estavam acontecendo duas turmas numa única sala com uma divisão de madeira, usaram dois anexos pertencente a comunidade e para se chegar de um anexo ao outro gastávamos 10 minutos. Porém foram em meio a essas dificuldades que buscamos ser resiliente sempre. Um recurso que de imediato usei foi a conversa e compartilhamentos de ideias com os professores mais experientes e os próprios alunos para tentarmos sanar e assim pudermos realizar algumas aulas prática, como por exemplo na praia um meio natural que foi possível contextualizar o ensino (J.J.X.2023).

Figura 40: Professor compartilhando suas narrativas



Fonte: Prints da live página BAETV

E nessa dinâmica de compartilhamentos de memórias pedagógicas foi acontecendo a live, sempre tendo o cuidado para que todos os participantes tivessem a oportunidade da fala, deixando-os sempre livres em suas narrativas.

3.4.5.1.3 A participação e o engajamento do público na live

A live em si, foi um momento de muita reflexão. Ao longo da realização da live teve 48 compartilhamentos feito pelos internautas, mais 1,3 mil visualizações e 66 comentários, uma noite memorável para aqueles que estavam participando os alguns participantes internautas interagiram no chat, o que enriqueceu e deu uma credibilidade a live. A seguir alguns prints de alguns comentários do chat da live.

Figura 41: Comentários dos participantes internautas



Fonte: Print da Live página BAETV

3.4.5.1.4 Avaliação da oficina

O final das contações de cada, fizemos um resumo dos principais pontos abordados. E reservamos um tempo para que os participantes pudessem avaliar a aplicação da Oficina de Memória Pedagógica de Professores Ribeirinhos como um todo, desde as etapas anteriores que foram a “explosões de ideias”, “seminário”, “roda de conversa” e “reunião de produção textual” até a culminância que foi justamente a live de Socialização.

A avaliação contou com 5 professores ribeirinhos, três presentes na live e dois que estavam participando virtualmente pelo chat da live por motivos de doenças. Foram avaliações positivas que ajudaram na validação da oficina como produto educacional aqui

apresentado para a classe científica que poderá inspirar outros professores pesquisadores a fazer o uso das aplicações desta oficina ao longo das suas pesquisas e práticas pedagógicas.

Caro leitor a seguir apresento as reflexões e avaliações sucinta da oficina feito pelos professores ribeirinhos.

A oficina ela tratou-se de uma oficina 100 % online, e por ser online a gente tem a oportunidade de buscar mais conhecimento, quando o professor Jonailson falou sobre as experiências sobre os grupos de Facebook, fui mais afundo sobre esses grupos para buscar novas práticas de didática voltado para o ensino, e quando a professora Pablina fala de resiliência , a gente tem um olhar diferenciado como podemos trabalhar meio a falta de recursos financeiros e didáticos para o ensino, ai a autoformação se faz necessário , uma das ferramentas que passei a utilizar mais frequentemente no foi o Facebook buscando novas metodologias e práticas inovadoras, e a interdisciplinaridade também se tornou necessário trabalhar na pratica. Quando a oficina proporcionou a troca de experiencia , de conhecimentos, a gente conseguiu entender e lidar com essa experiencias de outros professores como eles conseguem trabalhar, por exemplo o professor Jonailson que trabalhou um laboratório na própria floresta, utilizando o recurso natural que temos, vejo assim que trabalhando mais a resiliência me ajudou a ter um olhar diferenciado para essas situações , se formos medir o lado da nossa o prática pedagógica pro lado que não temos recursos, não faremos nada, mas a parti do momento que conseguimos ressignificar tudo isso, a gente avança no ensino.[...]. A avaliação é muito positiva pois nos ajudou a refletir todo esse cenário, faço apenas uma observação crítica que faltou apenas um encontro com todos os professores participantes, porém reconheço e sabemos da dificuldade de reunirmos tendo em vista a geografia dos lugares. Portanto a troca de experiencia foi muito significativo para todo mundo (P.S.S, 2023).

Figura 42: Professor fazendo sua avaliação sobre a oficina



Fonte: Acervo pessoal 2023

Quero agradecer a oportunidade que a oficina deu de compartilhar as experiencias, as nossas vivencias, falar um pouco das nossas alegrias que temos ao longo da prática pedagógicas ribeirinhas é de fundamental importância , por exemplo na oficina compartilhei o prêmio Criativo que em 2019, tive a oportunidade de ganhar, onde os alunos fizeram um seminário na floresta [...], utilizando a nossa floresta como Laboratório natural , onde fomos até em Roma na Itália , para participar de uma conferência internacional de crianças e jovens com mais de 45 países presentes .Uma outra premiação criativo da escola em 2020 que ganhei no contexto ribeirinho, reutilizar para conservar, a oficina foi de suma importância para compartilharmos essas vivencias, e aprender com as vivencias dos nobres colegas que compartilharam conosco (J.J.X, 2023)

Figura 43: Professor fazendo sua avaliação sobre a oficina



Fonte: Acervo pessoal 2023

Foram várias experiências e em vários sentidos, inclusive compartilhar conhecimentos e experiências, mais nós aprendemos[...]. A oficina em si aprendi bastante como levar uma boa aula, como as memórias nos remetem, como ela pode nos influenciar a escolher a profissão, como a memórias afetiva está impregnada nos nossos dias de hoje, eu tive muito aprendizado nesta oficina, quanto pedagógico, didático, metodológico foi bastante proveitoso, só tenho a agradecer, que outros professores e alunos possam se inspirar nesse trabalho (P.G.S, 2023).

Figura 44: Professora fazendo sua avaliação sobre a oficina



Fonte: Acervo pessoal 2023

As cinco etapas como foi direcionado da Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos , aplicada pelo Mestrando Jony Alason da Silva Pessoa, avalio positivamente, pois como ela aconteceu utilizando o recurso digital um aplicativo , aqui conhecido como WhatsApp, foi de grande relevância pois permitiu nós professores ribeirinhos nos escassos tempos que temos de participarmos e refletirmos as nossas resiliências, a nossa formação, a busca pela autoformação que se fazem necessárias, e como a prática pedagógica no contexto ribeirinho está acontecendo, foi um momento de aprofundamento e reflexão dos nosso itinerários vividos até aqui, obrigado Professor Jony Pessoa por proporcionar esse momento (C.P.A, 2023).

A oficina aplicado pelo Mestrando professor Jony Alason da Silva Pessoa, avalio positivamente, pois permitiu refletirmos nossa prática pedagógica ao longo das cinco etapas , foi um momento de significativo que nos levou a voltar no passado “memória de professor “ e contextualizar com o presente como a prática docente está acontecendo, principalmente as discursões sobre autoformação que é um tema emergente me nossa prática, obrigado professor por nos proporcionar vivenciamos tudo isso ao longo da oficina (K.S.D, 2023).

Figura 45: Avaliação das duas professoras que participaram online



Fonte: Prints do chat da live página BAETV

Foi nessa dinâmica apresentado que ocorreu a live de socialização da Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos, foi um momento de muita reflexão, avaliação e socialização das narrativas dos professores, que se disponibilizaram a estarem presente neste momento importante da oficina, que proporcionou para outros pesquisadores, professores ribeirinhos, alunos e internautas que não participaram das quatro etapas precedentes da live, a conheceram a propositura desta oficina e emergirem nas narrativas apresentadas.

3.4.5.1.4 Encerramento Gravação e disponibilização da live

O termino da live, foi um momento para agradecer a todos que ajudaram de forma direta e indiretamente na live, aproveitei o ensejo para agradecer a todos os Professores Ribeirinhos que participaram desde a primeira etapa até a última da “Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos”. A transmissão ao vivo foi gravada e disponibilizada para que outros estudantes, professores e pesquisadores que não poderão estar conosco na live possam assistir, proporcionando como recurso de aprendizagem, a live ficou publicada plataforma do *Facebook* tornando-a acessível a um público mais amplo.

A Oficina de Memórias Pedagógica de Professores Ribeirinhos, direcionada para professores, cuja contribuição incidiu na autoformação, dando voz as narrativas das práticas, ao ensino e aos conhecimentos desses profissionais, bem como incentivo a autoformação e o aprendizado colaborativo na comunidade educacional.

Figura 46: Professores e colaboradores da live



Fonte: Compilação feita pelo autor, a partir do seu acervo pessoal 2023

Em suma, a aplicação dessa oficina ao longo das etapas propostas procurei direcionar de forma sucinta e responsável cada etapa, proporcionando a cada participante a liberdade e oportunidade de compartilhar os momentos significativos em suas vivências enquanto professor ribeirinho, percebi que no que tange a oralidade, o contar-se de si, muitos ainda tem dificuldade para expressar suas oralidades, e para o silêncio de alguns participantes ao longo da aplicação procuramos instigar a fala, porém respeitamos o silêncio daqueles que não quiseram dar suas devidas contribuições e compartilhar conosco suas memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Narrar é mais do que simplesmente contar uma história; é compartilhar uma trajetória da qual também fazemos parte. Em algum momento, já fomos ou nos sentimos personagens, desempenhando papéis de autor, ator, leitor e ouvinte. Ao darmos voz as narrativas dos professores ribeirinhos de quem conta de si mesmo, comparadas com as narrativas do pesquisador, a partir da aplicação da Oficina de Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos, os flashes de memórias dos professores revelam o significado que as dimensões autoformação e formação como profissional, provocadas pela autorreflexão, assumem no percurso de sua prática educativa ribeirinhas.

No meu memorial formativo, ao contar das lembranças significativa em minha vida, eu enquanto professor/pesquisador ribeirinho em formação procurei refletir e contar sobre mim, tanto como profissional, tanto como pessoal, dado que são dimensões inseparáveis na minha vida. Assim sendo, procurei de forma sucinta selecionar episódios marcantes tantos pessoais como profissionais, que possam inspirar os futuros docentes em formação, os que já atuam e os que estão começando a profissão, a sonharem, acreditarem, a serem ousados e serem resilientes nas adversidades da vida.

Contar a nossa história no sentido ontológico, numa abordagem autobiográfica, é um caminho relevante para a compreensão do presente, bem como desenvolver olhares de observação sobre os elementos alterados ou perdidos que podem ser ressignificados, tanto no cotidiano escolar ribeirinho, quanto no desvelar do processo de recriação da nossa memória, compreendendo-a como memória individual. Segundo Bosi (1994, p.68), falar sobre si mesmo e do tempo vivido tem grande importância, pois a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente, é como o indivíduo recorda dos acontecimentos, é a sua memória. Neste sentido, “a autobiografia, que se centra no passado profissional do professor e no seu mundo pessoal, é fonte de compreensão das respostas e ações no contexto presente.” (Bolívar, 2002, p. 175-176). Por sua vez, para Chizzotti, “[...] a autobiografia é uma história de vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrada por outrem, concomitantemente com a vida descrita, na qual o narrador esforça-se para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal. (2006, p. 102).

Foi nessa abordagem que procurei contar sobre mim para que você leitor pudesse conhecer a história de um professor ribeirinho em formação continuada que conta os episódios de sua vida, para depois narrar as histórias dos professores ribeirinhos revelados nos

flashes de memórias no cenário amazônico advinda da aplicação da oficina revelado como produto educacional.

Ao falar no cenário amazônico, não poderemos deixar de falar do rio que é um dos elementos importantes para a formação desse cenário. O rio se torna epicentro da cultura ribeirinha, e ele é de suma importância para os professores ribeirinhos, pois ele se torna as nossas estradas que interligam uma a comunidade a outra. Cada comunidade ribeirinha ainda que interligada pelo mesmo rio, mesma região, apresentam suas especificidades local, e ao navegarmos pelos rios, ele acaba se tornando uma fonte inesgotável de inspiração, um símbolo de resiliência e um reflexo da identidade dessas comunidades por onde cada professor passa e constrói sua história de vida, ou seja, o rio não representa apenas um cenário de vida, mas é um elemento fundamental no contexto das comunidades ribeirinhas, permanecendo como “[...] um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro.” (Santos, 2001, p. 114).

As narrativas dos professores ribeirinhos, trouxeram grandes reflexões sobre os trajetos que no dia a dia fazem para chegar na escola, é a partir do singrar do rio que eles vão construindo e reconstruindo saberes, refletindo suas práticas pedagógicas dando consciência e o sentido de sua existência enquanto professor ribeirinho que necessita está em constante formação, passando a compreender-se como parte integrante de uma comunidade e assumindo-se como professor(a) comprometido(a) com a transformação do presente e contribuindo com construção de futuro melhor para educação desses lugares.

Na busca da autoformação, ir *in loco* e conhecer a realidades dos espaços educandários, conviver com os costumes, tradições, culturas e crenças religiosas, é um fator primordial indispensável para prática pedagógica na construção/reconstrução de novas tecnologias educacionais voltadas para o Ensino Tecnológico nas comunidades ribeirinhas. Com a execução da “oficina memórias pedagógicas dos professores ribeirinhos” como produto educacional, percebemos o quanto as memórias são valiosas fontes de conhecimento, que merecem ser preservadas e estudadas com cuidado. Elas oferecem percepções únicas sobre os desafios e sucessos enfrentados por esses educadores em contextos muitas vezes desfavorecidos. Além disso, essas memórias revelam estratégias criativas e inovadoras que os professores ribeirinhos desenvolvem para superar as dificuldades não sanadas com a formação inicial, adaptando suas práticas pedagógicas às necessidades específicas de cada localidade ribeirinha, tendo como o ponto de partida a autoformação.

Os flashes de memórias, nos ajudam a compreender e aprender lições importantes sobre resiliência, empatia e a importância da educação inclusiva. Elas também ajudam a iluminar a riqueza cultural e histórica das comunidades ribeirinhas, destacando a diversidade de experiências e conhecimentos que muitas vezes são subestimados ou negligenciados. O teor dessas memórias pedagógicas, foi crucial para adotarmos uma abordagem sensível e ética, respeitando a privacidade e a dignidade dos professores e das comunidades envolvidas.

Além disso, ao darmos voz aos professores ribeirinhos, as narrativas sinalizam por políticas educacionais que promovam a igualdade de acesso à educação e apoiem os professores em contextos desafiadores. Com a criação de novas políticas públicas, podemos construir um sistema educacional mais inclusivo e equitativo, que reconheça e valorize as contribuições valiosas dos professores ribeirinhos e de todas as comunidades marginalizadas, criando assim um ambiente educacional mais rico e significativo para todos os alunos.

Um outro ponto que ao longo da pesquisa, ficou notório é a necessidade de uma descentralização dos recursos voltados para a educação, é necessário olharmos mais para as escolas ribeirinhas, é necessário darem possibilidades e suportes para professores irem em busca da autoformação nas perspectivas de ele criar, recriar novas tecnologias educacionais para serem aplicados ao longo da prática docente, tendo como frutos um ensino mais significativo e eficaz nas escolas ribeirinhas. As narrativas também sinalizam uma reflexão a respeito da democratização da educação na atualidade, pois a maioria das escolas ribeirinha emergem por tecnologias digitais para proporcionar para os professores novas vivências pedagógicas atrelados a prática docentes, sabendo que nos tempos atuais as tecnologias digitais não são democratizadas em nosso estado, ou seja, novas políticas se fazem necessário.

Em suma, a tessitura da temática, trouxe grandes reflexões e contribuições significativas que impactou muito na construção do Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós Graduação de Ensino Tecnológico-PPGET, que poderá servir de inspiração para os professores em suas práticas pedagógicas na atualidade, e para os formadores fazerem uso desse produto, pautados na autoformação, formação docente, prática pedagógica e resiliência de professores ribeirinhos.

Encerro este trabalho com a seguinte passagem bíblica: “Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2 Timóteo 4:7-8).

REFERÊNCIAS

Amaro, Ivanildo. **Oficina de produção de textos**. ivanamaro@terra.com.br.

Angst, Cláudia Maria. **Resiliência e família: revisão sistemática da literatura**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 237-245, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722009000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2023.

André, Marli. **A pesquisa sobre formação de professores: contribuições e delimitações do campo**. In: DALBEN, Ângela I. L. F. et. Al. **Didática: convergências e extensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Bicudo, Maria Aparecida Viggiane. **Capítulo 3 Pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidades de análises**. Editora Cortez, São Paulo, 2011.

Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2011). **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva.

Bodin, P AND Wiman, B. **Resilience and other stability concepts in ecology: Notes on their origin, validity, and usefulness**. ESS Bulletin 2, 33-43. 2004.

Bolívar, A. **Dimensões epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica**. Abrahão, M. & Passeggi, M. (Orgs.). **In Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. (pp. 27-70). 2012, Natal: EDURRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB

Borges, Adriana Costa, et al. **Reflexões sobre a inclusão, a diversidade, o currículo e a formação de professores**. v. 3 (2013): Educação, Tecnologia e Interdisciplinaridade.

Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. (Originalmente publicado em 1983)

Cain, A. **O poder dos quietos: como os tímidos e introvertidos podem mudar um mundo que não para de falar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S.A, 2012.

Campos, Angelo Mariano Nunes. **A prática de ensino dos docentes do Curso de Turismo do CEFET/PA – uma análise centrada na metodologia do ensino**. Revista Urutágua. Maringá, n.6, abr/mai/jun/jul, 2006. Disponível em < <http://www.urutagua.uem.br/009/09campos.htm> > Acesso em 20/05/2023.

Chizzotti, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

Corazza, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: Costa, Marisa (org). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: Editora Mediação, 2002, p. 105-132.

Clandinin, D. J.; Connelly, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

Clandinin, D. Jean; Conelly, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Creswell, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallman da Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

Cyrulnik, Boris. **Os patinhos feios: a resiliência: uma infância infeliz não determina a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Cunha, M. I. (2007). **Saberes docentes e formação de professores**. Campinas: Papirus.

Delors, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

Fischer, Rosa Maria Bueno. **A paixão de trabalhar com Foucault**. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs). **Caminhos Investigativos III: risco e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro. DP&A, 2005, p. 117-140.

Fonseca, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Freitas, A. A., & Paiva, V. N. (2021). **A autoformação de professores e o uso de tecnologias digitais: uma revisão sistemática de literatura**. Revista Brasileira de Tecnologia Educacional, 30, e23691.

Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo Paz e Terra, 1996.

Freire, Paulo. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança vol.1.9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

Freire, P.; Shor, I. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Gadamer, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Gallego gómez, Julia. **Velhos lutadores sociais do Uruguai: histórias de resiliência**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de PósGraduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Gil, A. C. **Método e técnica de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Gurgel, Ângela M. Rodrigues. **Diversidade Cultural**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/1885115>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

Gordon, J. **Structures**. Harmondsworth, UK, Penguin Books., 1978.

Grotberg, E. H. **Novas tendências em resiliência**. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.infan

Husserl, Edmund. **Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy**. First Book: **General Introduction to a Pure Phenomenology**. Trad. F. Kersten. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1982.

https://ledum.ufc.br/arquivos/didatica/1/Saberes_Docentes_Saberes_Professores.pdf.

Infante, F. (2005). **A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente**. Em A. Melillo; E. N. S Ojeda e col. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. (V. Campos, trad.) (pp. 23-38). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2001).

Infante, F. **La resiliencia como proceso: una revisión de la literatura reciente**. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. (Comp.). **Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

Imbernón, Francisco. **Formação Docente e Profissional: Forma-se para a mudança e a incerteza**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____**Formação permanente do professorado: novas tendências**. Trad.: VALENZUELA, Sandra Trabucco. São Paulo: Cortez, 2009.

Imbernón, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011

Josso, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

Josso, M. C. **O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores**. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. Revista @mbienteeducação, São Paulo, . 2, n. 2, p. 136-139, ago./dez., 2009. Disponível em:<http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf>Acesso: 21/05/2023

Libâneo, J. C. & Pimenta, S. G. (2014). **Formação de professores: conhecimentos, representações e práticas**. São Paulo: Cortez Editora. Pimenta, S. G. & Anastasiou, L. G. C. (2014). **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez Editora.

Luthar, S. S., & Cicchetti, D. (2000). **The construct of resilience: Implications for interventions and social policies**. *Development and Psychopathology*, 12(4), 857-885. <https://doi.org/10.1017/S0954579400004156>

Martins, L. M. **O legado do século XX para a formação de professores**. In: Martins, L. M.; Duarte, N. (Orgs.) **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura Autêntica, 2010

Marques, S. C. (2008). **Resiliência e bem-estar: Contributos para a validação da escala de resiliência**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 9(1), 89-102.

- Marcelo, C. **Formação de professores: Para uma mudança educativa**. Porto: Porto, 1999.
- Marcelo, C. et al **La innovación en la universidad: del Gatopardo al iPhone**. Revista Gestión de la Innovación en Educación Superior, v. 1, n. 1, p. 29-57, 2016.
- Masetto, Marcos T; **Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação**. In: MORAN, José Manuel. Masetto, Marcos T. Behrens, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e mediação pedagógicas. -Campinas, SP: Papirus, 2013 -(Coleção Papirus Educação).p. 141-171.
- Masetto, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. Summus editorial, 2012.
- Masten, Ann S. **Resilience in children and youth: a review**. *Children and Youth Services Review*, v. 33, n. 2, p. 337-341, 2011.
- Moran, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2000. _____; Masetto, M. T.; Behrens, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2013.
- Mota Neto, J.C; OLIVEIRA, I.A. **Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação**. In: OLIVEIRA, I.A. (Org.). Cartografias ribeirinhas, saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: C.C.S.E – UEPA, 2004.
- Merleau-Ponty, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NICOL, L. **A hora da verdade: a arte de entrevistar pessoas**. São Paulo: Scipione, 1997.
- Norris, F. H., Stevens, S. P., Pfefferbaum, B., Wyche, K. F., Pfefferbaum, R. L.: **Community resilience as a metaphor, theory, set of capacities, and strategy for disaster readiness**. *Am. J Community Psychol* 41, 127-150, 2008
- Nóvoa, António. **Os Professores e as Histórias de Vida**. In: ____ (org). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2000.
- Nunes, C. M. F. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. *Educação & Sociedade*. no 74, Campinas: Cedes, 2001.
- Nunes, P. **Brainstorming**, 2008. Disponível em: <<http://www.knoow.net/cienceconemp/gestao/brainstorming.htm>>. Acesso em: 2 mai. 2023.
- Nunes, Terezinha. **Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico**. Revista Educação. Belo Horizonte, n.12, dez. 1990. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n12/n12a04.pdf> acessado em: 14 mai. 2023.
- Pereira, M. V. F., & Bazzo, W. A. (2010). **Ciência e tecnologia: conceitos e relações**. Ijuí: Ed. Unijuí.

Pinto, J. L. T. (2002). **Compêndio de resistência dos materiais**. São José dos Campos, SP: UNIVAP.

Sandin, E.M.P. **Pesquisa qualitativa em Educação: Fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

Santiago, Anna Rosa F. **Leitura crítica e pesquisa educacional: dimensões da formação docente**. In: MELLO, Reynaldo. I. C. (Org.). Pesquisa e formação de professores. Cruz Alta: Centro Gráfico UNICRUZ, 2002. (Série Interinstitucional Universidade-Educação Básica). Entrevista _ RM Estudos Culturais disponível:

https://www.researchgate.net/publication/301690979_Estudos_culturais_para_analises_subalternas. Sampaio, J.; Santos, G.C.; Agostini, M.; Salvador, A.S. **Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado com a saúde: uma experiência com jovens no sertão de Pernambuco**. Interface. Botucatu, p. 1299-1312, 2014.

Disponível em: < <https://www.scielo.org/pdf/icse/2014.v18suppl2/1299-1311/pt> > Acesso em: 12/05/2023.

Severino, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002

Silva, R. M., & Serra, H. M. (2021). **O uso de aplicativos digitais como recursos facilitadores na auto formação de professores**. Educação em Análise, 33(3), 865-884.

Silva, V. F. & Bastos, F. A. (2012). **Formação de Professores de Ciências: reflexões sobre a formação continuada**, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 150-188.

Suárez, Daniel Hugo. et al. **La documentación narrativa de experiencia pedagógica: una estrategia para la formación docente**. Buenos Aires: Ministério de la Educación, Ciencia e Tecnología; AICD, 2005.

Sordi, Anne Orgler; Manfro, Gisele Gus; Hauck, Simone. **O Conceito de resiliência: diferentes olhares**. Revista Brasileira de Psicoterapia, Porto Alegre, v.13, nº 2, p.115-132, 2011.

Tardif, M.; Lessard, C.; Lahaye, L.(1991) **Os Professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação, n.4, p. 215-233.

Tardif, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Tardif, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Tavares, J. (2001). **A resiliência na sociedade emergente**. Em J. Tavares (org.) Resiliência e Educação. (pp. 43-75) São Paulo: Cortez.

Tavares, José. **O professor e a resiliência: um estudo sobre a capacidade de resistência dos professores**. Educação e Pesquisa, v. 36, n. 4, p. 1059-1074, 2010.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Warschauer, C. **As diferentes correntes de autoformação**. Educação On-Line, 2005. Disponível em: Disponível em: <https://331e03ee-3c3b-415f-be8d-7d48a2328167.filesusr.com/ugd/603c36_89c4041ad0c140b39714e12df7c83cc1.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2023.

_____. **Rodas em rede. Oportunidades formativas na escola e fora dela**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.

WARSCHAUER, C. A roda e o registro: **uma parceria entre professor, aluno e conhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002.

Zanon, D. P., Althaus, M. T. M. **Possibilidades didáticas do trabalho com o seminário na aula universitária**. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEDSUL, 2010, Londrina. Disponível em: www.maiza.com.br. Acesso em: 15 de maio de 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE A - CONVITE PARA PARTICIPAR DA OFICINA DE MEMÓRIAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS.

CONVITE

Eu **JONY ALASON DA SILVA PESSOA**, mestrando do Programa de Pós Graduação em Ensino Tecnológico-PPGET- Turma 2021 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, pesquisador na Linha de Pesquisa 1 Processos para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico, convido você docente Ribeirinho, para participar da **OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS**, que será aplicado em cinco etapas. O evento acontecerá de forma virtual nas 4 primeiras etapas via Grupo de *WhatsApp* e a quinta etapa que incidirá em uma live de socialização acontecerá presencial e virtual via *Facebook e Instagram*. A primeira etapa está marcada para o dia 08 de julho, pela manhã das 08 às 12 h e a tarde das 14 às 17 h. e as demais etapas serão definidas e combinadas a partir da primeira

Contamos com a sua participação!

Barreirinha-Am 02/07/2023



Jony alson da Silva Pessoa
Mestrando PPGET/2021

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente termo, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico-PPGET, dissertação intitulada “**Memórias Pedagógicas de Professores Ribeirinhos do Baixo Amazonas**”, tendo como autor o Mestrando Jony Alason da Silva Pessoa, sob a orientação do Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga. os seguintes aspectos: Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “**OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS**”.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. A presente pesquisa é motivada pelo pretexto de resgatar da história de vida dos professores ribeirinhos, valorizando sua trajetória pessoal e profissional e reconhecendo suas contribuições para a comunidade educacional, destacando os momentos de resiliência, autoformação e prática pedagógica.

O objetivo desse projeto é **oportunizar possibilidades dialógicas para professores ribeirinhos contarem de si, pautando-se em flashes de memória, tomando como recurso otimizador um aplicativo digital**. Para a coleta de dados será utilizado os aplicativos digitais tais como, *WhatsApp, Facebook e Instagram*.

A oficina aqui proposta é dividida em cinco etapas. As quatro primeiras denominadas: Tempestade de ideias, seminário, roda de conversa e reunião de produção textual, utilizaremos o grupo de *WhatsApp* como recurso facilitador para colher as narrativas, e para a última etapa aqui denominada live de socialização de narrativas, utilizaremos o Facebook, como recurso tecnológico para a transmissão.

Como parte fundamental deste processo, solicitamos a sua participação voluntária e autorização para uso dos direitos de uso de suas narrativas, imagem e nome, ressaltando o caráter científico da ação, os resultados aparecerão na dissertação final do Mestrado, podendo também, fazer parte de publicações de caráter científico.

Ao assinar este documento, **DECLARO** que recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara, assim concordo em participar do estudo e **AUTORIZO** a utilização de minhas narrativas, imagem, nome registrado nas cinco etapas desta oficina. Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (02 laudas), ficando outra via com o pesquisador.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “OFICINA DE MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento. _____, de _____ de 20____

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante